SET

CINEMA & VÍDEO

5633 - Maio,1993 - Ed.71 - Ano VII - Nº 05 - Cr$ 140.000,00

EDITORA AZUL

VÍDEO

CHEGA A VERSÃO SEM CORTES DE *INSTINTO SELVAGEM*, NA FRONTEIRA DO PORNÔ

UM DIA DE FÚRIA

A PSICOSE DE MICHAEL DOUGLAS

ADRIAN LYNE

O DIRETOR DE *9 1/2 SEMANAS DE AMOR* E *ATRAÇÃO FATAL* EXPLICA SUA "PROPOSTA INDECENTE"

ENTREVISTA

DEMI MOORE

EM *INDECENT PROPOSAL*, O PAPEL MAIS SEXY DE SUA CARREIRA

ALPHA FILMES, O VÍDEO COM VIDA:

PRODUÇÃO 1992

O MUNDO SOB UMA PERIGOSA AMEAÇA. UM GRANDE HERÓI LUTA BRAVAMENTE PARA MUDAR O DESTINO.

MARK HAMILL

(Guerra Nas Estrelas, O Império Contra Ataca, O Retorno de Jedi, Uma Carona Para o Inferno)

"MARK HAMILL volta a fazer o que de melhor ele faz. Filmes de ficção com muita ação".
– DAILY NEWS –

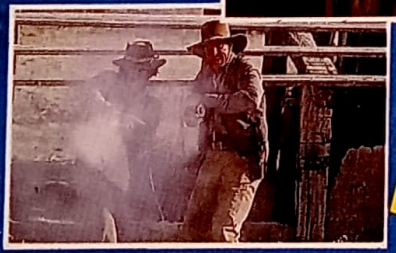
PRODUÇÃO 1993

KENNY ROGERS

(6 é Demais, A Outra Face de um Covarde, O Jogador Invencível)

STACY KEACH

(A Grande Batalha, S.O.S. Submarino Nuclear, O Campeão da Temporada)



DOIS HOMENS JUNTAM FORÇAS E RUMAM PARA UMA JORNADA DE SANGUE.

"Parece que os melhores tempos dos Westerns estão voltando. RIO DIABLO é uma boa prova."
– BOSTON GLOBE –

R&M 262-4046

ALPHA FILMES

R. Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia - 01028-000 - São Paulo SP - Tel: (011) 229-3864 - 229-0240 - 228-2230 - Fax: (011) 227-1957

"Eu adoraria ter feito o papel de Sharon Stone em *Instinto Selvagem*". A autora da frase, acredite, é a bem-comportada Demi Moore de *Ghost* e *Questão de Honra*. Ela é a estrela de *Indecent Proposal*, a nova e tórrida produção de Adrian Lyne – aquele mesmo que transformou Kim Basinger numa diva sexy com *9 1/2 Semanas de Amor*. Na trama, Demi resolve passar uma noite com um milionário (Robert Redford) em troca de um milhão de dólares. Tudo sob os olhos compreensivos do marido. A atriz e o diretor falam do filme que, aliás, já é um escândalo nos Estados Unidos. Ainda sobre escândalos: finalmente chega às locadoras brasileiras a versão sem cortes de *Instinto Selvagem* com 42 segundos a mais que você não viu no cinema. O filme é o principal destaque do caderno *Videolançamentos* que ganhou mais páginas e ficou mais fácil de ser consultado. Nem só de escândalos vive SET, entretanto. Antecipamos as comédias amalucadas que invadirão o verão americano e que poderão ser conferidas aqui no começo do inverno. São paródias maluquíssimas que satirizam várias produções hollywoodianas – entre elas, *Máquina Mortífera* e, claro, *Instinto Selvagem*. Divirta-se e até o mês que vem.

Fotos de capa: Demi Moore e Instinto Selvagem (Warner)

4 TAKES
A misteriosa morte de Brandon Lee

14 DEMI MOORE E ADRIAN LYNE
Indecent Proposal, o drama sexy do ano

22 A HORA DA MALUQUICE
Hollywood satiriza a si mesma

28 UM DIA DE FÚRIA
Michael Douglas enfrenta minorias raciais num filme propositalmente provocativo

32 A TERCEIRA MARGEM DO RIO
Uma visita ao set de Nelson Pereira dos Santos

36 POINT OF NO RETURN
Bridget Fonda, bela e perigosa, no remake de Nikita

41 VIDEOLANÇAMENTOS
Instinto Selvagem*, *Mediterrâneo* e *Twin Peaks

54 NOVOS FILMES
Malcolm X*, *Uma Mulher para Dois* e *O Fetiço do Tempo

58 FREE SHOP
Trilhas, livros, equipamentos e laser

60 MITO
Lilian Gish, a maior atriz do cinema mudo

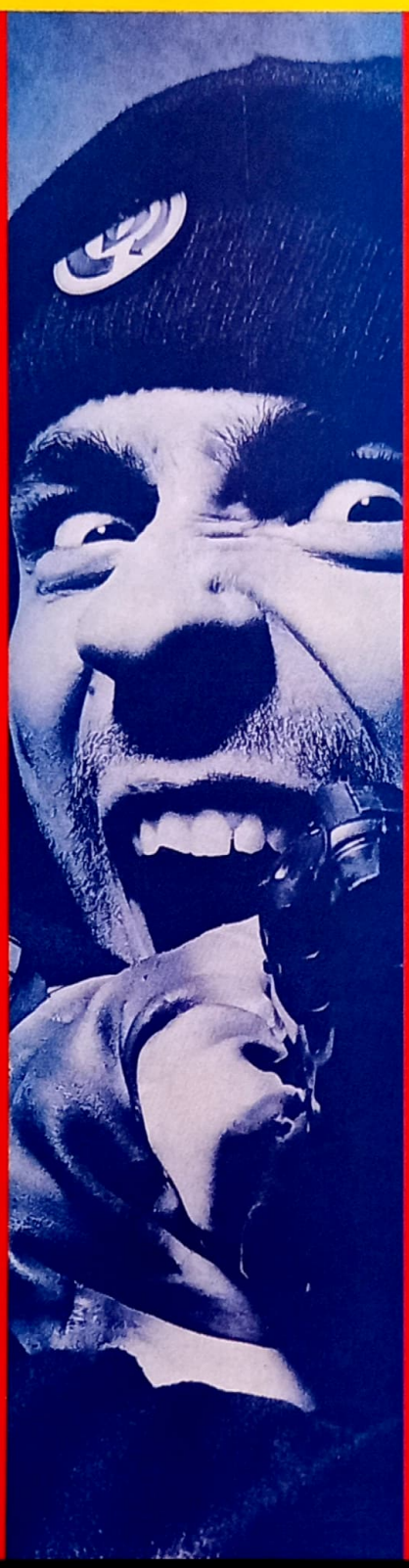
63 CARTAS

65 FILMOGRAFIA

66 NOSTALGIA

BiZZ

De Cara Nova, Re



BiZZ

A revista BIZZ mostra as novas caras da música pop brasileira e aproveita para mostrar sua cara nova. Você vai ver Edu K, Carlinhos Brown, Skank e Okotô.

velando Novas Caras.

Com A BIZZ Você Vai Mais Longe.
Antes Que Tudo Aconteça.

Já nas Bancas.

EDITORA AZUL

Universal

Maternidade: todo mundo esperando o nascimento dos babies sauros

MERCHANDISING

ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTÁ-LO?

Este será o ano da invasão dos dinossauros. Na cola de *Jurassic Park*, a megaprodução de Steven Spielberg, vem aí camisetas, games, brinquedos, quadrinhos, enfim, uma pá de tranqueiras inspiradas nos lagartos do filme. No Brasil, quem está licenciando a marca Jurassic Park é a PlayArte Licensing que promete infestar o país com os bichos nos mais variados produtos. Os dinomaníacos não vão ter do que reclamar.

EL MARIACHI

UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDÉIA NA CABEÇA

El Mariachi é a prova concreta de que para se fazer cinema, imaginação é bem mais importante que dinheiro. A produção foi realizada pela bagatela de sete mil dólares – custo de um espetáculo médio na Broadway – por um guri de 24 anos, Robert Rodriguez. Para conseguir o dinheiro necessário para seu projeto, Robert inscreveu-se como cobaia para testar uma nova droga anti-colesterol. Com a grana no bolso, pegou sua câmera 16 mm e se mandou para o México disposto a fazer um épico. E fez. O *plot* é uma baba: um cantor andarilho chega à uma pequena cidade mexicana e é confundido com um perigoso assassino. A partir daí, é só tiroteio e confusão. O filme, à princípio destinado ao circuito *underground*, acabou caindo nas mãos de um executivo da Columbia Pictures que, impressionado com o bom nível da produção mambembe, contratou Robert no ato. Além de refilmar *El Mariachi* em 35 mm, com um orçamento de um milhão de dólares, a Columbia resolveu lançar comercialmente o original com uma nova sonorização. *El Mariachi* deve chegar ao Brasil em junho. Cineastas nacionais, inspirem-se no bom exemplo do moço, parem de choramingar por apoio estatal e mãos à obra!

Columbia

Robert Rodriguez dirige o épico mambembe *El Mariachi*

RÚSSIA

MATOU O COMUNISMO E FOI AO CINEMA

Ken Russell, Jean-Luc Godard, Peter Bogdanovich (e talvez Fellini) vão participar de um projeto para a TV americana intitulado *Russia – Momentous Events in the Ninities*, cada um fazendo um curta-metragem de 20 minutos. Godard pensa em filmar algo sobre o papel da mulher na sociedade russa, enquanto Bogdanovich e Fellini ainda não escolheram seus temas.

Mas o projeto mais esquisito até agora é o de Russell: *Alice in Russialand*. Ele vai traçar um paralelo entre os acontecimentos recentes da ex-União Soviética com o livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. O cineasta também vai interpretar o Gato-que-Ri, rebatizado de Glasnost.

Stills

MARISA TOMEI

O PULO DA GATA

Segundo a revista *Entertainment Weekly,* Marisa Tomei é "a razão pela qual ninguém acertou 100% das apostas que fez nos vencedores do Oscar nos bolos de escritório". De fato, provavelmente ninguém apostou nessa menina do Brooklyn, ainda mais quando ela concorria com pesos pesados como Joan Plowright, Vanessa Redgrave, Miranda Richardson e Judy Davis. "Xenofobia?", perguntou a revista, indicando uma possível aversão da Academia de Artes e Ciências Cinematográfias por artistas estrangeiros (uma falácia, como Emma Thompson comprovou).

Mas o susto maior deve ter sido da própria Marisa quando Jack Palance anunciou seu nome no palco do Dorothy Chandler Pavillion. "Ninguém ficou mais surpresa do que eu", ela diria mais tarde, nos bastidores, ainda tremendo levemente e rindo frouxo. "Ainda estou flutuando, tudo me parece meio surreal." Só não ache que Tomei surgiu do nada e ganhou um Oscar apenas porque foi a única a ter arrancando gargalhadas dos acadêmicos – *Meu Primo Vinny,* afinal, era a única comédia na categoria de atriz coadjuvante. Tarimbada nos palcos nova-iorquinos e angelenos, e integrante da trupe Naked Angels, antes da conhecida estatueta dourada ela já havia papado o Theatre World Award de estreante por sua participação em *Daughters,* de 1986, e o Dramalogue Award de Melhor Atriz pelo trabalho que fez em *Beirut.*

No cinema, ela já representou ao lado de Matt Dillon (*The Flamingo Kid*), Sylvester Stallone (*Oscar*) e Robert Downey, Jr. (ela é a comediante Mabel Normand na cinebiografia *Chaplin*).

RENASCIDO DAS TREVAS

FRANKENSTEIN SAI DO TÚMULO NA PELE DE DE NIRO

Francis Coppola é mesmo um espertalhão. Depois do sucesso comercial de *Drácula de Bram Stocker*, o diretor vai investir pesado no filão clássicos-do-terror-reciclados-para-os-anos-90. Desta vez, como produtor. A próxima criatura horrorosa a ser cafetinada por Mr. Coppola é o monstro do Dr. Frankenstein, baseado no romance de Mary Shelley. Kenneth Branagh – o inglês que despontou para o estrelato com *Henrique V* – já foi escalado para dirigir a película.

Robert De Niro, acredite, será o bicho criado a partir de cadáveres. Escolha acertada. Afinal, a interpretação do rapaz em *Cabo do Medo* foi tão monstruosa (no pior sentido do termo) que bem que ele merece. Boris Karloff, o inesquecível Frankenstein de 1931, deve estar rolando no túmulo de apreensão.

Stills

Sai pizza e entra sushi no cardápio das tartarugas

MUNDO ANIMAL

TARTARUGAS DEBILÓIDES BAIXAM NO JAPÃO FEUDAL

Michelangelo, Donatello, Leonardo e Raphael estão de volta. *Tartarugas Ninja 3* (*Teenage Mutant Ninja Turtles III: The Turtles are Back...in Time*) estreou nos EUA e levou a molecada ao delírio. Faturou 22,8 milhões de dólares só nas duas primeiras semanas de exibição. O filme é dirigido pelo canadense Stuart Gillard que já trabalhou para a Disney. Resultado: um filme menos violento que os anteriores para crianças de quatro a seis anos, fãs de carteirinha das tartarugas. Desta vez, elas voltam no tempo até o Japão medieval e se transformam em samurais. O épico debilóide poderá ser conferido em julho, quando chega ao Brasil. Para quem gosta...

ANIMAÇÃO

CLINT EASTWOOD ENCONTRA FRED FLINTSTONE

Depois dos cinco Oscar que ganhou, Clint Eastwood foi parar nos desenhos animados. Ele (?!) faz uma pontinha num dos novos episódios de *Os Flintstones*, de Hanna-Barbera, como Clint Eastrock, um astro de westerns e filmes de ação. Bo Derek (lembram-se dela?) também aparece por lá como Bo Bedrock. Depois de tanto tempo desaparecida das telas de cinema, quem poderia imaginar que a moça estivesse refugiada na Idade da Pedra?

O ator-diretor na Idade da Pedra segundo Hanna-Barbera

MUSA

SHARON DO JEITO QUE O DIABO GOSTA

Voyeurs de plantão podem ir afiando as pupilas desde agora, porque já está pronto – e com lançamento marcado para os Estados Unidos na última semana de maio – o novo filme de Sharon Stone, *Sliver*, mais um thriller psicológico escrito por Joe Eszterhas (o mesmo de *Instinto Selvagem*) e refogado com doses generosas de sexo. Baseado no *best-seller* homônimo de Ira Levin, *Sliver* mostra a tragédia em que se transforma a vida de uma próspera editora de livros nova-iorquina (Stone) quando ela se muda para um novo apartamento onde, sem que os inquilinos saibam, todos os cômodos do prédio são equipados com câmeras de vídeo ocultas, e onde todos os atos – todos! – dos moradores são gravados e observados por um deles.

Aos poucos, a editora se envolve romanticamente com o síndico bonitão (William Baldwin) e um vizinho mais maduro (Tom Berenger), e, sem saber bem como, vira suspeita do assassinato do faxineiro do prédio. Ao contrário do que aconteceu em *Instinto Selvagem*, de caçadora Stone passou a caça. Sharon, de novo, exibe muitos de seus atributos físicos, em cenas picantes vistas através das secretíssimas câmeras indiscretas do prédio – há uma cena, em especial, em que ela se masturba na banheira de seu apartamento, abraçada pelo vapor da água quente. E a própria Sharon exercita seu lado voyeurístico num outro momento, observando, através de uma potente luneta, a trepada de um casal vizinho.

Quem resistiria ao voyeurismo diante desta gata?

TRAILER

Os filmes que você vai ver no futro

GÉRARD DEPARDIEU e **ROMAN POLANSKI** vão atuar juntos em *A Simple Formality*. A história, sobre brutalidade policial, assassinato e amnésia, vai ter a direção de Giuseppe Tornatore, o diretor de *Cinema Paradiso*.

Depois de alguns filmes sérios e papéis contidos, **ROBIN WILLIAMS** vai retornar ao gênero escrachado em *Mrs. Doubtfire*, comédia dirigida por Chris Columbus (de *Esqueceram de Mim*). Ele vai se travestir de babá inglesa para poder ficar perto de seus filhos após perder a guarda deles para a ex-mulher. Williams também estuda um convite de Gus Van Sant para interpretar em *The Mayor of Castro* Harvey Milk, um vereador gay de San Francisco que foi assassinado em 1978.

JACK NICHOLSON vai cobrir não só a careca como todo o corpo para atuar em *Wolf*. Ele será um editor de livros nova-iorquino que se transforma em lobisomem. Para consolá-lo, **MICHELLE PFEIFFER** será a sua protetora. A direção é de Mike Nichols (de *Lembranças de Hollywood*).

MICHAEL KEATON descobre que está com câncer e decide gravar uma fita de videotape para deixar para o filho, que ainda está na barriga de **NICOLE KIDMAN**. Esta é a história de *My Life*, estréia na direção de Bruce Joel Rubin, o roteirista de *Ghost*, o que já é garantia de mais um campeão na categoria baldes de lágrimas.

A fortuna de **MACAULAY CULKIN** vai ultrapassar a marca dos US$ 30 milhões com o seu novo filme. O fedelho de 12 anos vai ganhar da MGM US$ 9 milhões para aparecer em *Getting Even With Dad* ("acertando as contas com papai", um título que já indica que continua no filão *Esqueceram de Mim*).

Preparem-se para a invasão das **SEQÜÊNCIAS**: além das já anunciadas continuações *Mudança de Hábito 2* e *Olhe Quem Está Falando 3*, vêm aí *Karatê Kid 4*, *Beethoven 2*, *The Mighty Ducks 2*, *Superman: The New Movie*, *Quanto Mais Idiota Melhor 2*, *Tira da Pesada 3*, *Isto É Hollywood! 3*, *O Escondido 2*, *Desejo de Matar 4*, *Endless Summer 2* e *Projeto Filadélfia 2*.

ARTES VISUAIS

MESTRES DO CINEMA E DO DESENHO

Esteve aberta ao público até 24 de abril último na galeria de arte nova-iorquina Pace Gallery a exposição "Drawing into Film: Diretor's Drawing" com rascunhos, desenhos, anotações e storyboards feitos por treze cineastas. As raridades foram coletadas por Arnold Glimcer (que estreou na direção com *Os Reis do Mambo*) e os diretores incluídos na mostra foram Akira Kurosawa, Orson Welles, Sergei Eisenstein, Robert Benton, Tim Burton, Rainer Maria Fassbinder, Federico Fellini, Terry Gilliam, Alfred Hitchcock, John Huston, David Lynch, Martin Scorsese e Fred Zinnemann. Além dos desenhos referentes a 38 filmes, a galeria também veiculava, em vários monitores, trechos dos filmes.

ECONOMIA & NEGÓCIOS

BOXING HELENA MUTILA ORÇAMENTO DE KIM BASINGER

Pobre Kim Basinger! A moça terá de desembolsar nove milhões de dólares pela quebra de contrato com a produção de *Boxing Helena*, dirigido por Jennifer Lynch. *Boxing Helena* conta a bela história de uma garota que perde as duas pernas num acidente. Seu namorado a leva para casa, corta seus braços e a aprisona numa caixa. Até David Lynch, pai de Jeniffer e diretor de *freak movies* como *Veludo Azul* e *Duna*, ficou chocado com a brincadeira da filhota quando visitou o set de filmagem. Jeniffer, aliás, teve dificuldades para encontrar uma atriz disposta a fazer o papel de mutilada. Madonna foi sondada e tirou o corpinho fora. Acabou sobrando para Sherilyn Fenn. Kim, que havia se comprometido a fazer o filme e desistiu na última hora, acabou nas garras da justiça.

SENSACIONALISMO

EU, MARILYN, ESPANCADA E PROSTITUÍDA

Marilyn Monroe ganhou mais uma biografia nos Estados Unidos. Como a maioria dos livros já publicados, este também é bastante escandaloso, mas ao invés de enfatizar as possíveis conexões em sua morte da CIA, Máfia e dos irmãos John e Robert Kennedy, valoriza os depoimentos de que Marilyn teria se prostituído antes de se tornar famosa. Escrito por Donald Spoto, que diz ter tido acesso a "35 mil documentos" que nenhum outro escritor jamais tenha visto, *Marilyn Monroe: The Biography*, cita o ator John Carroll, a quem Marilyn teria confessado que se prostituía em troca de comida nos seus tempos de dureza. O livro também afirma que um de seus maridos, o jogador de beisebol Joe DiMaggio, a espancava freqüentemente.

SOCIAIS

DUBLÊ DE CORPO

O lançamento do vídeo *Corpo em Evidência* (Paris), no Limelight, São Paulo, contou com a inusitada presença de uma Madonna Cover. A moçoila, que longe dos refletores atende pelo nome de Simo-ne Pereira, arrepiou a moçada com sua sexy performance ao lado de dois guapos rapagões.

A MALDIÇÃO DO DEMÔNIO CHINÊS

No começo de abril, a polícia de Wilmington, Carolina do Norte, ainda considerava acidental a morte do ator Brandon Lee, atingido pelo que parecia ser uma bala de calibre 44 – tida como a mais fatal das munições – durante as filmagens de *The Crow*, no final de março. A cena em que Brandon foi ferido fatalmente pelo disparo da arma do ator Michael Massey, ironicamente, registrava a morte de seu personagem no filme, um astro de rock assassinado que volta à vida para caçar seu matador.

Inicialmente, a polícia acreditava que Brandon fôra atingido por um "squib", o diminuto mecanismo explosivo que Lee carregava numa bolsa de compras para simular o efeito de uma bala de verdade. Mais tarde, porém, os detetives concluíram que o ferimento havia sido causado por uma carga de chumbo, que, por erro, havia sido colocada – ou deixada – na arma de onde partiu o disparo. Faltavam oito dias para o término das filmagens de *The Crow*, cujo lançamento estava marcado para agosto.

A morte de Brandon está cercada de mistério e de coincidências mórbidas, a começar pelo fato de que ocorreu exatamente 20 anos depois da morte igualmente misteriosa de seu pai, Bruce Lee, o pai dos filmes de kung fu moderno, e às vésperas do lançamento nos Estados Unidos de *Dragon: The Bruce Lee Story*, a cinebiografia que enfatiza a crença de Bruce numa maldição que mantinha um demônio à espreita justo de seu filho Brandon.

The Crow seria o quinto filme de Brandon, e comentava-se em Hollywood que o transformaria num superastro internacional. Seu pai morreu durante as filmagens de *seu* quinto filme, *Enter The Dragon*, que o lançaria como um megastro internacional.

A tragédia foi o derradeiro incidente de uma série de problemas que assombraram o set de *The Crow*. Como noticiou a revista *Entertainment Weekly* uma semana antes da morte de Brandon, a bruxa – ou o demônio chinês que Bruce tanto temia – estava à solta: um carpinteiro teve queimaduras seriíssimas nos braços, no rosto e no peito, quando a grua onde trabalhava foi atingida por um fio de alta tensão – ele passará dois anos sendo submetido a diferentes cirurgias antes de retomar uma vida normal; o divulgador do filme sofreu um acidente de carro na mesma noite em que um caminhão da equipe pegou fogo; outro carpinteiro se distraiu e cravou uma chave de fenda em sua própria mão; um temporal destruiu parcialmente os cenários do filme.

Num comunicado emitido no dia 2 de abril, o produtor de *The Crow*, Robert L. Rosen, anunciou que, "após conversas com alguns dos atores e com familiares de Brandon, decidimos que precisamos fazer tudo necessário para honrar a memória de Brandon. Há um grande desejo de concluir esse filme como um legado".

Walter da Silva/Azul

Brandon: vítima da mesma criatura diabólica que matou seu pai?

IMPORTE PELO CORR

INTERNATIONAL POSTAL SHOPPING

FÁCIL, CÔMODO E SEGURO.

Se você acha que comprar produtos importados é caro e complicado é porque você não conhece a International Postal Shopping.

Com os melhores preços do mercado, a International Postal Shopping traz até você produtos importados de diversas partes do mundo através dos Correios, garantindo rapidez e segurança.

Os preços indicados neste anúncio são finais, para pessoas físicas, já incluindo o frete e os tributos conforme portaria 32 da Receita Federal.

Para fazer a sua encomenda, ligue agora mesmo para nossa Central de Atendimento (011) 448-5000 e escolha a forma de pagamento que você preferir. Cartão de crédito internacional* ou ordem de pagamento.

Ligue já! Nossa Central de Atendimento está a sua disposição para orientar sua escolha, encaminhar sua encomenda, tirar suas dúvidas e fazer chegar sua encomenda até sua casa.

* Trabalhamos com todos os cartões de crédito internacionais.

Agenda Eletrônica Casio

Ajuda a organizar seus horários e compromissos. 32 Kb de memória (cerca de 1.370 nomes), horário mundial e alarme. Pode ser conectada a computador através da interface FA-150 (opcional).

Cod. M0045 ST
Agenda Eletrônica Casio SF 4300
US$ 76 (preço total)

Agenda Eletrônica Sharp EL6170
Grande capacidade de memória (cerca de 500 nomes), visor de 12 caracteres por 2 linhas. Funções: agenda, telefone e calendário.
Cod. M0780 ST
US$ 46 (preço total)

Detetor de radar Unidem

Um must para quem está sempre viajando, com alerta sonoro e luminoso para lembrar que você deve andar sempre na velocidade permitida, seletor de sensibilidade para cidade ou estrada, pequeno e prático, funciona no acendedor de cigarros! (Opera nas bandas X e K.)

Cod. M 0602 ST
Detetor de radar Unidem modelo RD22X
US$ 71 (preço total)

3

6

9

11

12

IO SEM SAIR DE CASA.

Ironman Triathlon

O relógio que combina com qualquer esporte. O mais vendido em todo o mundo. Cronômetro, alarme, memória de 8 laps, é à prova d'água (100 metros) e vem com pulseira de aço super esportiva!

Cod. M0609 ST
Relógio Ironman Triathlon US$ 50 (preço total)

International POSTAL SHOPPING

GRÁTIS

Na encomenda de qualquer produto anunciado, você vai receber em sua casa nosso exclusivo catálogo com centenas de produtos importados.

Se preferir encomendar o catálogo (no valor de US$ 5), é só ligar.

Secretária Eletrônica Conair

Para quem quer praticidade e comodidade. Gravação ativada por voz e contador de mensagens. Você não vai mais ficar sem receber recados! E ainda tem telefone acoplado!

Cod. M0600 ST
Secretária Eletrônica Conair modelo 2020 US$ 59 (preço total)

1. **Telefone sem fio Conair - CTP 5000**
   Rediscagem do último número, botão de chamada da base.
   Cod. M0596 ST US$ 59 (preço total)

2. **Compressor de Ar Gemini 250**
   Uso doméstico para inflar pneus de automóveis, bicicletas, bolas, etc. Liga no acendedor de cigarros de automóveis.
   Cod. M0242 ST US$ 55 (preço total)

3. **Pipoqueira Black & Decker HP50**
   Com ar quente não necessita óleo ou manteiga, fácil de limpar. Acompanha tampa com medida.
   Cod. M0270 ST US$ 48 (preço total)

4. **Relógio Michele - Masc. 71-139-SG**
   Resistente à água, calendário e dois horários.
   Cod. M0595 ST US$ 57 (preço total)

5. **Relógio Michele - 72-133-SG**
   Resistente à água com mostrador de dia.
   Cod. M0545 ST US$ 51 (preço total)

6. **Sanduicheira Maxim SM20**
   Para dois sanduíches, anti-aderente com termostato, corta cada sanduíche em duas partes.
   Cod. M0274 ST US$ 44 (preço total)

7. **Microondas Goldstar MA4002**
   500W de potência em dois níveis com timer, 120V.
   Cod. M0756 ST US$ 188 (preço total)

8. **Som Casio Boombox CD100-A**
   Rádio AM/FM, toca-fitas e CD, AC/DC 120V.
   Cod. M0611 ST US$ 208 (preço total)

9. **Rádio Relógio Sony ICF-C120**
   Digital AM/FM c/bateria, Sleep Timer e Dream Bar.
   Cod. M0738 ST US$ 45 (preço total)

10. **CD Laser Portátil AIWA XP3**
    24 memórias programáveis, 3 modos de repetição, fone de ouvido incluído, AC/DC 110V.
    Cod. M0169 ST US$ 207 (preço total)

11. **Medidor de Pressão AND UA-701-Standard**
    Medidor de pressão arterial com display digital.
    Cod. M00189 ST US$ 57 (preço total)

12. **Toca-Fitas Pioneer KE-1700QR**
    Auto reverse, rádio AM/FM, 18 memórias de FM e 6 AM. Com bandeja para maior segurança.
    Cod. M0608 ST US$ 297 (preço total)

13. **Televisão AKIO 5" PT-5700**
    Colorida, PAL-M, AM/FM, 110/220V ou bateria 12V.
    Cod. M0603 ST US$ 315 (preço total)

FAÇA O SEU PEDIDO, LIGUE JÁ

Central de Atendimento

(011) 448-5000

INTERNATIONAL POSTAL SHOPPING
R. Funchal, 203 - 11º andar
Vila Olímpia 04551-060
São Paulo - SP - Fax: (011) 828-0442

RAPIDEZ E SEGURANCA CORREIOS

Quanto custa uma noite de amor com Demi Moore? Em INDECENT PROPOSAL, novo filme de Adrian Lyne, Robert Redford desembolsa um milhão de dólares para passar algumas horas com ela. É o primeiro papel sexy de Demi depois de um longo e tenebroso inverno de "Ghosts" e "Questões de Honra"

Demi Moore

Sem Pudor

Depois de seus dois últimos filmes, *Questão de Honra* e *Indecent Proposal*, qual é sua situação na indústria cinematográfica?

Acho que estou num bom momento. As pessoas certamente estão interessadas em trabalhar comigo.

Meg Ryan estava originalmente escolhida para o seu papel em *A Mulher do Açougueiro* e havia pelo menos uma dúzia de outras atrizes cobiçando *Questão de Honra* e *Indecent Proposal*. Você já perdeu algum papel?

Minha carreira tem andado de maneira um pouco lenta. Eu estou por aí faz tempo. Por alguma razão eu acabo trabalhando com diretores estreantes, muitos deles talentosos. Mas para me desenvolver prefiro trabalhar com gente mais experiente. Respondendo: eu consegui o papel em *Indecent Proposal*, mas tive de fazer um teste de leitura do roteiro. Adrian Lyne fez isso com todos. Desde que eu tinha 15 anos, e fiz a leitura de *Gatinhas*, ele me deixou de fora de todos os filmes que fez, exceto *9 1/2 Semanas de Amor* que nem tentei. Eu não queria fazer a leitura de *Indecent* porque tinha lido o primeiro script e detestado. Quando meu agente avisou que o roteiro havia sido mudado, fiquei achando que era tarde, mas mesmo assim me produzi toda para ir falar com Adrian.

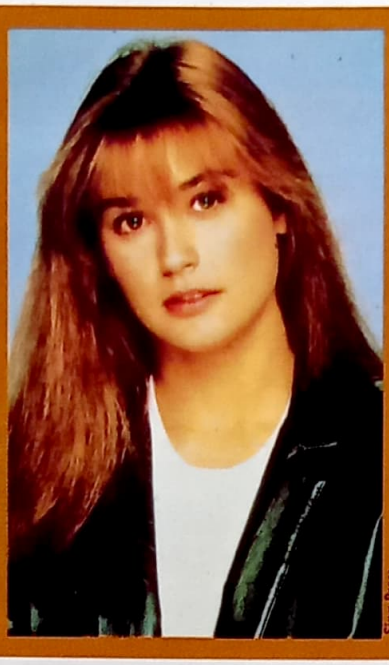
Como foi seu relacionamento com Adrian Lyne?

No início das filmagens de *Indecent Proposal* nós discutíamos muito porque eu queria tornar meu personagem mais ativo. Não quero dizer que Adrian seja chauvinista, mas ele tem uma visão tradicionalista das mulheres. Hoje a gente ri, mas teve uma hora em que me recusei a ficar sem roupa, andando pelo set com os peitos de fora e todo mundo me olhando. Não digo que ele quer ofender as mulheres, mas ele vê o sexo feminino de forma um tanto romântica. De qualquer forma, estou nas mãos da montagem que ele der ao filme.

Em *Questão de Honra* você não tem muitas cenas de romance, mas *Indecent Proposal* é outra coisa. Como você descreveria os "romeus" Robert Redford e Woody Harrelson?

Adrian acha que a cena de amor entre mim e Woody é uma das mais tórridas que já viu. Pra mim foi uma coisa das mais difíceis de se fazer. Woody é um dos melhores amigos de meu marido (Bruce Willis), e eu o conheço há cinco anos. Ele me disse que era difícil sentir atração por mim porque sou "a mulher do amigo". Ao mesmo tempo, existiu um certo conforto por nos conhecermos tão bem. Mas chegou uma hora em que eu virei para a equipe de filmagem e perguntei se estava sendo tão embaraçoso pra eles quanto pra gente. E eles responderam : "Totalmente".

DEMI MOORE



Sipa Press

No começo da carreira, ainda com jeito de garotinha desprotegida (esquerda), e agora, muito à vontade no estilo "mulher fatal"

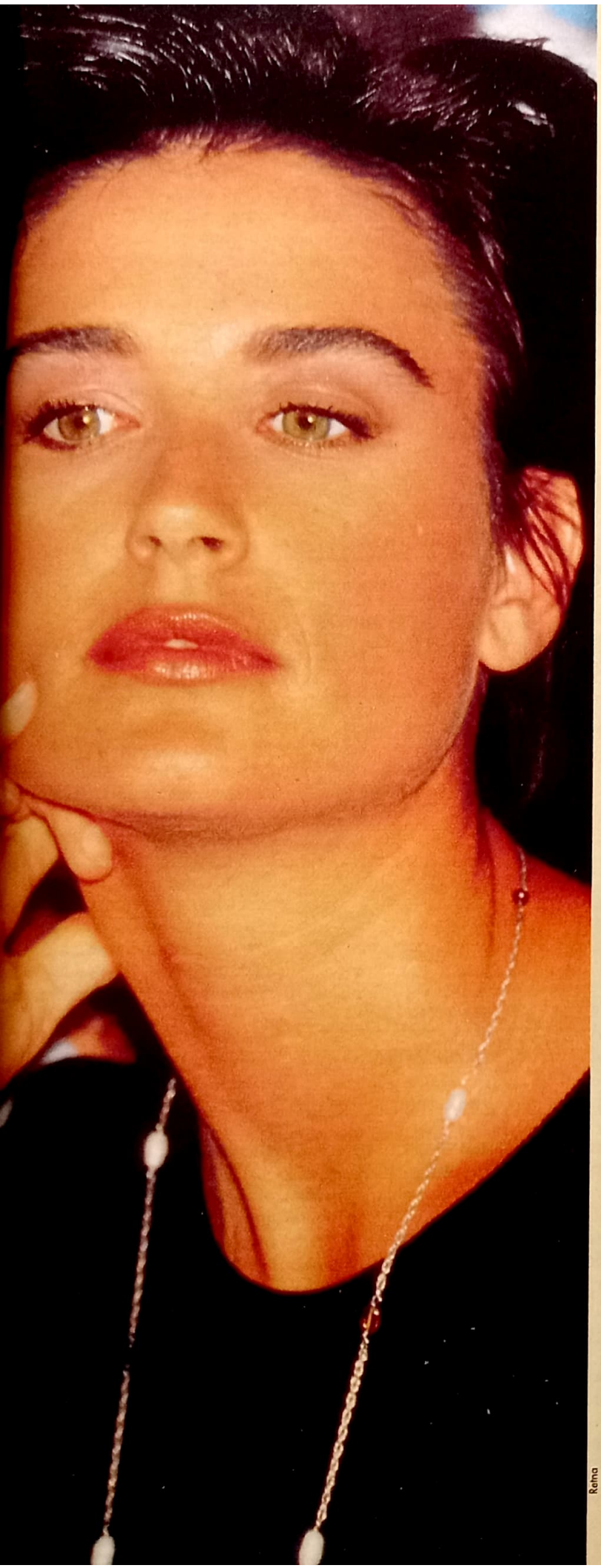
"Adoraria ter feito o personagem de Sharon Stone em Instinto Selvagem"

E Robert Redford beija bem?

Adrian também ficou bastante curioso. Não penso muito nisso. O que me interessa é: "isso é bom para a cena?". Enquanto estava beijando, pensava: "ponho minha mão aqui, viro para cá..." É claro que se os beijos deles fossem realmente *ruins*, eu saberia. Não posso dizer que nem Woody nem o Bob foram ruins.

Será que *Indecent Proposal*, que se parece com a versão sombria de *Lua de Mel em Las Vegas*, vai ter a cena de sexo entre você e Redford que "nós" não queríamos ter visto entre James Caan e Sarah Jessica Parker em *Lua de Mel*...?

Isso vai ficar na imaginação, porque não sei se conseguiríamos fazer alguma coisa que se equiparasse às expectativas. No primeiro script de *Indecent Proposal* o personagem de Redford era um sujeito ruim, estereotipado, aproveitador, o riquinho sem nenhuma moral ou ética. Ele evoluiu para



Reina

Objeto de Desejo

Demi Moore sempre tentou provar que tinha um corpo bonito e que não era apenas uma boa atriz. Agora ela mostra seu talento por inteiro

Demi Moore tem as qualidades necessárias para preencher os requisitos básicos do sucesso em Hollywood: é bonita, talentosa, inteligente e possui um dos pares de pernas mais bonitos do cinema.

Apesar dos mais de dez anos de carreira, uma dúzia de filmes quase inexpressivos e uma passagem rápida pelo Brat Pack, parece que finalmente ela encontrou o filme que vai colocá-la entre as atrizes mais bem pagas e requisitadas dos anos 90. Aos 31 anos, cinco de casamento com Bruce Willis, duas filhas (Runner e Scout LaRue) e duas capas ousadíssimas da revista Vanity Fair (91 e 92), pela primeira vez a balzaquiana Demi Moore mostra todo seu potencial físico. Esperto, a Paramount apostou na sensualidade da atriz e programou como parte do marketing promocional de *Indecent Proposal* um outdoor, estrategicamente espalhado por toda Los Angeles, com uma Demi Moore de corpo inteiro, pernas de fora e calcinha à mostra.

A sensualidade, aliás, sempre foi mal explorada nos seus filmes, onde sempre foi impossibilitada de exercer seu lado fêmea fatal, como no bem comportado *Ghost* (90) e no anticlimático *A Mulher do Açougueiro* (91). Ironicamente, foi o corpo bem feito que levou Demi aos estúdios fotográficos e que a colocou nua nas páginas da revista *Oui* no frescor dos 19 anos.

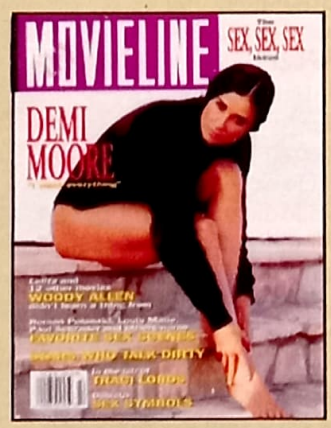
Demi Moore é mais um dos muitos casos de atrizes que venceram pela persistência. Nascida em Roswell, Novo México, em 62, e filha de um vendedor de anúncios de jornal que não se fixava em nenhuma cidade por mais de um ano, ela foi uma garota sem amigos, problemática e drogada. Aos 16, decidiu ser uma estrela em Los Angeles. A primeira chance veio com a telessérie *Hospital Geral* (82), onde protagonizou a heroína romântica que seria uma constante em sua carreira.

Dois anos depois, aconteceu o cinema de verdade – antes ela já havia estrelado os esquecíveis *Choices*, 81, *Parasite* e *Young Doctors in Love*, ambos de 82 – como a filha de Michael Caine na chanchada *Feitiço do Rio*. Nesta época estava casada com o músico Freddy Moore (de onde saiu seu sobrenome, já que foi batizada como Demi Guynes) e os seis meses passados em terras brasileiras acabaram por dar um fim ao não muito bem sedimentado casamento.

De volta aos EUA, Demi se casou com Emilio Estevez. A união resultou, em termos cinematográficos, em *Heróis ou Vilões?* (86). Estevez estreava na direção e transformou o filme num veículo para exercer seu overacting.

A sorte de Demi, por incrível que pareça, mudou com o terceiro casamento, desta vez com Bruce Willis. Insegura pelos papéis sem brilho, ganhou confiança com Bruce para encarar projetos que para ela pareciam impossíveis. *Ghost* foi o primeiro destes filmes e também seu primeiro sucesso pelo mundo afora. Confiante, os dois se meteram a tocar juntos *Pensamentos Mortais*, que no final das contas foi um furo n'água. E finalmente Demi em 92 estreou o badalado *Questão de Honra*, ao lado dos megastros Jack Nicholson e Tom Cruise.

O casamento bem-sucedido também se reflete em sua aparência. Demi não teve escrúpulos em cortar os longos cabelos castanhos para encarnar o personagem de *Ghost* e nem em tingí-los de loiro para *A Mulher do Açougueiro*. Agora, ela está em sua melhor forma. As duas gestações e a satisfação pessoal refletem-se em sua feição serena, captada nas belas fotos para a capa e entrevista da edição de janeiro da revista *Movieline* (foto).



Sim, ela pode ter chegado à fase mais perigosa para qualquer mulher: a passagem dos 30 anos. Mas não resta dúvida: aqueles que não preferem as loiras na linha Sharon Stone, já possuem a *brunette* que pediram a Deus.

Deborah Peleias

um homem charmoso e atraente, para quem desafiar a moral alheia é apenas um jogo. E aí ele se apaixona por alguém impossível. É muito mais interessante.

Como é representar uma mulher a quem oferecem um milhão de dólares por uma noite?

Tudo o que eu pensava era "meu Deus, o que vou ter que fazer? É melhor que eu aparente alguém que valha tanto". Fiquei paranóica, não lisonjeada.

Muita gente a acusa de se portar como uma prima dona. Cheia dos acompanhantes, das exigências...

Olhe à sua volta. Este lugar se parece com um palácio? Eu não sou muito mais do que isso que você está vendo. Percebi que a única maneira de se conseguir as coisas é trabalhando em equipe. Não é uma questão de ter um séquito para fazer as minhas vontades, mas pessoas lutando juntas para ganhar juntas.

Você acha que seu casamento com Bruce Willis aumentou sua fama de "chata"?

Sim, eu acho. É muito mais fácil escrever mal de mim do que tentar me descrever como uma pessoa normal. Há quem ache isso mais saboroso.

Ellen Barkin falou que a única maneira de as mulheres ganharem tanto quanto os homens é participando de superproduções como *O Exterminador do Futuro*.

O fenômeno dos filmes de ação reside no fato de que eles distraem as pessoas. Se houver alguma forma de inserir mulheres e continuarem dando dinheiro, isso logo será feito. Eu não discordo muito da teoria de Barkin, mas acho o tema delicado. Não existe um público que queira ver uma mulher agindo como um homem.

E o que aconteceu com *Libby*, projeto de Ray Stark onde você está escalada para o papel da cantora dos anos 30 Libby Holman?

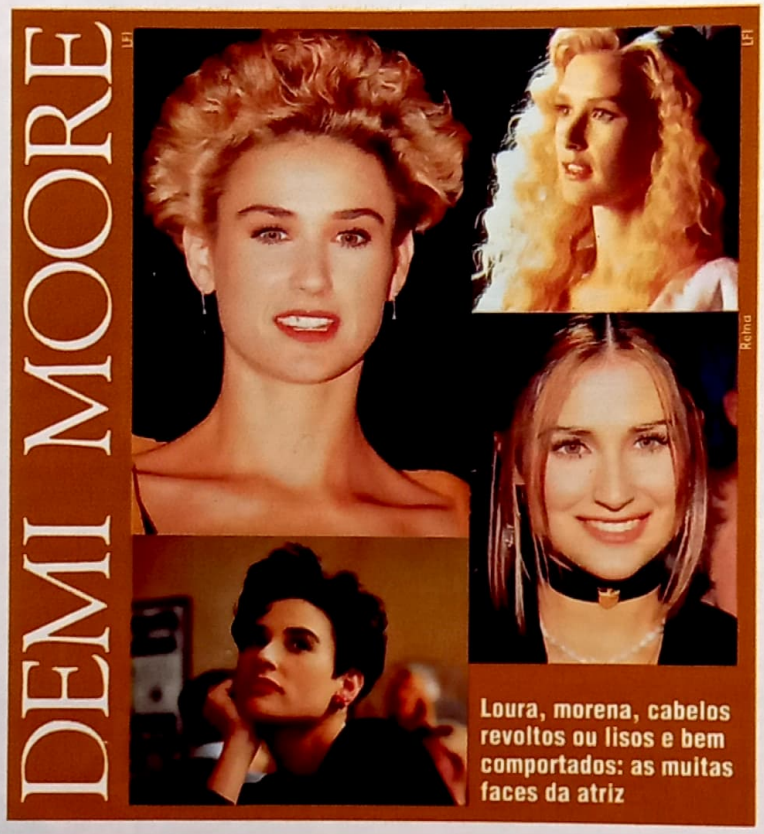
Quero muito fazer isso. É uma história sombria – a vida de Libby Holman foi muito triste. É só uma questão de achar as pessoas certas para fazer o filme. Ray Stark tende a um ponto de vista mais conservador, e os fatos mais interessantes da vida de Holman podem ser considerados provocativos e perigosos. Nós já estamos procurando um diretor que contorne isso.

Você está se referindo à sexualidade dela?

Ela era bissexual e sua maior paixão foi uma mulher. Não sei se o público vai querer ver isso... mas ou você entra direto no assunto ou esquece.

***A Mulher do Açougueiro*, depois de *Ghost*, era tido como o filme em que você provaria que era boa de bilheteria. Mas não aconteceu. Como isso a afetou?**

O filme nunca foi muito do meu agrado. Se tivesse sido e falhado, seria uma coisa triste. Por outro lado, se *Questão de Honra*, um filme que todos nós gostamos, não tivesse dado certo, seria uma *enorme* decepção.



Loura, morena, cabelos revoltos ou lisos e bem comportados: as muitas faces da atriz

Sobre sua vida particular, como é seu relacionamento com Bruce Willis no dia-a-dia?

A maneira mais simples de definir é que nós damos muita força um pro outro. Uma força que não teríamos sozinhos. Eu sou muito envolvente, maternal, uma espécie de centro para Bruce. Mas juntos temos um sentido de família, ele me faz sentir importante e me dá uma força para avançar sem medo de cair e, se for pra cair, não me machucar.

Você queria fazer *Batman Returns*?

Muito. "Eu consigo ficar em forma", eu dizia, "eu consigo." Também queria demais fazer *Instinto Selvagem*, mas Paul Verhoeven nem sequer me via no papel. Eu estava até loura naquela época. Sharon Stone foi demais. O que me atraiu no papel é que era de uma mulher que tinha o controle de sua vida, por mais doentia que fosse. Nos filmes, muitas vezes as cenas de sexo são feitas *para* as mulheres. A cena mais sexy, a que me fez desejar o papel, foi aquela do interrogatório com a Sharon Stone de pernas abertas. "Grande!", pensei. Como muita gente neste país, eu nem sabia se era pornográfico ou ofensivo. Adorei a força desse momento.

Alguma outra história sobre algum papel que você perdeu?

O máximo que eu me esforcei para conquistar um papel foi em *Sleepless in Seattle*. Alguém me arrumou uma cópia do script e eu amei. Eu não gosto de me colocar numa posição como esta, me sentindo vulnerável, mas.telefonei para o chefão da TriStar e disse que queria o papel. Muitos dos papéis que desejei vieram direto para as minhas mãos e eu achava que as coisas são como têm de ser. Em *Sleepless* eles foram educados, respeitosos e tudo, mas, obviamente, me rejeitaram. Eles queriam Meg Ryan.

O que tem na agenda de Demi?

A agenda de Demi? *Libby*, espero, embora não o esteja produzindo. Tem um projeto sobre uma história verídica de uma assistente social de Nova York, uma garota judia de classe média, que faz um trabalho com crianças de várias nacionalidades vindas das piores partes do Bronx ou de Park Avenue. Uma de mistura de *Fama* com *Stand and Deliver*.

Você está falando como uma produtora agora.

Bem, eu *sou* uma. Estou desenvolvendo um filme em três episódios com Ted Turner – da CNN – sobre aborto. Se chama *If These Walls Could Talk*. Além de produzir, estou pensando em dirigi-lo. É um grande desafio. Quando assisti ao filme de Jodie Foster *Mentes que Brilham*, pensei, "eu nunca vou fazer isso e esse é o *primeiro* filme dela". O mesmo aconteceu com *Bob Roberts*, que eu vi outro dia. Mas acho que preciso fazer alguma coisinha. É uma forma de quebrar o gelo.

Stephen Rebello, para a Movieline

ALTOS E BAIXOS DE DEMI EM VÍDEO

PARASITE ★★
(EUA, 1982) Direção: Charles Band. Com Robert Glaudini, Vivian Blaine. Nacional.
Aventura pós-apocalíptica filmada originalmente em 3-D. Demi Moore (Patricia Welles) mal consegue mostrar seus dotes de atriz. Fita difícil de se encontrar nas locadoras.

FEITIÇO DO RIO ★★★
(Blame it on Rio, EUA, 1984) Direção: Stanley Donen. Com Michael Caine, José Lewgoy. VTI.
Era para ser um caliente precursor de *Orquídea Selvagem*, mas virou sem querer uma comédia. Brasileiros em particular podem morrer de uma overdose de gargalhadas ao ver o Rio como um lugar onde todo mundo anda seminu, rebolando e batucando. Demi, adolescente, está uma gracinha. Michael Caine está morrendo de constrangimento.

UM CASO MUITO SÉRIO ★★
(No Small Affair, EUA, 1984) Direção: Jerry Schatzberg. Com Jon Cryer, George Wendt, Tim Robbins. LK-Tel/Vídeo.
Jon Cryer é o adolescente apaixonado que quer conhecer uma cantora de rock (Demi) que viu por acaso cantando num bar em San Francisco. Apesar de bons trechos, o apelo do filme não é dos melhores.

O PRIMEIRO ANO DO RESTO DE NOSSAS VIDAS ★★★
(St. Elmo's Fire, EUA, 1985) Direção: Joel Schumacher. Com Rob Lowe, Andrew McCarthy, Judd Nelson, Allly Sheedy, Emilio Estevez. LK-Tel/Vídeo.
O filme pode não ter mais impacto sobre os jovens mas é interessante ver os problemas existenciais de um grupo de recém-formados. O melhor do filme é assistir ao famoso Brat Pack atuando juntos. Demi faz Jules, uma viciada em cocaína – e representa com a intensidade de quem já viveu aquilo antes.

SOBRE ONTEM A NOITE ★★
(About Last Night, EUA, 1986) Direção: Edward Zwick. Com Rob Lowe, James Belushi, Elizabeth Perkins. LK-Tel/Vídeo.
Demi e Lowe decidem morar juntos. O que eles não imaginavam era que o casamento fosse mais do que cama, mesa e banho. Da filmografia de Demi, este é o único em que ela aparece (totalmente) nua. Para ver em slow motion.

UM VERÃO MUITO LOUCO ★
(One Crazy Summer, EUA, 1986) Direção: Savage Steve Holland. Com John Cusak. Warner.
Só assista a esta bobagem se você quiser acompanhar a carreira de Demi. O filme é muito ruim e ela está horrorosa como uma cantora "hiponga" e sem charme.

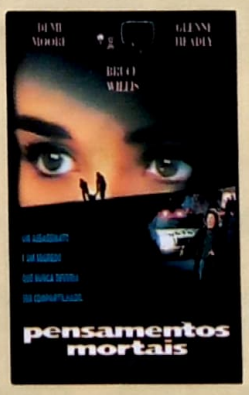
HERÓIS OU VILÕES? ★★
(Wisdom, EUA, 1986) Direção: Emilio Estevez. Com Emilio Estevez, Tom Skerritt, Veronica Cartwright. América.
Estevez e Demi Moore tentam ser o novo casal de justiceiros americanos: eles invadem bancos e queimam hipotecas de bens que serão resgatados pelo governo. Não esperem muita coisa desta estréia de Emilio Estevez na direção, e muito menos de Demi.

A SÉTIMA PROFECIA ★★
(Seventh Sign, EUA, 1988) Direção: Carl Schultz. Com Michael Biehn, Jürgen Prochnow. LK-Tel/Vídeo.
Era para ser *O Bebê de Rosemary* dos anos 80, mas não passa de uma pretensa apologia ao Apocalipse e o retorno do Demo para dominar os homens pecadores. Demi é a heroína romântica (como sempre) que faz de tudo para não dar à luz ao pequeno anti-Cristo.

NÃO SOMOS ANJOS ★★★
(We're no Angels, EUA, 1989) Direção: Neil Jordan. Com Robert De Niro, Sean Penn. CIC.
Infelizmente, Demi tem um papel mal aproveitado nesta comédia onde o brilho de De Niro ofusca todo o elenco. Outro filme em que a produção consegue deixá-la descabelada e mal vestida. Há um breve momento em que ela mostra os seios – esperto, Robert De Niro a espia através de uma janela.

GHOST – DO OUTRO LADO DA VIDA ★★★
(Ghost, EUA, 1990) Direção: Jerry Zucker. Com Patrick Swayze, Whoopi Goldberg. CIC.
A Molly Jensen de Demi Moore arrancou lágrimas de platéias do mundo inteiro. Linda com os cabelos curtos, ela forma um par romanticamente charmoso com Swayze. Se você já o assistiu, assista novamente só para admirar a beleza de Demi e rir com as palhaçadas de Whoopi.

CONTOS DE TERROR 3 ★★★
Episódio Mortalmente Certa
(Tales from the Crypt, EUA, 1990/ Dead Right) Direção do episódio: Howie Deutch. Com Jeffrey Tambor. Warner.
Demi Moore exagera na dose da sensualidade e não convence muito como a garçonete que dá o golpe do baú num velho gordo seguindo o conselho de uma vidente. Ela faz a linha "bonitinha mas ordinária".



PENSAMENTOS MORTAIS ★★★
(Mortal Thoughts, EUA, 1991) Direção: Alan Rudolph. Com Glenne Headly, Bruce Willis, Harvey Keithel. LK-Tel/Vídeo.
Sem dúvida este suspense tem uma das melhores performances de Demi, que ajuda a amiga Glenne a dar cabo do marido alcoólatra e violento. Willis e Demi apostaram tudo no filme mas a bilheteria não correspondeu.

A MULHER DO AÇOUGUEIRO ★★
(The Butcher's Wife, EUA, 1991) Direção: Terry Hughes. Com Jeff Daniels, George Dzundza. CIC.
Demi Moore não gostou do resultado final (como declarou na entrevista desta edição). Com as longas madeixas loiras, ela até que segura o filme, mas não passa de mais uma história de amor em sua vida

NADA ALÉM DE PROBLEMAS ★★★
(Nothing But Troubles, EUA, 1991) Direção: Dan Aykroyd. Com Chevy Chase, John Candy, Dan Aykroyd. Warner.
Incursão de Aykroyd e Chase no humor nonsense onde Demi passeia entre seres hediondos. Se não tiver graça para alguns, tem pelo menos as belas pernas de Demi o tempo todo na tela. Detalhe: ela até que tem jeito para a comédia.

D.P.

ADRIAN LYNE

Sexo Na Cab

Odiado pelos críticos e amado pelo público, o diretor fala de *Indecent Proposal* e das controvérsias provocadas por sua obra

Qual é a mola-mestra que move a história de *Indecent Proposal*: sexo, moral, ou ciúme, puro e simples?

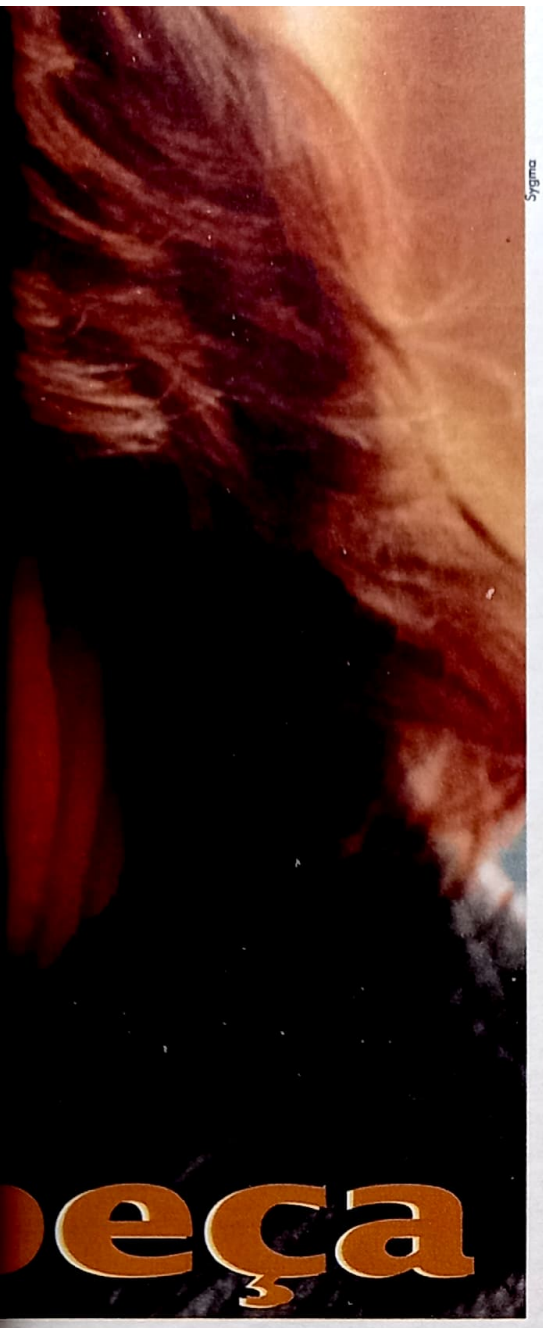
Isso tudo. Vemos no filme um interessante dilema moral, onde um casal apaixonado testa sua capacidade de suportar o fato de que a mulher passou uma noite com outro homem – e um homem bonito, interessante, não um homem qualquer. Eles querem saber se são capazes de continuar vivendo juntos, como se nada daquilo tivesse acontecido. Claro, esse dilema moral envolve sexo e dinheiro, mas o mais importante de se notar é que, desde o início, ela estava interessada pelo personagem de Robert Redford. Veja bem que se trata de um homem muito atraente, não é como se ela estivesse indo para a cama com um empresário feio, gordo e careca. Aquela pontinha de atração já existia, para início de conversa, desde o momento que se viram pela primeira vez.

Você fez filmes como *9 1/2 Semanas de Amor* e *Atração Fatal*, antes de *Indecent Proposal*. E sempre você causa controvérsia, justamente por causa do conteúdo sexual desses filmes. Você estaria, de fato, partindo para a provocação, ou são as pessoas que se sentem incomodadas quando assistem a um filme em que o sexo é um elemento tão franco?

Esse tipo de controvérsia, me parece, acontece somente em países como os Estados Unidos ou Inglaterra, onde existe um forte componente de culpa associado ao sexo. Não vejo isso acontecendo em lugares como a França, onde moro. Ao mesmo tempo, sempre preferi filmes que provocam discussão, aqueles que você fica comentando depois que sai do cinema. Se as pessoas se esquecem do filme no momento em que se levantam da cadeira, acho que o cineasta não fez um bom trabalho.

Então você discorda de quem diz que você provoca a controvérsia?

Veja só: quando me convidaram



Sygma

INDECENT PROPOSAL

Tudo Por Dinheiro

Ciúme, paixão, sexo e um milhão de verdinhas

"Você emprestaria sua mulher a um outro homem, por uma única noite, em troca de um milhão de dólares?" Com base nessa premissa, o diretor inglês Adrian Lyne confeccionou seu novo *agit-prop* pop, *Indecent Proposal*, no qual Woody Harrelson *(Homens Brancos não Sabem Enterrar)* topa a proposta indecorosa do biliardário Robert Redford e a ele cede temporariamente Demi Moore, por um milhão de verdinhas.

Endividados até o talo e confiantes na solidez do amor que nutrem desde a adolescência, o casal encara a parada. "Ele apenas está usando meu corpo", pondera a mulher, tentando convencer a si mesma de que vale a pena topar a noitada, "ele não está comprando minha mente, nem meu coração".

A noite de amor, enfim, acontece e, previsivelmente – senão, não haveria filme – a relação do casal desmorona sob a força de uma desconfiança crescente. Como se não bastasse, os problemas que o dinheiro viria a resolver tornam-se de impossível solução.

O ponto de toda a questão, como Lyne nos mostra, é menos a força da fidelidade – a essa altura, não mais que meramente intelectual – do que o ciúme corrosivo que se apodera do rapaz, no momento que conclui que desde o começo, quando se conheceram num cassino em Las Vegas, sua mulher já sentia um fraco pelo grã-fino – bonito, refinado, charmoso, seguríssimo de si.

UIP

A gata prepara-se para pular a cerca sob o vigilante olhar do diretor

para fazer *Indecent Proposal*, me parecia que o filme seria uma comédia leve, um filme de Billy Wilder (*risos*). Sério! Eu tinha acabado de filmar *Alucinações do Passado*, que era um filme extremamente sombrio e pesado, e achei que *Indecent Proposal* seria um bom contraste. A história, em si, me parecia doce, nada controversa. Mas teve gente até que se recusou a participar dessa produção, alegando que considerava o filme amoral!

É estranho... os americanos não se incomodam tanto assim com a violência de alguns filmes, enquanto eu, pessoalmente, fico enojado. Portanto, depende do ponto de vista de cada um. Acho que aqui, nos Estados Unidos, as pessoas podem se chocar com alguém que aceite um milhão de dólares para trepar, mas não acham nada demais que alguém receba o mesmo dinheiro para fuzilar alguém. Estranho, não?

Robert Redford, Demi Moore e Woody Harrelson foram suas escolhas originais para os papéis de *Indecent Proposal*? Falou-se que você teria pensado em Isabelle Adjani em primeiro lugar.

É verdade. Cheguei a testá-la. E pensei em Warren Beatty para o papel do milionário. Teria sido interessante. Mas ele tinha outros compromissos. Depois, soube que Redford estava interessado. E Demi me pareceu uma melhor escolha, do que Isabelle.

Pessoalmente, você acha que as pessoas possam ser compradas?

Embora fazer cinema seja de total importância para mim, não acho que algum dia tenha feito um filme que seja apenas pelo dinheiro que iriam me pagar. Felizmente, venho do mercado de comerciais, o que me deu uma certa independência financeira. Mas é o tipo de coisa que ronda a vida de qualquer pessoa, não é verdade? Esse tipo de decisão. Não houve alguma vez, na sua carreira de jornalista, em que você escreveu uma reportagem que não lhe interessava apenas porque precisava do dinheiro que ganharia com ela?

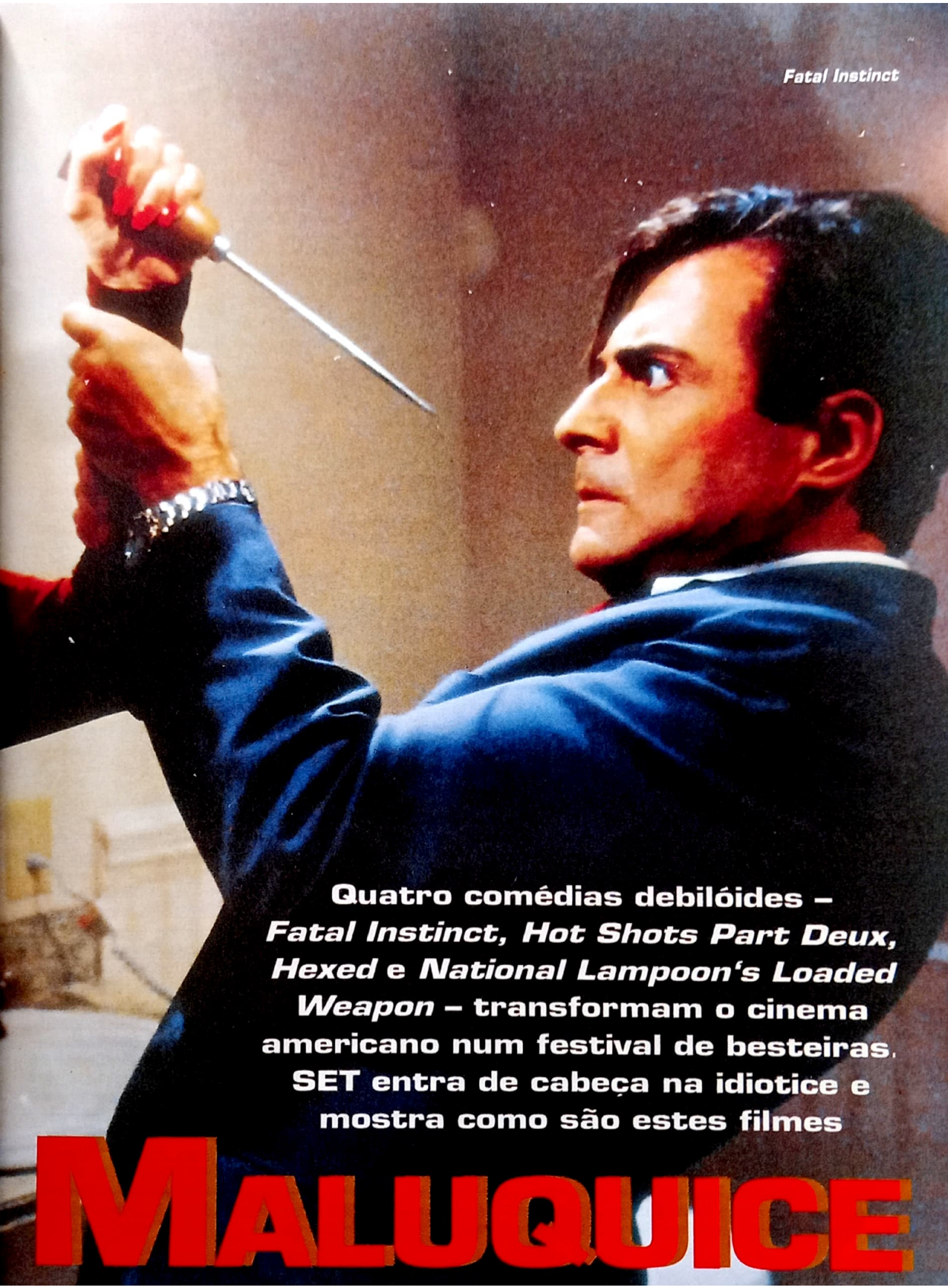
E quais são seus próximos projetos? Um filme que pode causar, de novo, controvérsia?

Planejo filmar *Lolita*, o romance de Nabokov. Não gosto da versão que Stanley Kubrick fez porque ele fugiu demais da história original.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

COMÉDIAS
A HORA DA



Quatro comédias debilóides – *Fatal Instinct*, *Hot Shots Part Deux*, *Hexed* e *National Lampoon's Loaded Weapon* – transformam o cinema americano num festival de besteiras. SET entra de cabeça na idiotice e mostra como são estes filmes

MALUQUICE

FATAL INSTINCT

"Isso aqui é um segredo", sussurra Sean Young segurando um par de seios artificiais enormes, que ela displicentemente pousa sobre o próprio peito. É fim de dezembro e estamos no abafado trailer de Sean num estúdio em Valencia, um suburbão semidesértico de Los Angeles que abriga uma boa quantidade de *soundstages* – os galpões usados para a construção de interiores de filmes.

"É para que eu pareça verdadeiramente enorme no filme", diz Sean quase gargalhando, claramente divertida com um dos apliques escolhidos para seu papel, o da *femme fatale* Lola, uma das duas amantes (a outra é a secretária Laura Lincolnberry, vivida por Sherilyn Fenn) do advogado (de dia) e policial (de noite) Ned Ravine (Armand Assante), por sua vez casado (com Kate Nelligan). "Mas como é que posso manter isso em segredo?", ela se exaspera. "Como é que vão acreditar que esses seios são meus, quando tudo o que precisam fazer é alugar uma cópia de *Sem Saída* e congelar uma cena do filme e concluir que antes não havia nada ali! Vão pensar: 'Hmmm, acho que ela fez plástica nos peitos!'"

Os patetas Sean Young, Armand Assante, Kate Nelligan e Sherilyn Fenn

O bom humor de Sean é notável; logo ela, descrita na imprensa e nas rodas de Hollywood como "difícil" (o denominativo usado para eufemizar uma variedade de comportamentos, de grosseria à psicose, alcoolismo e uso de drogas) e de temperamento imprevisível. Tanto quanto sua participação em uma comédia rasgada, que satiriza os elementos sérios e pesadões de thrillers sexuais como *Atração Fatal* e *Instinto Selvagem*.

No novo filme, dirigido pelo mestre da comédia de TV Carl Reiner, Sean exercita sua veia humorística quase como se estivesse zombando das vezes em que foi na tela a mulherzinha linda mas indefesa – ou usada. "Lola é hilariante", diz Sean, abraçando os joelhos, "é a fantasia perfeita do homem branco: a loura perigosa! Aquela mulher que já vimos em montes de filmes desde que, algum dia, algum executivo lá em Penislândia decidiu que queria uma loura, porque aquela era sua fantasia suprema. Para mim, Lola é um comentário a respeito disso."

"Imagino como deve ter sido difícil para Diane Keaton ter feito *À Procura de Mr. Goodbar*, ou para Glenn Close ter feito *Atração Fatal*", continua, "tanto quanto foi para mim ter feito *The Boost* (*drama no qual ela e James Woods são dois viciados em cocaína*). Toda vez que você interpreta uma toxicômana, ou uma demente, o ideal é ser capaz de também comentar a situação daquele papel com uma cena cômica, o que não foi possível naqueles filmes."

"Esse filme é bem a cara de Carl Reiner", prossegue Sean, "um filme com um tipo de humor mais sutil, que pode ser curtido por adultos e por crianças. Carl é um velho sacana, mas tem a maior classe, nunca chega a ser vulgar. Tem uma hora em que Lola agarra Ned e começa a chupar o queixo dele, enquanto o pobre homem protesta 'não sou desses homens, não sou desses'. A câmera vai e desce do rosto, e revela a mão dele, e um dos dedos começa a levantar, a levantar, até ficar completamente ereto (risos)."

Fatal Instinct é repleto de citações a outros filmes, todos sérios, aqui parodiados sem clemência. Mas, para Young, "não é uma paródia como *Apertem os Cintos – o Piloto Sumiu*, porque não é apenas uma série de esquetes ligados uns aos outros. A história mostra a vida de Ned, e o relacionamento dele com essas três mulheres. Imagine se Armand iria dar uma de pateta num filme menor, que não tenha uma história a contar."

Numa interessante ironia (decerto proposital), Sean teve como Lola a oportunidade de satirizar uma das mais famosas cenas de *Twin Peaks*: "a cena da cereja", em que Audrey – a personagem de Sherilyn Fenn no seriado – usa a língua para dar um nó no talo de uma das rubras frutinhas. Lola não fica para trás, e tira da boca uma corrente formada por vinte diferentes talos, enrolados uns nos outros.

"Queriam que eu fosse a Lola", Fenn admite, "mas ela não me interessava tanto quanto Laura. Não queria ser a vamp, de novo. O único momento de paródia que tenho é porque Laura é uma gozação com o personagem de Julia Roberts em *Dormindo com o Inimigo*: é uma garota perfeita que vive arrumando as coisas em sua casa, dá a descarga para Ned, dobra o papel higiênico para ele, mas num ato de amor."

"Não estou me esforçando para ser engraçada", continua Sherilyn, admitindo logo depois que, às vezes, Laura consegue ser ridícula. "Chega uma hora do filme em que Armand me pergunta há quanto tempo trabalho para ele. Eu paro, penso um pouco e respondo: dois anos, sete meses, vinte e três dias, dezenove horas, seis minutos e cinqüenta e dois segundos... cinqüenta e três... cinqüenta e quatro... até que dou uma piscadinha para ele, como se estivesse querendo mostrar que não sou burrinha não".

Na segunda parte do pastiche *Hot Shots*, Charlie Sheen copia Van Damme em *Kickboxer, o Desafio do Dragão*

Hot Shots 2

Longe de Valencia, na costa de Palos Verdes – uma cidade de classe média alta, ao sul de Los Angeles –, um helicóptero do Exército finge para as câmeras do diretor Jim Abrahams que está pousando no norte da África. Trata-se da filmagem da cena climática de *Hot Shots 2 – Part Deux*, a continuação da paródia de *Top Gun* que apresentou ao mundo, pela primeira vez, o lado humorista de Charlie Sheen – outro ex-"difícil" – e que rendeu 200 milhões de dólares ao redor do mundo.

Dessa vez, o oficial Topper Harley (Sheen) tem a missão de resgatar os soldados que foram resgatar os soldados que foram resgatar os soldados que foram resgatar os reféns de uma prisão no Oriente Médio. Isso mesmo: é a quarta tentativa. Na opinião do presidente Tug Benson (Lloyd Bridges), a única chance de salvar seus homens é Topper, agora transformado num Rambo tão musculoso e troglodita, que é capaz de fazer Stallone parecer filho de Twiggy com Paulo Francis.

"Corta!", grita o diretor. Charlie, de metralhadora numa das mãos, "entrega" a um assistente o refém que leva nas costas, o comediante inglês Rowan Atkinson, e caminha em direção a seu trailer, cobrindo seu peito suado com uma camisa azul-marinho. Um amigo está à espera dele. Os dois se abraçam e somem do set.

A italiana Valeria Golino – o "interesse romântico" do filme original, de volta ao papel de psicóloga, mas com implicações outras que mais tarde serão discutidas – também deixa a cena e se aproxima. "E aí, gatinho, tudo bem?", ela diz em perfeito português, para absoluta surpresa de seu interlocutor. "Estive no Brasil duas vezes", ela explica, a título de justificar seu domínio da língua portuguesa, "uma, na cidade mais feia do país (Porto Alegre) e outra no Rio, passeando. Adorei."

"Aconteceu muita coisa desde o final do primeiro filme", conta Valeria, ligando o *Hot Shots* original à sua continuação, "a psicóloga se separou de Topper, ele sofreu muitíssimo por causa dissso, e ela se casou com um soldadao inglês (Atkinson, o refém que Sheen levava nas costas). Agora Topper também está envolvido com Michelle (Brenda Bakke), chefe de operações da CIA. E todos se encontram nessa missão, que acaba virando uma grande reconciliação erótica."

"Faço parte do grupo que vem libertar os soldados que vieram resgatar os soldados que vieram resgatar..." – tudo bem, Valeria, já entendemos a piada. "Sim, mas entre eles está o meu marido, Rowan, é por isso que estou aqui no meio do deserto."

"Comédia é muito mais difícil que drama", diz Golino, veterana das duas vertentes, co-estrela de Tom Cruise em *Rain Man* e namorada de Pee-Wee Herman em *Big Top Pee-Wee*. "Num drama, você se esgota mais psicologicamente, porque precisa utilizar um sentimento verdadeiro. Mas o *timing* do drama é mais espontâneo, ao passo que na comédia o *timing* tem que ser preciso. Você precisa dizer sua fala na hora certa, se não ela não funciona."

Inicialmente, Valeria não quis participar da seqüência, "era absolutamente contra". Mas as "circunstâncias" a fizeram mudar de idéia.

COMÉDIAS

LOADED WEAPON

A revista *National Lampoon*, espécie de *Pasquim* americano, não teve fôlego para encarar os anos 90. Morreu no começo da década vitimada pela falta de imaginação de seus editores. Apesar disso, ele empresta seu nome à *National Lampoon's Loaded Weapon 1*, sátira amalucada à série *Máquina Mortífera*, estrelada por Mel Gibson e Danny Glover.

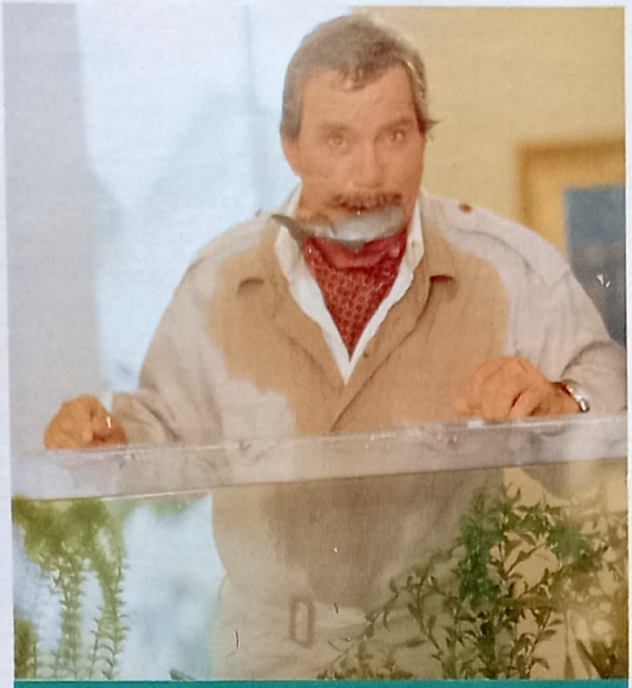
Mas o filme, pelo visto, não terá sorte muito melhor que a revista que lhe deu o nome. A crítica americana torceu o nariz para a produção dirigida e escrita por Gene Quintano (*Loucademia de Polícia 3* e *4*). Em *Loaded Weapon*, Emilio Estevez faz às vezes de Mel Gibson enquanto Samuel L. Jackson (*Febre na Selva*) encarna um Danny Glover-cover. A história começa quando a dupla *black & white* de policiais vai investigar a morte de uma colega de delegacia (Whoopi Goldberg numa rapidíssima ponta) e acabam se denfrontando com uma quadrilha de traficantes de drogas que esconde a muamba em doces de crianças.

"O filme é uma espécie de *Corra Que a Polícia Vem Aí*, só que temos uma piada a cada dez segundos, ao contrário do outro que tem uma a cada quinze segundos. Eu contei", declara o diretor Gene Quintano.

Não faltam piadas infames citando outros filmes policiais, como *Instinto Selvagem*. Kathy Ireland repete a cena do interrogatório de Sharon Stone, só que quando cruza as pernas surge um castor (*beaver*, em inglês), gíria baixo nível para isso mesmo que você está pensando.

Os atrativos do filme são os extras famosos. Willian "Capitão Kirk" Shatner aparece de bigode como um general. Erik Estrada e Larry Wilcox, a dupla de motoqueiros do seriado CHIPS, também aparece fazendo... a dupla de motoqueiros do seriado CHIPS.

Fotos: Arquivo Jornal do Vídeo



Emilio Estevez, Samuel L. Jackson e Eric Estrada, ao lado, e William Shatner como o general de *Loaded Weapon*

HEXED

Hexed é a estréia na direção do americano Alan Spencer, um ex-escritor de piadas para comediantes e ex-colaborador de Mel Brooks que se destacou nos Estados Unidos com a série para a televisão *Sledge Hammer*.

Spencer também é o autor do roteiro desta produção da Columbia em que o recepcionista de hotel Matthew (Arye Gross), se envolve com a *top model* francesa Hexina (Claudia Christian). Há 12 anos no mesmo emprego, as únicas emoções da vida do recepcionista acontecem quando ele inventa grandes mentiras para chegar perto dos hóspedes ilustres do hotel. Mistura de comédia e thriller, as confusões acontecem quando Hexina toma Matthew como o homem que está tentando chantageá-la com fotos que ela tirou no começo da carreira. E resolve partir para cima dele com uma faca de açougueiro. É uma espécie de *Psicose*... só que dirigido por Mel Brooks.

O mentiroso Arye Gross não sabe o que lhe espera ao dar em cima da gostosa, porém neurótica, Claudia Christian

UM DIA DE FÚRIA

A CLASSE MÉ

Louco de dar nó: Douglas tenta estrangular a ex-mulher Barbara Hershey

Fotos Warner

Armado e perigoso, Michael Douglas atira para matar em todos que incomodam o *american way of life*. *Um Dia de Fúria* profocou protestos irados nos Estados Unidos e é considerado o filme mais politicamente incorreto dos últimos anos

O colega quadradão do *Papai-Sabe-Tudo* adormeceu em meio a alguma comédia de situação passada nos anos 50, para acordar, somente três décadas mais tarde, no colo de Los Angeles de 1993, num mundo completamente diferente do que conhecera antes de fechar os olhos.

Claramente, os sinais à sua volta indicam, gritam, que ele, com sua gravatinha, sua camisa social branca de manga curta, seus óculos conservadores (mas idênticos aos de Malcolm X, ele reclamaria, num arroubo de genialidade sócio-política) e seu cabelo reco, não mais mandava naquele galinheiro.

E é isso o que ele viu, ao abrir os olhos: no lugar de verdejantes gramados reluzindo com o orvalho da manhã, onde antes havia uma fileira de casas em estilo Cape Cod, todas abraçadas por uma cerca de madeira branca e habitadas por famílias brancas, anglo-saxãs e protestantes, estão quitandeiros orientais gananciosos que nem sabem falar inglês, punks latinos que se comunicam com o resto do mundo no muque e no tiro, e brancos "remediados", bitolados por regulamentos ou, então, determinados a usufruir os benefícios da Lei de Gérson. Sua reação é destruir a nova Los Angeles a golpes de taco, com rajadas de submetralhadora, disparando foguetes com uma bazuca.

Mais que qualquer outro filme recente, o dramático thriller de ação *Um Dia de Fúria*, protagonizado por Michael Douglas, o quadradão psicótico que sai detonando sem cerimônia ou remorso todas suas antipatias, causou uma ferida em Los Angeles. Causou, não, cutucou, porque a ferida já existia: o fervilhante cadinho de contradições culturais, étnicas e sociais da cidade que transbordou sua ira no ano passado, quando foram absolvidos os policiais que surraram Rodney King.

Ainda mais na época do lançamento do filme, fins de fevereiro, quando Los Angeles trincava os dentes na expectativa de novo levante civil, e não numa nova absolvição dos policiais, dessa vez em instância federal. A visão pop-apocalíptica de *Um Dia de Fúria* fustigou todas as suscetibilidades possíveis e imagináveis.

Ilustração Kiper

Em pouquíssimo tempo, as páginas do diário *The Los Angeles Times* viraram a tribuna "oficial" de discussão de *Um Dia de Fúria*. Kenneth Turan, crítico de cinema do veículo, malhou a "consciência social de mentirinha" do filme, enquanto o articulista Peter Rainer, da equipe do mesmo jornal, chamou o filme de "odioso", por "sancionar uma visão de patetice apocalíptica ao mesmo tempo que torce pelos preconceitos de D-FENS", o personagem principal, vivido por Douglas.

Foi o bastante para a redação ser inundada por cartas pró e contra a opinião dos jornalistas, e para o *Times* dedicar toda sua seção de réplicas, intitulada "Counterpunch", do dia 22 de março ao assunto, com comentários discordantes entre si, assinados por uma cineasta argentina residente em L.A., a diretora executiva do grupo de pressão

DIA VAI À LUTA

Korcan Americans Advocates for Justice, e Kirk Douglas, pai de Michael.

Dos três, a voz mais comedida foi a de Mercedes D'Adderio, a cineasta. "*Um Dia de Fúria* não é um filme a respeito de um malucão que resolve dar uma de *O Exterminador do Futuro*", argumentou Mercedes, depois de ter gasto uma coluna de texto discursando a propósito do uso de metáforas no cinema e sobre a definição aristotélica da arte ("uma mentira que nos diz uma verdade"). "O filme é sobre nós, *todos nós*, inclusive imigrantes como eu. D-FENS sente-se como um estrangeiro dentro de sua própria comunidade e isso não tem nada a ver com 'multiculturalismo' ou com congestionamento urbano, mas com o sentido da vida, uma vez que o 'sentido' é o lar da humanidade."

"Esse filme é uma metáfora sobre o sistema e não nos aponta soluções", encerra Mercedes, "isso seria apenas um exercício messiânico de demagogia. É um alerta."

Jeana H. Park, do KAAJ, não teve papas na língua e já abriu seu texto disparando: "Será que os americanos descendentes de coreanos viraram a mais nova dor de cabeça da sociedade?" Absolutamente contrária ao filme, Jeana diz ter precisado "me segurar" durante a cena em que D-FENS confronta o quitandeiro coreano "para controlar meu horror e meu desapontamento. Só podia ser brincadeira – esfregar sal numa ferida aberta, em nome do todo-poderoso dólar. Imoral. Injustificável. Inacreditável. Protesto contra tudo o que é mostrado no filme". Para Jeana, "foi esse tipo de estereótipo que ajudou a alimentar as tensões entre afro-americanos e coreano-americanos ao longo de anos... Asiático-americanos precisam ser representados realisticamente, não estereotipadamente e, se negativamente, também positivamente".

Com esperada corujice, mas com argumentos fortes, Kirk Douglas defendeu com unhas e dentes o trabalho do filho, para ele talvez o melhor desempenho de toda sua carreira até o presente momento. "Precisamos de filmes controversos como esse para nos obrigar a pensar. Anos atrás, Michael fez *Síndrome da China*, que lidava com os perigos das usinas nucleares. Um jornalista altamente respeitado, George Will, desancou o filme por achar que a premissa do filme era 'impossível' e induzia ao pânico. Mas uma semana mais tarde ocorreu o incidente de Three Mile Island – de um grau de periculosidade maior do que o incidente apresentado em *Síndrome da China*. E George jamais escreveu uma retratação."

O politicamente incorreto Douglas (acima) enfrenta o policial Robert Duvall (direita)

MICHAEL DOUGLAS

O Filho de Spartacus

Nascido em berço hollywoodiano em 25 de setembro de 1944, Michael Douglas teve sua primeira chance no mundo cinematográfico aos 17 anos quando o pai Kirk, por insistência da esposa Diana, "deixou" o filho ser o montador de *Sua Última Façanha* (61). Aos vinte e poucos anos, Michael foi definitivamente aceito na indústria quando passou a desempenhar a função de assistente de diretor de alguns filmes estrelados por Kirk. Apesar de estrear em 1969 no drama de David Miller *O Protesto*, foi através do seriado de TV *San Franciso, Urgente*, que co-estrelou (e também dirigiu alguns episódios) de 72 a 77 ao lado de Karl Malden, que Michael se lançou como ator, categoria em que despontou na década de 80, nas comédias leves *Tudo por uma Esmeralda** (84) e *A Jóia do Nilo** (85). Sua consagração como produtor ocorreu na cerimônia do Oscar de 76, quando, aos 32 anos, subiu ao palco para receber a estatueta de Melhor Filme por *Um Estranho no Ninho**. Michael gostou da experiência e produziu, em parceria com Jane Fonda, o drama-denúncia *Síndrome da China*, aclamado pela crítica por ter a coragem de evidenciar os malefícios da energia nuclear.

Depois das comédias vieram os thrillers *Atração Fatal** (87), de Adrian Lyne, e *Instinto Selvagem** (92), de Paul Verhoeven, e o policial *Chuva Negra** (89), de Ridley Scott, mas talvez seu personagem mais forte seja o psicopata de *Um Dia de Fúria*, de Joel Schumacher. Na produção, Michael ainda não errou a mão, como exemplificam os sucessos de *Starman** (84) e *Linha Mortal** (90).

Deborah Peleias

* Disponível em vídeo.

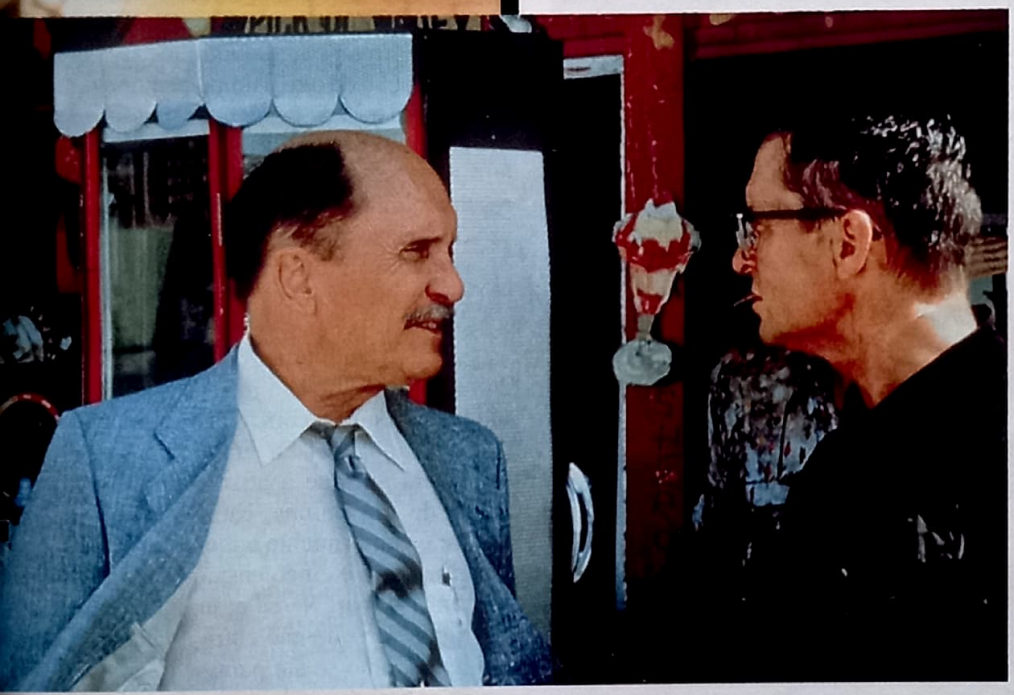
dos cursinhos de cinema de L.A, segundo os quais o herói do filme é facilmente identificável: é o personagem que primeiro aparece no filme, e/ou o que tem mais tempo na tela; até prova em contrário, esse sujeito é D-FENS.

O que nenhum dos três comentou, no entanto, é que pelo menos dois "inimigos" de D-FENS são brancos: um milionário que não admite interrupções em seu jogo de golfe e um gerente de lanchonete.

Os realizadores de *Um Dia de Fúria* devem estar ardendo de entusiasmo com o inchaço que contaminou suas contas bancárias: o filme, muito graças à polêmica que gerou, é um sucesso e uma das cinco maiores bilheterias do mês de março nos Estados Unidos.

Mas não se iludam: Hollywood sabia bem com o que estava lidando. Na verdade, embora a Warner Bros. o distribua, o filme é de propriedade de um consórcio formado pelas produtoras Le Studio Canal +, Alcor e New Regency. O projeto foi recusado sistematicamente por todos os estúdios – ninguém queria tocar nele.

Numa das ocasiões em que receberam uma resposta negativa de um executivo,



A título de uma pretensa aula de cinema, Kirk explica que "o personagem de Michael não é o herói do filme, nem um novo ícone urbano. Ele é o vilão e a vítima. Lógico, vemos muitos elementos em nossa sociedade que contribuíram para a loucura dele. Até nos apiedamos dele. Mas o filme nunca perdoa as ações dele".

"O herói é o policial interpretado por Robert Duvall", finaliza numa completa reversão do que ensina até o mais furreca os produtores ouviram de Brandon Tartikoff, então presidente da Paramount, que o script daquele filme era "moralmente questionável e socialmente irresponsável".

José Emilio Rondeau

SET

Falling Down, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Joel Schumacher ■ ROTEIRO: Ebbe Roe Smith ■ FOTOGRAFIA: Andrzej Bartkowiak ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ Com Michael Douglas, Robert Duvall, Barbara Hershey, Rachel Ticotin, Frederic Forrest, Tuesday Weld ■ Warner.

A Revanche dos Cínicos

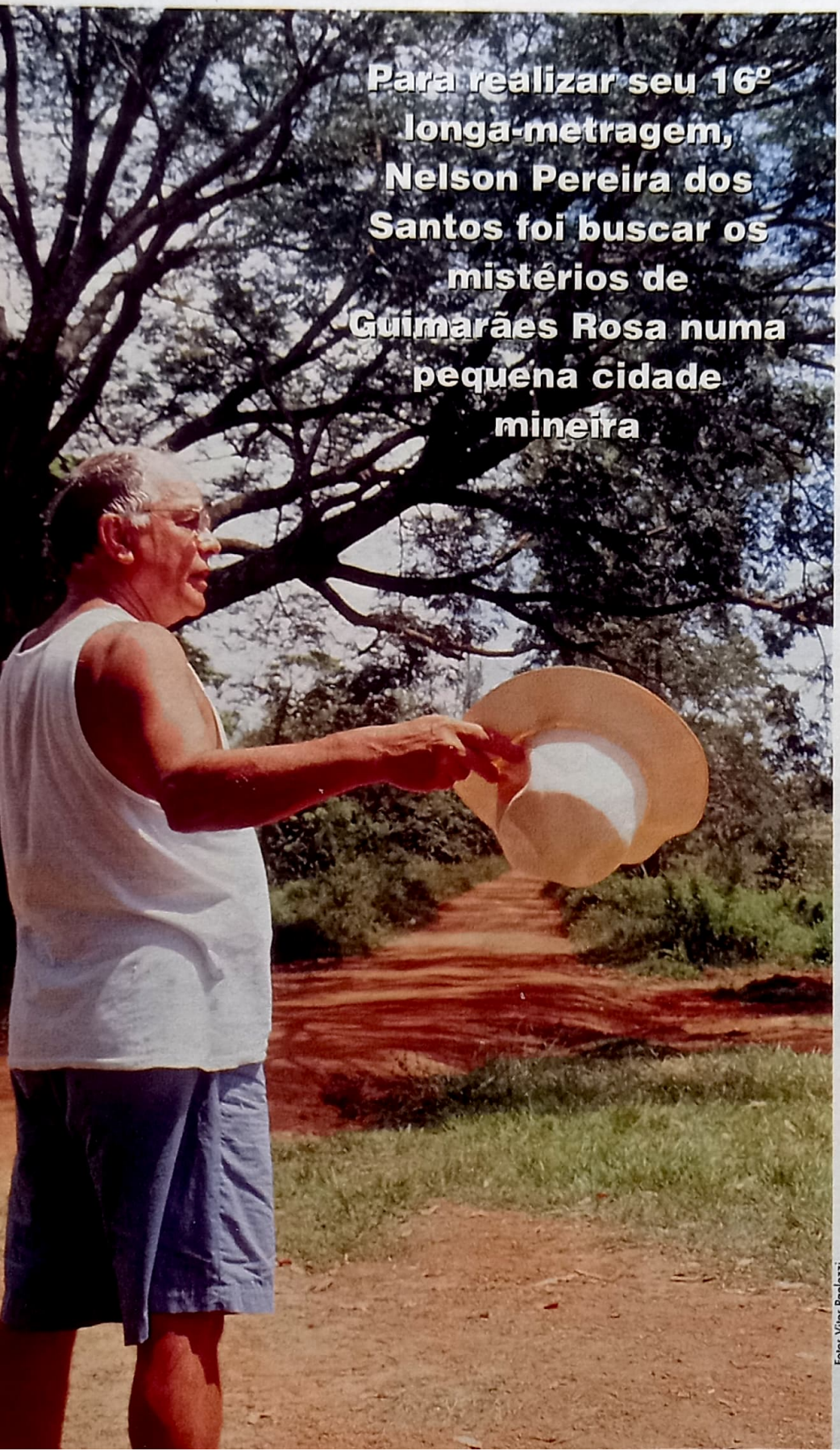
Hollywood, quem diria, está ficando cínica. Além de *Um Dia de Fúria* – odisséia vingativa da classe média branca de L.A. – a safra deste início dos anos 90 aponta para uma (in)discreta escalada do cinismo no cinema americano. Ano passado tivemos *Bob Roberts*, *O Jogador* e até, acredite, *Os Imperdoáveis*. *Bob*, de Tim Robbins, é um documentário *fake* sobre a resistível ascenção política de um cantor country-reaça rumo ao senado dos EUA (já pensou, leitor, um país governado pelo Leandro e Leonardo? Então não pense). *O Jogador*, de Robert Altman, retratou (com quilos de cinismo) a Hollywood atual e seus jovens produtores sem nenhum caráter. E o cinismo deu as caras até em *Os Imperdoáveis*, com Eastwood encarnando o matador relutante e arrependido, um anti-herói na terra dos bravos.

Este ano, além de *Um Dia de Fúria*, já temos outro ilustre representante do cine-cínico: *Herói por Acidente*, de Stephen Frears. O plot parece até coisa do Frank Capra: um ladrãozinho vagabundo (Dustin Hoffman) salva os passageiros de um boeing acidentado que, por acaso, despencou na frente de seu carro. Salva e acaba em cana – por outros motivos, claro. A mídia, doidinha por uma história edificante, oferece uma recompensa ao "herói desconhecido". Mas, como Hoffman está encrencado e não pode buscar a grana, um outro sujeiro (Andy Garcia) apresenta-se como salvador da pátria. Well, um é um escroque barato que não acredita em heroísmos e só estava no lugar certo no momento certo. O outro, acredita... mas é um estelionatário, confere? O filme foi um fracasso nos EUA. Previsível. Ninguém quer ir ao cinema para descobrir que é feito de palhaço pela mídia dualista e maniqueísta.

Apesar disso, o cinismo é bem-vindo. Afinal, nos anos 80, o cinema foi infantilizado e idiotizado pelos Spilbergs e Lucas da vida. É o que dá uma dieta à base de telesséries, filmes B e cornflakes. Enriquecida com proteínas de alto poder nutritivo (Shakespeare, Joyce, até Hemingway de vez em quando), a dieta poderia dar coisa boa. Sem proteínas só saiu aventureiros desmiolados, ETs gosmentos com dedos luminosos, aranhas assassinas e roteiros previsíveis. OK, a gente gosta. E muito. Fez falta, no entanto, aquele estilão mundano e *hardcore* dos anos 70. O que é explicável. Na era Reagan, yuppies enriqueciam da noite para o dia, o povo bailava e cantava pelas ruas ao som de Madonna e Michael Jackson e o Império do Mal (leia-se URSS) começava sua derrocada. O otimismo era quesito obrigatório nas produções cinematográficas. Tudo bem. Só que o infantilismo acabou gerando seus monstros: o engajamento imbecilóide do Oliver Stone ("o Vietnã foi uma *bad-trip*; legal era o Kennedy") e do – argh! – Kevin Costner ("índio é tão lindão, né?"). Só o David Lynch ousou desafiar o coro dos contentes e escancarar a podreira americana. Ele, pode, aliás, ser considerado o precursor do novo cine-cínico, juntamente com o Spike Lee de *Faça A Coisa Certa*. Se o cinismo é uma tendência ou uma moda passageira, só o tempo dirá. Mesmo assim, é bom saber que há novamente vestígios de vida inteligente em Hollywood.

Edson Arantes

Festa no Interior



Para realizar seu 16º longa-metragem, Nelson Pereira dos Santos foi buscar os mistérios de Guimarães Rosa numa pequena cidade mineira

Fotos Vitor Paolozzi

O local é Paracatu, mas qualquer pequeno buraco do interior do país poderia ter sido escolhido como cenário para *A Terceira Margem do Rio*, o novo filme de Nelson Pereira dos Santos. No meio do calor e da poeira dessa cidade mineira, distante 234 km de Brasília, flutuam numa dimensão irreal um velho que resolve viver numa canoa no meio do rio, "a mulher mais bonita do mundo", uma menina milagreira e até uma vaca, todos personagens do universo de Guimarães Rosa.

Como se não bastasse a ousadia de traduzir em imagens a riqueza verbal do escritor mineiro, Nelson Pereira ainda tomou a liberdade de fundir cinco contos do livro *Primeiras Estórias* (1962) ao escrever o roteiro. Os atores Jofre Soares, Maria Ribeiro e Ilya São Paulo formam o núcleo da família que atravessa acontecimentos à beira do surreal – a tal ponto que Ilya diz ter a sensação de que o único personagem humano é o seu, os demais parecendo habitantes de um delírio. O filme ainda tem a francesa Sonjia Saurin, como um resultado da participação de capital francês em 50% do orçamento de US$ 1 milhão.

Durante seis dias da semana a rotina da equipe técnica começa às 6h, quando todos já estão prontos para enfrentar uma viagem de 10 quilômetros de asfalto e 40 de terra. Às 8h de uma sexta-feira de março, finalmente com todo o equipamento arrumado, Nelson ensaia uma curta seqüência em que a atriz Vanja Ourico desce de um ônibus, caminha até uma árvore e cumprimenta a menina Bárbara.

Uma hora e cinco ensaios depois, começam a filmar. Nesse momento, Nelson desliga-se do que não entra no campo da câmera. Como se até parasse de respirar, cruza os braços, vai levantando o queixo e lentamente esboça um sorriso, até fazer um sinal com a mão para cortar a cena. O silêncio, no entanto, continua – o gravador prossegue captando o som ambiente, que poderá ser usado para uma mixagem com o próximo plano.

A cada nova tomada, a pequena Bárbara vai ficando mais indócil. Balas, palavras suaves, muita paciência, tudo é tentado para convencer a garota a repetir mais uma cena, do mesmo jeito que havia feito no plano anterior. O comediante americano

Os noivos Sonjia Saurin e Ilya São Paulo chegam de trator para comemorar o casamento e, abaixo, no intervalo das filmagens. Na página oposta, Nelson Pereira dos Santos

W.C. Fields já dizia que se você quer evitar problemas num filme nunca deve colocar crianças e animais na história. *A Terceira Margem do Rio* tem os dois. Ninguém esqueceu a experiência do dia anterior, quando tentaram filmar uma vaca correndo. Tentaram apenas, porque ela não quis colaborar. Pior, quando jogaram a luz de um rebatedor em seus olhos, a vaca enfureceu-se e obrigou alguns técnicos a correr e pular uma cerca.

Apenas uma hora e meia depois de começado o trabalho, Nelson se vira para a equipe e pergunta "vocês acham que eu estou de mau humor?", para ouvir uma diplomática risada. Apesar disso, é opinião unânime que o diretor é uma pessoa bastante calma e paciente, qualidades que já haviam sido comprovadas na espera de quatro anos para fazer o filme, atropelado pelo fechamento da Embrafilme.

Às 10h, o calor já é insuportável. Nelson tira a camisa e fica só com seu "uniforme" de diretor: chapéu de palha e bermuda. As pessoas já estão cansadas e procuram inutilmente qualquer coisa onde se sentar. Mas, em termos de provações, todos já estão satisfeitos por não terem que filmar mais à beira do rio, invadindo território de mosquitos. Em mais algumas semanas, os sofrimentos serão atenuados com a transferência das filmagens para Brasília, para onde o personagem de Ilya (Liojorge) vai quando foge do campo.

Para facilitar as filmagens próximas ao rio Paracatu, decidiu-se usar dois cenários diferentes. Assim, as cenas em que aparecem os fundos da casa são de uma perto do rio enquanto que todo o resto é filmado em outra, a quilômetros de distância. Os quartos e salas também mudam de lugar. Quem quiser pegar erros de continuidade vai notar que quando a parteira entra na casa ela abre uma porta. No corte para um plano de dentro para fora, ela passa por outra passagem, sem porta.

Quase ao meio-dia, é hora de filmar uma cena em que Vanja tem que conversar com Ilya. Enquanto ensaiam, o responsável pelo som avisa que os sapatos de Ilya fazem muito barulho no chão de cimento. A produção parte então em busca desperada de qualquer coisa para cobrir o chão. Nelson, que não sabia o que se passava, chega e dá a solução óbvia: "E por que o Ilya não tira o sapato?"

Nesta parte, as filmagens travam por mais de uma hora. O diretor toma o lugar dos atores e mostra como quer a cena, conversa, aceita pequenas mudanças na fala. Mas nada de resultado. A equipe até já decorou o diálogo ("E o bebê, vai ficar bom?", "Claro, é só continuar com os antibióticos", "Mas e essa febre?", "Isso é normal, eu volto amanhã") e mostra sinais de desânimo. Também vencido pelo cansaço, Nelson decreta o intervalo de almoço. No fim, foram filmadas 16 tentativas. Como

sempre, ele manda passar para copião o negativo de apenas duas tomadas, que serão usadas na montagem.

Na cena em que é examinada pela parteira interpretada por Vanja, Sonjia geme e arranha palavras em português, mas ninguém se preocupa com o sotaque. Segundo Sonjia, esse é um detalhe sem importância porque seu personagem é diferente. Alva não pertence a Minas nem ao Brasil, é uma entidade ("a mulher mais bonita do mundo") de pele branca, loira e de olhos azuis.

A atriz francesa veio parar no filme por obra do diretor de fotografia, Gilberto Azevedo, com quem já havia trabalhado. Embora não conhecesse pessoalmente Nelson Pereira, ela já havia visto dois de seus filmes (*Memórias do Cárcere* e *Rio 40 Graus*). "Ele é muito conhecido entre as pessoas que gostam de cinema na França", diz, falando num português lento e com acento espanhol.

No dia seguinte, um sábado, está programado o casamento de Liojorge e Alva. Como envolve a participação de um grande número de figurantes, os preparativos são maiores do que os habituais, e acontecem as inevitáveis confusões da produção. Esqueceram o vestido da noiva na cidade – um atraso de uma hora e meia – e, em vez de água, colocaram pinga dentro de um pequeno tonel para os convidados do casamento, o que tirou um pouco da concentração dos figurantes no filme.

Cansados, os "atores convidados" dão um gemido coletivo a cada vez que ouvem Nelson gritar "outra vez". Para jornalistas e extras, o ritmo pode ser exaustivo, mas segundo Azevedo as filmagens ocorrem num ritmo muito mais folgado do que na França, por exemplo, onde as produções caminham a uma velocidade de três minutos de filme "útil" por dia, média da qual *A Terceira Margem* ficará bem abaixo.

Várias vezes durante a tarde as filmagens são interrompidas porque tem alguém olhando para a câmera. Nelson confessa mais tarde que nestes momentos sente impulsos de concretizar uma "lenda" sobre um diretor mexicano chamado Emilio Fernandez, que usava um recurso um pouco extremo – o assassinato – para obrigar os extras a ficar na linha.

No fim do longo dia chega a vez de o próprio Nelson estragar uma seqüência. Gilberto Azevedo filma um caminhão com convidados indo embora, e quando se vira, para pegar Ilya e Sonjia entrando na casa, encontra o diretor do filme, que havia se esquecido de sair da frente.

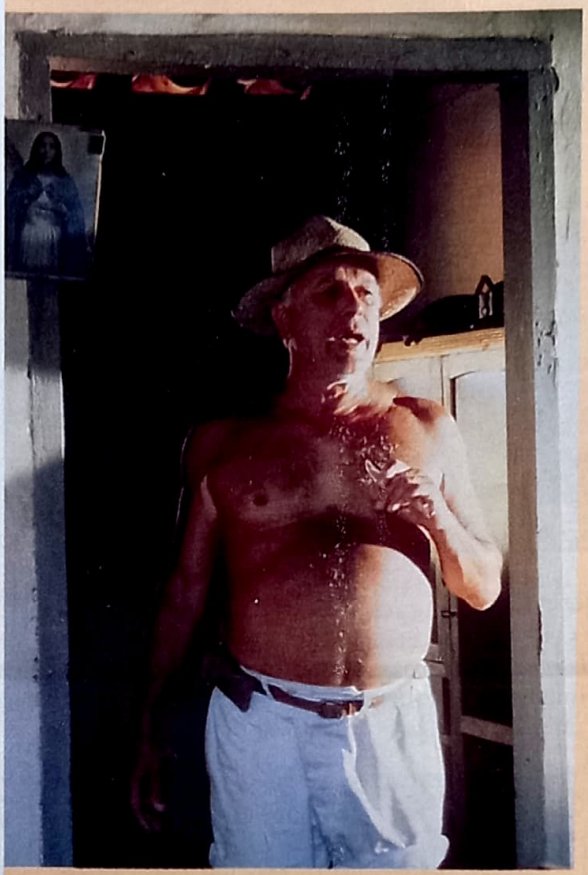
Vitor Paolozzi

SET

NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Viagem ao Além

O cineasta conta como é filmar as histórias do escritor mineiro



A única oportunidade de entrevistar o diretor, depois de dois dias esperando uma brecha nas filmagens, foi na viagem de carro entre a locação e Paracatu. Guiando e respondendo as perguntas ao mesmo tempo, Nelson Pereira diz que se diverte muito enquanto faz um filme e apenas vê graça na frase do cineasta François Truffaut, segundo a qual "fazer um filme é como viajar de carruagem no velho oeste. No começo, você espera fazer uma boa viagem. No final, você quer apenas chegar vivo".

O que o fez pensar que os contos de Guimarães Rosa poderiam se transformar num filme?

Eu já tinha feito um roteiro de *A Menina de Lá*, uma adaptação em que a menina fazia milagres numa grande favela do Rio. É um conto da relação da realidade com a supra-realidade, mas não aquela coisa do realismo fantástico. Aliás, o livro inteiro estabelece a relação com o desconhecido, o mistério. Todos os contos têm personagens muito fortes, o que para um filme significa meio caminho andado. É só combinar o personagem com um bom ator.

E o trabalho de transpor a linguagem de Guimarães Rosa para imagens? Tem gente que acha as histórias dele "infilmáveis".

Quando eu fui fazer *Vidas Secas* também diziam a mesma coisa. Acho que Griffith e Eisenstein é que tinham razão: tudo é filmável. A vida de Cristo cabe num minuto, se você souber adaptar bem. Para mim, fazer Jorge Amado é muito mais difícil, porque ele conta tantas histórias dentro de uma história que é difícil fazer um filme equivalente à sua obra. Tentei, em 1977, com *Tenda dos Milagres*, e não consegui o mesmo resultado que tive com Graciliano Ramos.

Você está no meio de um trabalho. Já dá para ter idéia se vai ficar bom?

Não há nenhum diretor que consiga fazer a coisa boa da primeira vez. Eu já tenho muita refilmagem programada, não em função de problemas técnicos, mas em função de direção, da própria interpretação que eu tive daquela cena. Se tiver recursos disponíveis, vou melhorando o filme na medida em que vou filmando e vendo o copião.

Você está esperançoso em relação à política governamental para o cinema?

Eu acho que as coisas estão mudando rapidamente, muito mais em função do interesse dos governos estaduais e municipais do que por parte do governo federal. Não há mais nenhuma possibilidade de se fazer cinema a fundo perdido. Não estou levando para o lado da lei do mercado, a participação estatal é imprescindível. Esse dinheiro público não pode ser de graça, tem que ser devolvido, tem que haver um compromisso financeiro.

SET

Barry Levinson

TOYS – A REVOLTA DOS BRINQUEDOS

(Toys, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Barry Levinson ■ Roteiro: Valerie Curtin e Barry Levinson ■ Direção de fotografia: Adam Greenberg ■ Montagem: Stu Linder ■ Desenho de produção: Ferdinando Scarfiotti ■ Direção de arte: Edward Richardson ■ Coordenação de efeitos especiais: Clayton Pinney ■ Efeitos do personagem Alsatia: Rob Bottin ■ Jaqueta que emite sons: Giancarlo Giannini ■ Música: Hans Zimmer e Trevor Horn ■ Coreografia: Anthony Thomas ■ Figurinos: Albert Wolsky ■ Maquiagem: Cheri Minns, Hallie D'Amore e Greg Nelson ■ Consultor de brinquedos: Alan J. Adler e Teruhisa Kitahara ■ Produção: Mark Johson e Barry Levinson ■ Distribuição: 20th Century Fox ■ Duração: 2h01.

O elenco: Robin Williams (Leslie Zevo), Michael Gambon (o general), Joan Cusack (Alsatia Zevo), Robin Wright (Gwen), LL Cool J (Patrick), Donald O'Connor (Kenneth Zevo), Arthur Malet (Owens Owens), Jack Warden (Zevo pai), Debi Mazar (enfermeira Debbie).

A trama: Kenneth Zevo construiu uma brilhante fábrica de brinquedos, contrariando a vontade de seu pai militarista. Quando percebe que está morrendo, fica inseguro em legar seu patrimônio aos filhos adultos Leslie e Alsatia, que são excelentes para criar e testar novas brincadeiras, mas incapazes de dirigir a parte administrativa de uma empresa. Kenneth, então, chama seu irmão general para assumir o controle. Este, aos poucos, transforma a fábrica em uma indústria de jogos (e armas verdadeiras) de fundo militar. Cabe a Leslie controlar a ação de seu tio megalomaníaco.

O diretor: Barry Levinson nasceu em1932. Após se graduar em jornalismo, trabalhou como ator e roteirista (para programas cômicos da TV). Estreou no cinema como roteirista, tendo sido indicado ao Oscar pelo seu trabalho em *Justiça para Todos* (1979). O sucesso de seu primeiro filme como diretor/roteirista, *Quando os Jovens se Tornam Adultos* (1982), ambientado em sua cidade-natal, Baltimore, consagrou-o antes mesmo de trabalhar sob a produção de Spielberg em *O Enigma da Pirâmide* (1985). Retornou a Baltimore em *Os Rivais* (1987) e *Rain Man* (1988), que levou os Oscar de filme e diretor, entre outros. Dirigiu recentemente *Bugsy* (1991).

Notas: *Toys* é um projeto muito pessoal de Levinson, cujo roteiro inicial estava pronto há cerca de dez anos e que quase começou a ser produzido depois do grande sucesso (americano) de *Bom Dia, Vietnã* (1987); os estúdios americanos, porém, relutaram em levar adiante uma história que não se definia entre o infantil e o adulto ■ Foi indicado a dois Oscar, o de melhor direção de arte e cenários (estes por conta de Linda DeScenna) e o de melhor guarda-roupa: as indicações consagram o melhor do filme, seu sofisticado trabalho visual ■ A roupa que emite sons experimentada no filme por Robin Williams foi concebida pelo ator italiano Giancarlo Giannini, de *Pasqualino Sete Belezas* ■ O rapper LL Cool J, afro-americano, interpreta curiosamente o filho do general personificado por Michael Gambon (o ladrão de *O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante*).

SET

John Landis

INOCENTE MORDIDA

(Innocent Blood, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: John Landis ■ Roteiro: Michael Wolk ■ Direção de fotografia: MacAhlberg ■ Montagem: Dale Beldin ■ Música: Ira Newborn ■ Maquiagem: Steve Johnson ■ Figurinos: Deborah Nadoolman ■ Produção: Leslie Belzberg e Lee Rich ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 1h52.

O elenco: Anne Parillaud (Marie), Anthony LaPaglia (Joe Gennaro), Robert Loggia (Sal Macelli), David Proval, Sam Raimi, Frank Oz, Tom Savini, Dario Argento, Don Rickles.

A trama: Marie é uma vampira que se alimenta apenas do sangue de criminosos e de homens maus. Costuma secar as veias de suas vítimas e então eliminá-las de vez a tiros. A história começa quando ela penetra a jugular de Sal Macelli, chefe de uma quadrilha de mafiosos com grande sede de poder. Quando se prepara para terminar o servicinho, Macelli, já vampirizado, consegue escapar e começa a morder o pescoço de toda a sua gangue, ameaçando transformar a Pittsburgh de hoje numa versão moderna da Transilvânia. Marie, então, é obrigada a se associar a Joe Gennaro, policial que se infiltrara disfarçado na quadrilha com a intenção de prender Macelli. Durante a louca perseguição, algo muito estranho e forte começa a nascer entre a vampira e o oficial da lei.

O diretor: John Landis nasceu em 1950 em Chicago (Illinois) e é um dos diretores/produtores/roteiristas mais conhecidos atualmente em Hollywood. Começou como *office-boy* da 20th Century Fox, aos 18 anos, dando início a uma série de atividades pequenas em cinema (dublê, assistente de produção, ator substituto etc.). Em 1972, estreou com *Schlock/The Banana Monster*, dividindo os créditos de direção com Saul Kahan. Já se tratava de uma paródia do gênero terror. Consagrou-se em 1978 com a comédia *O Clube dos Cafajestes*, realizando em seguida seus dois melhores filmes, *Os Irmãos Cara-de-Pau* (1980) e *Um Lobisomem Americano em Londres* (1981). A década de 80 ficou marcada por diversas comédias, como *Trocando as Bolas* (1983) e *Três Amigos* (1986). Dirigiu ainda dois clips de Michael Jackson, o clássico "Thriller" (1983) e "Black Or White" (1992).

Notas: o roteiro do estreante Michael Wolk é uma comédia fantástica que mescla em doses iguais humor negro, horror e romance; o produtor Lee Rich afirma que todos já viram filmes de vampiros, mas nenhum igual a este ■ A obra marca o retorno do diretor John Landis ao gênero fantástico, que não namorava desde o episódio que dirigiu em *No Limite da Realidade* (1983) ■ Marca também a estréia no mercado americano da francesa Anne Parillaud, bela, talentosa e sensual, que recebeu o César de melhor atriz por *Nikita* (1990), de Luc Besson ■ Como em todas as obras de Landis, o elenco está repleto de pontas de amigos do diretor – pode se ver o diretor Frank Oz *(Os Safados)* como um médico-legista; Sam Raimi *(A Morte do Demônio)* como um açougueiro; o italiano Dario Argento *(Terror na Ópera)*; ou ainda o maquiador Tom Savini ■ Landis fez questão de imprimir ao filme um visual frio e gelado, escuro e úmido, para que se visse a respiração dos estranhos personagens que protagonizam esta louca história.

SET

Frank Capra

ADORÁVEL VAGABUNDO

(Meet John Doe, EUA,1941)

Ficha técnica: Direção: Frank Capra ■ Roteiro: Robert Riskin ■ Direção de fotografia: George Barnes (em preto-e-branco) ■ Música: Dmitri Tiomkin ■ Produção: Frank Capra para a Liberty Films ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h03.

O elenco: Gary Cooper, Barbara Stanwyck, Edward Arnold, Walter Brennan, James Gleason, Spring Byington, Gene Lockhart, Rod la Rocque, Irving Bacon, Regis Toomey, Ann Doran, Warren Hymer, Andrew Tombes.

A trama: um mendigo é contratado por um jornal para personificar o cidadão comum americano. Ele é transformado em herói nacional por uma campanha sensacionalista, que tenta usá-lo para fortalecer um político corrupto. Quando percebe que o movimento nacional de boa vontade que ajudou a "criar" não passa de uma idéia de fachada para manipulação ideológica, o herói ameaça denunciar a fraude. Correndo o risco de ser destruído, pensa em se suicidar. A jornalista que ajudara a criar sua imagem falsa percebe o perigo desta celebridade encenada, se conscientiza e abandona o oportunismo do plano para se solidarizar e se apaixonar pelo vagabundo.

O diretor: nascido na Sicília (Itália) em 1897, Frank Capra emigrou para os Estados Unidos em 1903 e se transformou em um dos maiores nomes de Hollywood nas décadas de 30 a 50 e em uma das grandes lendas do cinema. É o autor de um estilo refinado de comédia social, otimista e confiante na democracia americana, adequando-se em cheio ao espírito da população durante os anos difíceis da Depressão pós-quebra da Bolsa de 1929 e durante o New Deal do presidente Roosevelt. Começou no cinema como um dos argumentistas das comédias de Harry Langdon e da dupla Gordo e Magro. Estreou na direção de longas com *O Homem Forte (The Strong Man)*, de 1926. Ingressando na Columbia, transformou a atriz Barbara Stanwyck em uma estrela. Consagrou-se definitivamente com *Aconteceu Naquela Noite* (1934), primeiro filme a levar os Oscar de filme, direção, roteiro, ator e atriz. Levou ainda o Oscar de direção por *O Galante Mr. Deeds* (1936) e *Do Mundo Nada se Leva* (1938), também Oscar de filme. Dirigiu ainda, entre outros, *Horizonte Perdido* (1937), *A Mulher Faz o Homem* (1939) e *A Felicidade Não se Compra* (1946), o melhor filme de sua fase final, posterior à Segunda Guerra Mundial, durante a qual realizou ativamente documentários para o governo. Seu último filme foi *Dama por um Dia* (1961). Faleceu em setembro de 1991, enquanto dormia.

Notas: o roteiro do filme foi originalmente escrito por Richard Connell e Robert Presnel, que carregaram na defesa do indivíduo ante o Estado manipulador; mesmo assim, a história foi alterada para forjar um final feliz ao vagabundo de Gary Cooper ■ Os roteiristas processaram a produção, e o texto reescrito foi creditado a Robert Riskin ■ O filme foi realizado pela Liberty Films, fundada por três coronéis que também foram diretores, Capra, William Wyler e George Stevens.

SET

Zhang Yimou

LANTERNAS VERMELHAS

(Dahong Denglong Gaogao Gua, Hong Kong, 1991)

Ficha técnica: Direção: Zhang Yimou ■ Roteiro: Ni Zhen, baseado no conto homônimo de Su Tong ■ Direção de fotografia: Zhao Fei ■ Montagem: Du Yuan ■ Direção de arte: Cao Jiuping e Dong Huamiao ■ Música: Zhao Jiping ■ Figurinos: Huang Lihua ■ Maquiagem: Sun Wei ■ Produção: Chiu Fu-Sheng ■ Distribuição em vídeo: Europa/Carat ■ Duração: 2h05.

O elenco: Gong Li (Songlian), Ma Jingwu (Chen Zuoqian), He Caifei (Meishan), Cao Cuifeng (Zhuoyun), Jin Shuyuan (Yurn), Kong Lin (Yan'er), Ding Weimin (Mother Song), Cui Zhigang (doutor Gao), Chu Xiao (Feipu), Cao Zhengyin (velho serviçal), Zhao Qi (Chen Baishun).

A trama: após a morte do pai e o conseqüente empobrecimento da família nos anos 20, Songlian é forçada a abandonar a universidade e se entrega a um casamento arranjado pela sua madrasta. Pelo contrato, ela seria a quarta esposa do abastado Chen Zuoqian. Chegando em um dia de verão, não demora muito para Songlian se familiarizar com os hábitos da casa. A esposa que o mestre escolher para passar a noite terá o pátio em frente ao seu quarto iluminado por lanternas vermelhas. Esta terá direito a mordomias como massagens no pé e a escolha do cardápio para o jantar e o café da manhã. A regularidade da visita do mestre define o status que determinada esposa gozará naquele microcosmo. Songlian conhece a primeira esposa, de mais idade e já amarga pela vida, assim como a sorridente segunda colega e a invejosa terceira candidata, bela ex-cantora da Ópera de Pequim. Percebe, também, uma terrível rede de intrigas e invejas.

O diretor: Zhang Yimou nasceu em Xi'an (China) em 1950, filho de um membro ancião do Exército do Kuo-min-tang (partido conservador) e de uma médica. Interrompeu seus estudos em 1966 e é enviado para o campo para trabalhar na lavoura. Com o "afrouxamento" do regime político, iniciou aos 27 anos o curso de Cinema. Em 1982, foi diretor de fotografia de três filmes e ator em outros dois. Estreou na direção com *Sorgo Vermelho* (1988), que ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim. Seu filme seguinte, *Ju Dou – Amor e Sedução* (1990), foi laureado com o Leão de Ouro de melhor atriz (Gong Li) no Festival de Veneza de 1991.

Notas: este filme recebeu o Leão de Prata de melhor direção no Festival de Veneza de 1992, além de ter sido indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro ■ É a terceira associação do diretor Yimou com a bela atriz Gong Lí, que protagonizou todos os seus filmes: nascida em 1965, em Shenyang, ela foi professora de cinema antes de se tornar a grande estrela do cinema chinês ■ Na votação feita pelo CineSesc de São Paulo, referente aos filmes exibidos em 1992, *Lanternas Vermelhas*, segundo a crítica, foi melhor filme, diretor e fotografia; o público também elegeu Yimou como o melhor diretor ■ Apenas durante o ano de 1992 é que os filmes de Yimou foram liberados para exibição na China, proibidos porque colocam mulheres como protagonistas de tramas que mexem em valores enraizados na cultura local.

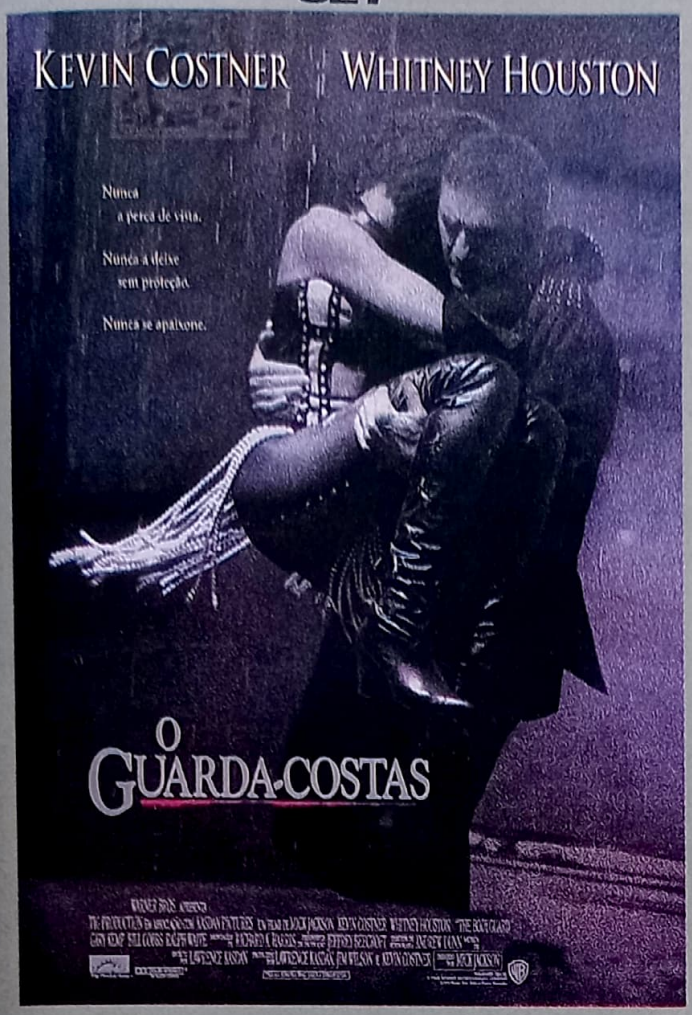
SET

SET

SET

SET

SET



SET

SET

SET

Uli Edel

CORPO EM EVIDÊNCIA

(Body of Evidence, EUA/Alemanha, 1992)

Ficha técnica: Direção: Uli Edel ■ Roteiro: Brad Mirman ■ Direção de fotografia: Doug Milsome ■ Montagem: Thom Noble ■ Música: Graeme Revell ■ Produção: Dino De Laurentiis ■ Distribuição em vídeo: América ■ Duração: 1h36.

O elenco: Madonna (Rebecca Carlson), Willem Dafoe (Frank Dulaney), Joe Mantegna (Robert Garrett), Anne Archer (Joanne Braslow), Jürgen Prochnow (dr. Alan Paley).

A trama: o milionário e cardíaco Andrew Marsh é encontrado morto. Há suspeitas de assassinato, que levam à figura de Rebecca Carlson, sua amante e única herdeira. O laudo constata que a vítima faleceu durante o êxtase sexual. A acusação afirma que a bela e jovem Rebecca usou seu corpo escultural para perpetrar seu crime. Rebecca contrata o advogado Frank Dulaney para defendê-la. Ele arma um caso complicado, pois tanto duvida da total inocência de sua cliente como igualmente acaba envolvido pela sua extrema sensualidade. Já distante dos códigos éticos de sua profissão, junta as peças de um estranho quebra-cabeças, do qual faz parte, entre outros personagens coadjuvantes, Joanne Braslow, colega de trabalho do falecido e amante secreta do mesmo. Dulaney não sabe mais em que acreditar, se em sua experiência como advogado ou em seus instintos animais, tão bem explorados por Rebecca numa relação sadomasoquista.

O diretor: Uli Edel nasceu a 11 de abril de 1947, na cidade alemã de Neuenburg, às margens do Reno. Começou sua carreira de cineasta em 1977, com filmes realizados para a TV. Sua primeira produção para o cinema foi o polêmico *Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada e Prostituída*, de 1980. Após alguns anos de silêncio, mudou-se para os EUA e realizou a co-produção *Noites Violentas no Brooklin* (1989), outra obra de teor adulto e marginal.

Notas: o filme foi lançado como parte de um pacote sexual do ícone Madonna – depois do livro de fotografias *Sex* e do álbum *Erotica*, que colocou a faixa-título nas paradas, a estrela loira do pop aparece nua e à vontade em um *thriller* que abusa da simulação sadomasoquista ■ Foi exibido com cortes nos EUA, cuja censura se escandalizou com certas liberdades; já no Brasil a obra foi exibida na íntegra, inclusive com a já famosa cena na qual Madonna seduz Willem Dafoe com gotas de cera de uma vela acesa ■ No elenco, há um ator alemão de carreira internacional, Jürgen Prochnow, geralmente escalado em Hollywood como vilão (como em *Um Tira da Pesada 2*) ■ Apesar de o filme ser um suspense com cenas desenroladas em tribunal, o forte do roteiro se concentra, obviamente, nas inúmeras cenas eróticas ■ Madonna tem pelo menos uma dúzia de cenas de nu frontal, todas mantidas na versão americana ■ Willem Dafoe reclamou que a versão "aparada" exibida nos EUA eliminou os momentos em que ele revelava seu corpo ■ A música incidental é assinada por Graeme Revell, o mesmo de *Até o Fim do Mundo* (1991), de Wim Wenders.

Mick Jackson

O GUARDA-COSTAS

(The Bodyguard, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Mick Jackson ■ Roteiro: Lawrence Kasdan ■ Direção de fotografia: Andrew Dunn ■ Montagem: Richard A. Harris ■ Desenho de produção: Jeffrey Beecroft ■ Direção de arte: Ladd Skinner ■ Música: Alan Silvestri ■ Coreografia: Sean Cheesman ■ Figurinos: Susan Nininger ■ Produção: Lawrence Kasdan, Jim Wilson e Kevin Costner ■ Distribuição: Warner ■ Duração: 2h09.

O elenco: Kevin Costner (Frank Farmer), Whitney Houston (Rachel Marron), Gary Kemp (Sy Spector), Bill Cobbs (Devaney), Ralph Waite (Herb Farmer), Tomas Arana (Portman), Michele Lamar Richards (Nicki), Mike Starr (Tony), Robert Wuhl (apresentador do Oscar), Debbie Reynolds (ela mesma), Sean Cheesman (Rory), Bert Remsen (presidente do Rotary).

A trama: Rachel Marron é uma estrela pop no auge de sua fama. Seus discos vendem milhões de cópias. Ao mesmo tempo, ela começa uma igualmente bem-sucedida carreira de atriz, chegando a ser indicada ao Oscar na categoria principal. Seu mundo de idílios, isolado em uma mansão na qual vive com seu filho pequeno, é porém abalado por cartas ameaçadoras. Um de seus seguranças contata o melhor guarda-costas do mercado, Frank Farmer, que já trabalhou até mesmo com o presidente. Ele reluta em aceitar a missão por ser avesso a celebridades "fúteis". Mas não só aceita a tarefa (o pagamento é irrecusável) como também acaba se apaixonando por Marron.

O diretor: Mick Jackson nasceu perto de Londres e pretendia se formar em engenharia eletrônica. Inscreveu-se, porém, na Universidade de Bristol e estudou Cinema e Televisão. Foi redator, produtor e diretor de documentários da BBC antes de se mudar para os Estados Unidos e dirigir o inédito *Chattahoochee* (1990), com Gary Oldman e Dennis Hopper, e *L. A. Story*.

Notas: o filme, co-produzido pelo astro Costner, que apresenta um corte de cabelo estranhíssimo, marca a estréia como atriz da cantora pop Whitney Houston, verdadeira campeã de vendas, figura celebrizada tanto pelos seus incontáveis penteados como pelo casamento com o *rapper* Bobby Brown ■ No clímax do filme, que simula os bastidores da festa de entrega dos Oscar da Academia, há uma rápida aparição da veterana Debbie Reynolds *(Cantando na Chuva)*, há muito ausente das telas ■ Dois filmes são citados durante o longa: *Metrópolis* (1926), de Fritz Lang, cujo *design* sugeriu uma das roupas da cantora Rachel Marron, e *Yojimbo* (1961), de Akira Kurosawa, cujo subtítulo, *O Guarda-Costas*, já diz tudo – o personagem de Costner afirma ter visto este filme 62 vezes! ■ Foi um campeão de bilheteria, rendendo cerca de 60 milhões de dólares durante 1992 somente nos EUA ■ O roteiro do também co-produtor Kasdan e amigo pessoal de Costner estava engavetado há cerca de dez anos ■ O filme foi indicado a dois Oscar de melhor canção, "I Have Nothing" e "Run To You".

Randal Kleiser

QUERIDA, EU ESTIQUEI O BEBÊ

(Honey, I Blew Up the Kid, EUA, 1992)

Ficha técnica: Direção: Randal Kleiser ■ Roteiro: Thom Eberhardt, Peter Elbling e Garry Goodrow ■ Direção de fotografia: John Hora ■ Efeitos visuais: Thomas G. Smith ■ Montagem: Michael A. Stevenson e Harry Hitner ■ Desenho de produção: Leslie Dilley ■ Direção de arte: Ed Verreaux ■ Música: Bruce Broughton ■ Figurinos: Tom Bronson ■ Produção: Dawn Steel e Edward S. Feldman para a Walt Disney ■ Distribuição: Columbia ■ Duração: 1h29.

O elenco: Rick Moranis (Wayne), Marcia Strassman (Diane), Robert Oliveri (Nick), Daniel Shalikar/ Joshua Shalikar (Adam), Lloyd Bridges (Clifford Sterling), John Shea (Hendrickson), Keri Russell (Mandy), Ron Canada (Marshall Brooks), Amy O'Neill (Amy Szalinski).

A trama: Wayne Szalinski, confuso pai de família e cientista louco ainda mais atrapalhado, já conseguiu reduzir corpos sólidos, incluindo seus filhos. Suas últimas experiências se preocupam, agora, com o efeito contrário. Sempre ridicularizado por causa de seus métodos pouco esquemáticos, Wayne avança impávido em seus testes. Durante um experimento que ele acredita próximo do definitivo, o raio emitido por sua máquina atinge seu caçula, Adam, de apenas 2 anos de idade. Nada acontece, o que frustra Wayne. Com o passar do tempo, porém, toda vez que Adam se aproxima de qualquer corrente elétrica, seu corpo começa a crescer. O pai celebra o sucesso de seu invento. Mas agora terá de enfrentar um problema imprevisto: Adam consegue fugir de casa e ruma a Las Vegas, onde o excesso de luzes o levará a crescer desmesuradamente. O bebê torna-se uma ameaça nacional.

O diretor: Randal Kleiser nasceu a 20 de julho de 1946 na Pensilvânia. Foi colega de faculdade de George Lucas. O sucesso de seu curta de graduação, *Peege*, o levou à Universal TV, onde dirigiu episódios de séries como *Starsky e Hutch*. Estreou nos longas com o telefilme *All Together Now* (1975) e recebeu um Emmy (o Oscar da TV) por *The Gathering* (1977). Estreou no cinema com *Grease, nos Tempos da Brilhantina* (1978). Entre seus sucessos estão *A Lagoa Azul* (1980), *O Navegador do Espaço* (1986) e *Caninos Brancos* (1991).

Notas: trata-se da continuação do grande sucesso *Querida, Encolhi as Crianças* (1989), roteiro de Ed Naha, Stuart Gordon (diretor de *A Hora dos Mortos Vivos*) e Brian Yuzna (diretor de *A Sociedade dos Amigos do Diabo*) ■ Os produtores-executivos deste filme são Stuart Gordon e Albert Band, irmão de Charles Band, famoso produtor de filmes B na linha do cinema fantástico, criador da produtora Full Moon, ex-Empire ■ Na impossibilidade de dirigir adequadamente os irmãos gêmeos Shalikar, de 2 anos e meio de idade, o diretor Kleiser apenas filmou seus movimentos e foi forçado a alterar constantemente o roteiro para adequá-lo aos passos de "Adam" ■ A trilha sonora inclui canções de Carole King, Bryan Adams e The Bee Gees, entre outros.

José Joffily

A MALDIÇÃO DO SANPAKU

(Brasil, 1990/1992)

Ficha técnica: Direção: José Joffily ■ Roteiro: José Joffily, Sérgio Rezende, Paulo Halm, Jorge Duran ■ Direção de arte: Yeda Lewinsohn ■ Montagem: Vera Freire ■ Edição de som: Valéria Mauro ■ Música: David Tygel e Maurício Maestro ■ Direção de fotografia: Nonato Estrela ■ Produção: Nonato Estrela, Roberto Mendes e Tereza Brandão para a Mapa Filmes ■ Distribuição: Rio Filme/Cinedistri ■ Duração: 1h55.

O elenco: Patrícia Pillar (Cris), Felipe Camargo (Poeta), Roberto Bomtempo (Gafanhoto), Sérgio Britto (Velho), Rogéria (Loura), Nelson Dantas (Gold), Jonas Bloch (Bruce), Carlos Gregório (Sivuca), Anselmo Vasconcelos (Sujeito), Paulo Barbosa (Negão), Wilson Grey.

A trama: Gafanhoto é um contrabandista que faz a linha Miami – São Paulo a serviço de Velho. Conta com a ajuda freqüente da aeromoça Cris. A última encomenda da dupla foi uma pedra preciosa no valor de 200 mil dólares. Ao chegar ao Brasil, Gafanhoto entrega uma pedra falsa ao chefão e foge com a verdadeira. Durante a fuga, encontra casualmente um amigo de infância, Poeta, que a contragosto o abriga em sua própria casa, dando ao bandido um esconderijo seguro. Mas como todos estão dispostos a matar ou morrer pela pedra, Poeta acaba na mira do bando de Velho, assim como de Cris, que formará então um estranho triângulo de paixão e poder com o artista e o criminoso.

O diretor: José Joffily nasceu em 1946 e se dedica há cerca de vinte anos ao cinema. Já foi fotógrafo, roteirista, produtor, diretor e professor de cinema. Realizou o curta *Copa Mixta*, que foi selecionado para a mostra oficial do Festival de Berlim de 1980, e escreveu mais de doze roteiros para terceiros, entre eles *O Sonho não Acabou* (1981), *Parahyba Mulher Macho* (1983), *Avaeté, Semente da Vingança* (1985) e *A Cor do seu Destino* (1986). Sua estréia como diretor de longas se deu com a comédia *Urubus e Papagaios* (1986), cujo estilo irreverente e bem-humorado o levou a ser exibido no Funny Film Festival, na Itália. Realizado em 1985, só estreou nas telas dois anos depois.

Notas: no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de 1992, o filme conquistou os prêmios de melhor obra (pelo júri oficial e pelo júri popular), melhor atriz (Pillar), melhor ator coadjuvante (Bomtempo) e melhor fotografia ■ O filme foi apresentado ao público pela primeira vez no Festival de Gramado de 1991, no qual arrebatou os prêmios de ator coadjuvante (Bomtempo), fotografia e montagem ■ Realizado em sistema cooperativista, com elenco, equipe técnica e direção somando esforços, o longa foi rodado em 16 mm e posteriormente ampliado para 35 mm ■ No elenco, além de atores que já trabalharam com Joffily em *Urubus e Papagaios*, como Nelson Dantas, Felipe Camargo e Anselmo Vasconcelos, a presença do travesti Rogéria, que imprime grande vigor à sua interpretação ■ Trata-se de um policial modesto e despretensioso que levou dois anos para ser exibido comercialmente ■ Anteriormente chamado de *Sanpaku – O Olho da Ambição;* "sanpaku" significa "três brancos".

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
• INSTINTO SELVAGEM
• A REPOSSUIDA
• TWIN PEAKS - OS ÚLTIMOS DIAS DE LAURA PALMER
• FACE A FACE COM O INIMIGO
• JOGOS PATRIÓTICOS
• COMO AGARRAR UM MARIDO

ABRA UMA VIDEOLOCADORA PROJETOS DE ALTO PADRÃO

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, projetos de arquitetura e decoração, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

FITAS NOVAS E USADAS

PLASH
Home Vídeo

Rua Tuiuti, 2403 - 3º andar - Sala 23/26
CEP 03307 - São Paulo - Tatuapé
(próximo ao Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 217- 8242

HAWAI
HOME VÍDEO

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru
São Paulo -SP (próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Financiamos a partir de 30 a 120 dias
• Pagamentos com cheques semanais
• Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS

TUDO EM ACESSÓRIOS

OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

• Instinto Selvagem
• Os Imperdoáveis
• Jogos Patrióticos
• Como Agarrar Um Marido
• Face a Face Com o Inimigo

• Catálogos a partir de Cr$ 60.000,00
• Garantia total das fitas
• Melhor qualidade
• Ganhe estojos novos e usados

• Cheques pré-datados sem juros
• Remetemos para todo o Brasil

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Sala 21 - Santana
CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

PRA VOCÊ QUE ESTÁ MONTANDO OU JÁ TEM SUA LOCADORA!

• FITAS NOVAS E USADAS
• ACESSÓRIOS
• PREÇO, QUALIDADE E GARANTIA

santana VIDEO

Av. General Ataliba Leonel,93 - Cj. 21
CEP 02033-000 -SP -SP
(Próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 267-5271

PATY'S
HOME VÍDEO

FILMES NOVOS E USADOS
ACESSÓRIOS EM GERAL

• Confira os últimos lançamentos
• Títulos diversos em promoção, a partir de Cr$ 100.000,00
• Pagamento conforme suas possibilidades
• Preços sem concorrência

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Rua Dr. Zuquim, 358
Santana - São Paulo - SP
CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120

NÃO TEMOS FILIAIS

instinto assassino

Bridget Fonda vive em *Point of No Return* a mesma deliciosa matadora interpretada por Anne Parillaud em *Nikita*. Mais que um *remake*, o filme é considerado uma cópia exata – adaptada para os EUA – da produção francesa dirigida por Luc Besson

Stills

John Badham olha com suspeição para o jornalista italiano. O diretor americano acabou de ouvir uma opinião do escriba romano a respeito de *Point of No Return* (ou *The Assassin* ou *Code Name: Nina*, dependendo de onde, no globo terrestre, fica sua casa), a versão americana de *Nikita* (ou *La Femme Nikita*, como o filme foi chamado nos EUA para não ser confundido com o thriller "soft" *Nikita*, estrelado por River Phoenix e Sidney Poitier). Sem medir as conseqüências de suas palavras, o italiano cometeu, em termos hollywoodianos, um perigoso *faux pas* – disse o que pensa a respeito do filme, e logo a quem o realizou. E o que ele pensa, ou o modo como qualifica sua impressão, pode ser interpretado como um malho. "O novo filme", decreta o jornalista, "em vez de um remake, uma refeitura, é mais uma cópia que segue a receita original plano a plano, quadro a quadro."

"Como assim, cópia?", exige saber Badham, sua voz, já grave, mergulhando três oitavas abaixo. "Deixa para lá...", esquiva-se o italiano, mas agora é tarde, e Badham contra-ataca, a todo o vapor.

O diretor lista os pontos que diferem seu filme do original de Luc Besson, notável filme de ação focado na vida de uma *junkie* que se transforma em arma mortífera utilizada nas atividades secretas do governo.

"Sabemos mais detalhes sobre a vida da personagem, sobre a mãe dela, impregnamos todo o script com referências à música de Nina Simone (daí o codinome da protagonista ser Nina, por causa do gosto musical dela), metáfora de uma alma aprisionada que quer se libertar.", explica Badham. E tem mais, que o diretor se esquece de mencionar: existem personagens novos em situações novas, e os antigos, como o Limpador (Harvey Keitel), ganharam missões diversas das originais. Eterno diplomata, Badham, a essa altura, volta a sorrir, mas o italiano, pensando bem, tem razão.

Se formos contrapor cena a cena *La Femme Nikita* e *Point of No Return* (digo, *The Assassin*, o título escolhido para a América Latina), veremos um claro jogo de espelhos, que apenas "traduz" para os Estados Unidos – os personagens falam inglês, em vez de francês; a estrela é uma familiaríssima atriz americana, Bridget Fonda; a ação, dessa vez, se passa em Washington D.C. e em LosAngeles – o que Luc Besson fez antes de Badham. Há enquadramentos que são reproduções meticulosas do filme original. Alguns diálogos são quase idênticos, apenas tornados mais óbvios para se adequar à preferência do americano por tudo mastigadinho, entregue de bandeja, sem requerer muito exercício da massa cinzenta. E se vale esse arrazoado, por que, então, copi-

Gata selvagem: a perigosa Nina também é *expert* em lutas marciais e detona os inimigos a golpes de caratê

ar um filme que já tenha sido bem-feito, para começo de conversa?

"Noventa e nove por cento do público americano não vai ver um filme em língua estrangeira", argumenta Badham, pleno de razão. "Isso é um fato da vida. Daí as refeituras serem um bom negócio. E, por algum motivo bizarro, que talvez você consiga explicar melhor do que eu, Hollywood tende a não querer refazer filmes que não foram sucesso."

Em outras palavras: para os Estados Unidos (ou melhor, para quem mora fora de Los Angeles, San Francisco e Nova York), o primeiro filme não apenas não valeu como simplesmente não existiu! O que está contido em *Point of No Return* é total e completa novidade para a maioria dos americanos. O resto do mundo? Verifique a bilheteria do fim de semana de estréia de *Point of No Return*, um desempenho forte, mas não exatamente espetacular, atrapalhado pela chegada simultânea às telas da terceira aventura das Tartarugas Ninja, e comprove: em três dias de rua o remake fez sete milhões de dólares, dois a mais que *La Femme Nikita* em meses e meses de exibição. Pode-se dizer mais: se o remake for um baita hit na América, o resto do mundo vai querer ver o filme também. E, assim, esse papo de mérito artístico ou valor nutritivo dos remakes se enfraquece, neutralizado pelo sucesso.

A própria Bridget Fonda – que aqui faz um serviço mais que competente, diante das circunstâncias – admite não ser favorável a remakes. "Continuo não gostando deles", diz ela, balançando a cabeça lentamente. "Mas tenho um conflito de interesses quando quero muito determinado papel..."

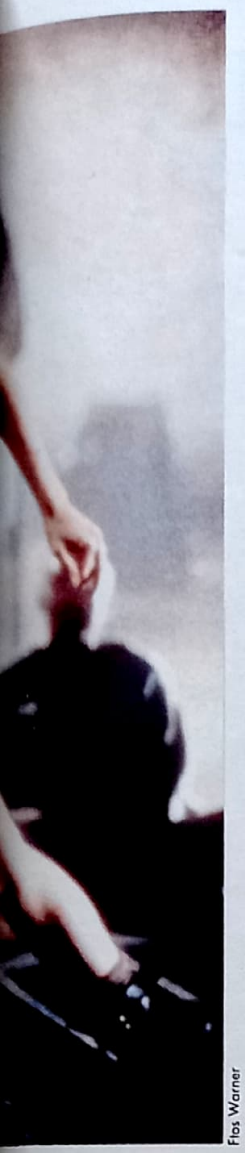
Barbet Schroeder dirigia Fonda em *Mulher Solteira Procura* quando Bridget foi convidada para ser Maggie, a protagonista de *Point of No Return*.

"Eu tinha visto o filme original, adorei a história e acho que Anne Parillaud fez um trabalho magnífico, brilhante. Quando me fizeram a proposta, perguntei a mim mesma: 'Para que refazer um filme que já foi tão bom?'"

Schroeder, enquanto isso, funcionava de advogado do diabo, querendo fazer Bridget ver que papéis como aquele – "papéis de Mel Gibson", ela qualificaria mais tarde – eram raros, quase inexistentes, em versão feminina. Não era, para Barbet Schroeder, uma questão de pegar ou largar: era pegar ou pegar com força.

"É raro ganhar um papel assim", Bridget continua, uma ponta de melancolia subtonando seu entusiasmo pré-lançamento, "ao mesmo tempo físico e ardente".

Dias mais tarde, a melancolia de Bridget – controlada nas entrevistas que dava no mês que precedeu o lançamento do filme – seria explicada por uma reportagem na revista *Premiere* americana, feita durante as filmagens de *Point of No Return*. Discordância é eufemismo para descrever o relacionamento de Bridget com seu dire-



Fios Warner

tor – ou melhor, com a visão dele. Na reportagem, Bridget confronta Badham para reclamar do excesso de peitos e bundas em algumas cenas ("Você quer que eu saia mais rápido da cena, para que as bundas apareçam melhor?", ela ruge na página, a propósito de um plano rodado no calçadão de Venice, na Califórnia), e, num momento de auto-análise, lamenta o resultado final do filme. "Acho que, no fim das contas, vai ser pior do que eu imaginava que fosse ser", confessa à revista.

Mas a ocasião, nessa tarde de inverno, é de badalar *Point of No Return* e não há espaço para picuinhas ou diferenças artísticas. Político à quinta potência, Badham não poupa loas a Bridget, elogia não apenas a dedicação de Fonda ao lado físico do papel – ela treinou tiro até conseguir disparar uma pistola sem piscar ou sem virar o rosto; se exercitou até recuperar a elasticidade e a energia de uma criança de 10 anos – como também o desempenho dramático da atriz. "Acho que ela fez um trabalho impressionante", entusiasma-se John. "Ninguém, nem ela nem sequer o pai dela, jamais testemunhou o raio de ação que ela exibe aqui. Ela muda de uma cena para a seguinte: a personagem está em constante movimento interno. Na cena dois ela é diferente da cena um, na cena três é diferente da cena dois, e na última cena é diferente de todas as outras que vieram antes. É um arco interminável que ela atravessa."

Diferentes, também, são os títulos do filme ao redor do mundo, decisão exclusiva da Warner Bros. com a qual Badham não concorda. "Se quiser voltar a ser amigo deles no futuro", diz John, "não devo dizer a vocês o que acho dessa decisão".

José Emilio Rondeau

SET

POINT OF NO RETURN/ THE ASSASSIN, 1993 ■ Direção: John Badhan ■ Com Bridget Fonda, Harvey Keitel, Anne Bancroft ■ Warner.

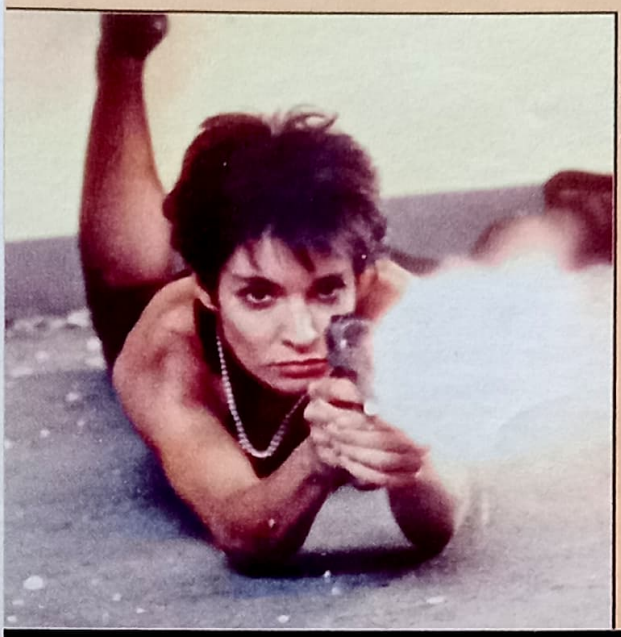
Nina Versus Nikita

O que diferencia a mercenária francesa da americana

O roteiro de *The Assassin* modifica muito do que ocorria na versão original da história. A partir de locações – agora a história vai de Washington, D.C. a Los Angeles – e do codinome da personagem, que de Nikita passou para Nina, uma referência ao gosto dela pela música de Nina Simone – o que, por si só, já é uma novidade. O namorado da heroína, antes, era um caixa de supermercado que desenha navegações nas horas vagas. Agora ele é um fotógrafo que ganha a vida, em parte, como balconista de uma loja de roupas em Venice Beach.

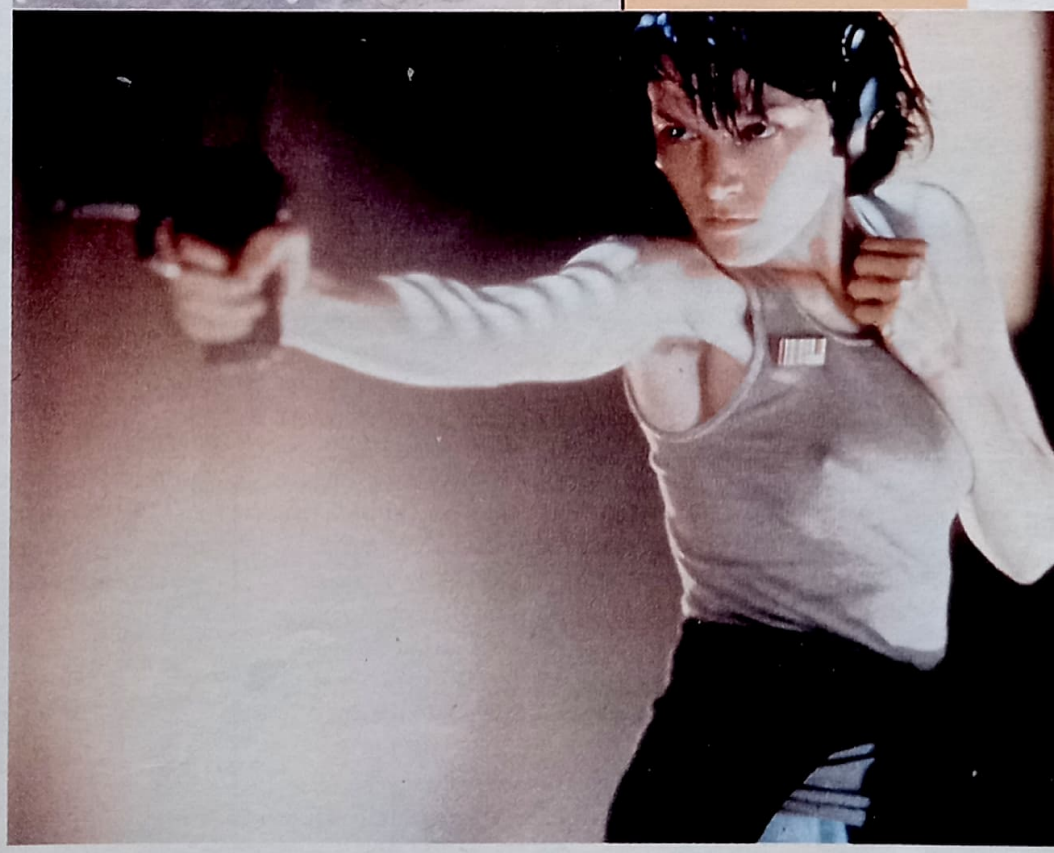
Ao invés de precisar se disfarçar de adido – e homem – para invadir um consulado e lá roubar segredos de estado, dessa vez Nina se disfarça de mulher – a namorada de um magnata do Oriente Médio que detém segredos cobiçados pela CIA, e vai na casa. O assistente de Nikita, que no filme francês era um homem, virou uma mulata. O Limpador, que na versão original dava fim do corpo do adido em que Nikita se disfarçava, agora "limpa" a namorada e os seguranças dela. E na fuga da mansão do magnata, ao contrário do que aconteceu no filme de Luc Besson, o Limpador revela à platéia que tem a missão de dar cabo de Nina: os dois travam uma batalha de morte à beira de um precipício.

No final do original francês, Nikita sumia sem deixar vestígio. Seu mentor e criador chegava na casa dela, e lá encontrava apenas o namorado. Agora, o mentor vai à casa dela e chega a vê-la fugindo dele – e ela percebe que está sendo vista. Num ato de bondade, ele a liberta, telefonando para seus superiores, e mentindo que ela estaria morta.



Buena Vista Pictures

Nikita (Anne Parillaud), à esquerda, e Nina (Bridget Fonda): codinomes diferentes de uma mesma assassina



Viaje por este mundo

EDITORA AZUL

Perder o rumo em plena selva, viajar em lombo de mula, comer o pó do deserto, sujeitar-se a todos os desconfortos, até à fome e à sede. Só no Brasil foram mais de meio milhão de quilômetros rodados, caminhadas, mergulhos, escaladas. Há um ano a revista Os Caminhos da Terra convidava os leitores para essa viagem muito especial. E foram 12 edições aprendendo a descobrir, desfrutar e, principalmente, preservar este planeta. Hoje, milhares de pessoas já estão embarcadas em Os Caminhos da Terra, prontos para mais um ano de aventura, beleza e surpresas. Você precisa vir também.

OS CAMINHOS DA Terra

AVENTURA • NATUREZA • ECOLOGIA

NAS BANCAS

A versão sem cortes de *Instinto Selvagem* e *Mediterrâneo*, Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 92, são os principais lançamentos de um mês fraco e irregular

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

Michael Douglas medita sobre as coisas boas da vida enquanto conversa com Sharon Stone

INSTINTO SELVAGEM★★★

(Basic Instinct, EUA, 92) Direção: Paul Verhoeven. Com Sharon Stone, Michael Douglas. LK-Tel/Vídeo.

Catherine Trammel, 30 anos, diplomada em Psicologia e Literatura pela Universidade de Berkeley, escreve *best sellers*, mora em San Francisco e possui uma belíssima casa de praia em Carmel. É rica, bonita, talentosa, e sábe gozar até a última gota a deliciosa vida que Deus lhe deu.

Que misteriosas forças do além poderiam fazer uma mulher como essa se apaixonar por um tira neurótico, alcoólatra, apatetado e violento, e que ainda por cima é o Michael Douglas? Considerando-se a inverossímil base de sua trama, até que *Instinto Selvagem* não se sai mal e consegue escapar de uma sina a que parecia fatalmente condenado: um *remake* de *São Francisco Urgente* com sexo, drogas e gente mais bem-vestida.

A seu favor, o filme tem um casamento perfeito – entre Catherine e Sharon Stone – e uma primeira meia hora brilhante, que vai culminar na célebre cena do interrogatório. Cruzada de pernas à parte, o confronto entre a fêmea fatal e os patéticos e perplexos machos "da lei" por si só justifica os três milhões de dólares que os produtores pagaram pelo roteiro de Joe Eszterhas.

A partir daí, o fator *Mulher Solteira Procura* da trama antecipa a identidade do criminoso, o suspense se banaliza e – pior ainda – tem a cara de pau de apelar para um final ambíguo, que parece não só transformar a história em uma piada como abre caminho para possíveis continuações. Mas onde ficam o bissexualismo e o glamour de Ms. Trammel depois de seu casamento com o guarda?

A questão básica para lançamentos em vídeo: vale a pena ver de novo? Vale. Verhoeven é um mestre estilosíssimo, a costa da Califórnia é abençoada por Deus e bonita por natureza, Sharon Stone idem, e a versão em cassete traz 42 segundos a mais de sexo (*cunnilingus* e *fellatio*), inéditos no cinema, que colocam o filme a um passo de atravessar a fronteira do pornô. Ainda que o luxo material de Picassos e Porsches que cerca Catherine Trammel seja muito mais excitante que os hipercoreografados embates carnais encenados.

José Augusto Lemos

Sexta maior bilheteria dos EUA em 92, com US$ 117,5 milhões. Foi visto por mais de 2,3 milhões nos cinemas brasileiros. "O único suspense que *Instinto Selvagem* produz efetivamente é um estranho tipo de suspense ideológico", *The New Yorker*.

OPERAÇÃO MADONNA★★★
(Operation Madonna, Alemanha, 1989) Direção: Hans-Christoph Blumenberg. Com Marius Müller-Westernhagen, Renée Soutendijk, Michael Lonsdale, Peter Kraus. LK-Tel/Vídeo.
Não, não se trata de nenhum novo filme-escândalo da *popstar* americana. A Madonna a que se refere o título é aquela que ilustra o famoso quadro renascentista e aqui faz parte de uma trama um tanto quanto improvável. Martin (Westernhagen) é confundido com um assassino profissional que é peça chave da *Operação Madonna*. Acaba sabendo mais do que deve e portanto precisa ser eliminado. Em seu socorro virá a bela e letal loirinha Giulliana (Renée Soutendijk), ex-auxiliar do vilão, que cai de amores pelo herói. O argumento segue a base hitchcockiana, na linha "o homem errado, no lugar errado, na hora errada". Mas Blumenberg está longe de parecer Hitchcock e seu filme fica com ar de história de espionagem dos tempos da guerra fria. A produção cuidada torna o filme palatável. O maior defeito é a dublagem para o inglês, muitas vezes fora de sincronia.
Jeferson de Sousa

O RESGATE DE LAUREN MAHOONY★★
(Desperate Rescue, EUA, 1991) Direção: Richard Colla. Com Mariel Hemingway, Claney Brown, Jeff Kober. Jovem Pan.
A história é banal e apela para o sentimentalismo mais barato. Mistura suspense, aventura e drama familiar, numa variante do filme *Nunca Sem Minha Filha*, com Sally Fields. Neste caso, a estrela é Mariel Hemingway, mãe de uma menina de 7 anos. Ela fica desesperada quando o ex-marido estrangeiro rapta a filha e a leva para a Jordânia. Já que legalmente a mãe não pode fazer nada, ela contrata três mercenários bonzinhos, patriotas e honestos (uma contradição em termos) para fazer o resgate. Bom, a operação não é nem um pouco espetacular, mas o suspense da segunda metade do filme garante alguma emoção. E nada mais.
M.St.

OBSESSÃO★★
(Obsession, EUA, 1992) Direção: Jonathan Sanger. Com Shannen Doherty, William Devane, Clare Carey. Jovem Pan.
Telefilme com Shannen, estrelinha da série *Barrados no Baile*, que goza de muita fama nos EUA, mas que é um rosto quase anônimo entre nós. A fita prova que não estamos perdendo muita coisa. Sua presença até que não compromete: Shannen faz o que pode com um personagem desenvolvido de forma primária. Trata-se de um thriller psicológico furadíssimo, quase ridículo. Ela é uma agente de seguros que se apaixona por um executivo mais velho, rico e divorciado duas vezes. Sua paixão se transforma em (o que mais?) obsessão e a trama ruma para uma espécie de *Atração Fatal*. De início, é possível entrar na brincadeira, mas o exagero logo toma conta – e o melhor é desligar os neurônios.
Ch.P.

O DONO DA NOITE ★★★★
(Light Sleeper, EUA, 1991) Direção: Paul Schrader. Com Willem Dafoe, Susan Sarandon. Look.
John LeTour (Dafoe) é um traficante de luxo, com bip e limusine à disposição. Beirando os quarenta anos, ele está em crise. Quer parar com tudo, sair do crime e voltar para a ex-esposa. Mas ele não consegue se desvencilhar dos compromissos marginais facilmente: quanto mais tenta sair mais se complica. Num papel atípico, e com grande desempenho, Susan Sarandon interpreta a chefe dura e implacável de John. Filmado em Nova York durante uma greve dos lixeiros, Schrader aproveitou o cenário promíscuo das ruas para simbolizar o estado de degradação da vida de seu personagem central, inspirado em um entregador de drogas de Los Angeles que o diretor conheceu.
Walter de Silva

Harrison Ford mete seu nariz onde não é chamado em *Jogos Patrióticos*

JOGOS PATRIÓTICOS★★★

(Patriot Games, EUA, 1992) Direção: Philip Noyce. Com Harrison Ford, James Earl Jones, Anne Archer, Patrick Bergin, Sean Bean. CIC.

Quando o muro de Berlim de uma queda foi ao chão, fãs dos filmes de espionagem se perguntaram, incrédulos: "Pô, e agora?!" A preocupação até tinha sentido, mas o filão espionagem é anterior à briga entre capitalismo e socialismo e vai sobreviver à ela, acredite. *Jogos Patrióticos* é por aí. Jack Ryan (Harrison Ford), consultor da CIA, está em Londres quando assiste à uma tentativa de seqüestro do vice-rei da Irlanda por um comando *hardcore* do Exército Republicano Irlandês. Jack impede o atentado e fuzila vários seqüestradores. Entre eles, o irmão de um terrorista linha-dura que, sedento de vingança (o chavão é proposital), quer matar Jack e família. O agente volta à ativa e resolve detonar o inimigo antes que seja detonado por ele. Jack Ryan é aquele mesmo personagem vivido por Alec Baldwin em *Caçada ao Outubro Vermelho*. Ford, apesar da cara de bobão, é melhor que Baldwin. E talvez por isso tenha sido escalado para mais dois filmes na pele do agente.

Será que Ryan vai virar o James Bond dos anos 90? Difícil. A trama está mais para John Le Carré – e seus anti-heróis burocratas do Serviço Secreto Britânico – do que para Ian Fleming. Mas falta inteligência, sutileza. Ainda assim é bom saber que o gênero espionagem sobreviveu ao fim do comunismo de resultados da extinta URSS. Nota seis pelas boas intenções.

Edson Arantes

Jogos Patrióticos foi a quinta maior bilheteria do verão americano do ano passado, tendo arrecadadoo US$ 25 milhões apenas na primeira semana. "Noyce dirige as cenas de ação maravilhosamente: elas são lúcidas e excitantes e têm uma elegância formal curiosamente satisfatória", *The New Yorker*.

DEADBOLT – A MORTE ESTÁ EM CASA★★
(Deadbolt, EUA, 1992) Direção: Douglas Jackson. Com Adam Baldwin, Justine Bateman, Cyndi Pass. Europa/Carat.
Uma versão masculina de *Mulher Solteira Procura*, voltada mais para o suspense tradicional e sem criatividade. Adam Baldwin (irmão de Alec) vem morar com o estudante de Medicina Marty (Bateman), que precisa dividir as despesas do apartamento depois que o antigo colega de quarto dele foi encontrado assassinado. Adivinhe quem é o suspeito principal? Mesmo com muita obviedade no roteiro, as pequenas reviravoltas garantem divertimento.
Paulo Gustavo Pereira

APARTAMENTO ZERO★★★
(Apartment Zero, Inglaterra, 1988) Direção: Michael Donovan. Com Colin Firth, Hart Bochner, Dora Bryan. LK-Tel/Vídeo.
Inédito em nossos cinemas, este é um forte candidato a vídeo *cult*. Uma fita diferente que mostra a estranha relação entre um cineclubista inglês (Firth, de *Valmont*) e um atraente e misterioso americano (Bochner) que aluga um quarto em seu apartamento (e que pode ser o responsável por uma série de assassinatos). A antipatia natural de Firth é um curioso contraponto ao charme ameaçador de Bochner. Intrigante, porém, indicado apenas para públicos especiais.
R.R.

TRAMA ASSASSINA★
(Into The Fire, EUA, 1990) Direção: Graeme Campbell. Com Art Hindle, Lee Montgomery, Susan Anspach. Sunset.
A interminável galeria de psicóticos que vêm assolando as locadoras acaba de ganhar mais um casal maquiavélico. Tudo por obra do cinema norte-americano, é claro. O roteirista Jesse Ballard e o diretor Graeme Campbell só se esqueceram de uma coisa: acrescentar ação à história. Lee Montgomery é um músico desempregado que vai parar numa pequena cidade em busca de trabalho. Encontra uma garçonete – que se torna sua namorada – e emprego na casa dos estranhos Art Hindle e Susan Anspach (de *Montenegro*), os quais têm outros planos para ele... Até que o espectador descubra qual é esse plano o filme já acabou. E a paciência também. Resta a interpretação de Susan, que já tem cara de louca mesmo.
André Hidalgo

TWIN PEAKS – OS ÚLTIMOS DIAS DE LAURA PALMER★★

(Twin Peaks: Fire Walk With Me, Estados Unidos, 1992) Direção: David Lynch. Com Sheryl Lee, Kyle MacLachlan, Moira Kelly, David Bowie, Chris Isaak, Harry Dean Stanton, Ray Wise. LK-Tel/Vídeo.

A série foi um sucesso, o filme foi um fracasso. David Lynch transportou *Twin Peaks* para o cinema diminuindo o suspense e quase eliminando o mistério, matéria-prima da *cult* série.

O longa, diga-se, não é um resumo da série. Lynch mostra os sete últimos dias de Laura Palmer. Exibe em detalhes os passos da ninfomaníaca Laura (a gostosíssima Sheryl Lee), que descamba na prostituição e toma todas que encontra. É violento e explícito. Mesmo assim, não é mais erótico que na TV. E ainda falta o super elenco de sado-modelos lançadas por Lynch – começando por Sherilyn Fenn (a que guardava sapatos de salto alto no armário da escola), que não acertou o seu contrato.

O agente Cooper aparece menos, só a partir da metade do filme. Surge o agente interpretado por Kiefer Sutherland, e o próprio Lynch, como um chefão do FBI. Tudo está lá: o anão que fala de trás para frente, o quarto vermelho, só que agora as cenas beiram a monotonia. Sobraram os personagens delirantes – incluindo dois que não estavam na série de TV, interpretados por Harry Dean Stanton e David Bowie, numa aparição relâmpago.

O resultado, porém, não é bom. Lynch tornou o thriller místico-estético mais alegórico. A sedução virou um jogo de charadas. Em resumo: é *Twin Peaks* – só que menos charmoso e mais caricatural.

Marcos Strecker

Fracasso de David Lynch: o filme conseguiu apenas US$ 4 milhões nas seis primeiras semanas e depois só foi ladeira abaixo. "Tudo em *Twin Peaks: Os Últimos Dias de Laura Palmer* decepciona. Não é o pior filme de todos os tempos, mas parece", *The New York Times*.

James Marshall e Sheryl Lee não salvam a versão de *Twin Peaks* que David Lunch fez para o cinema

A PROFECIA 4★★
(Omen IV: The Awakening, EUA, 1991) Direção: Jorge Montesi e Dominique Othenin-Gérard. Com Faye Grant, Michael Woods, Michael Lerner. Abril Vídeo.
Terceira continuação de uma das mais interessantes fitas de terror da década de 70. A Profecia 4, no entanto, não passa de um telefilme co-dirigido por uma canadense afeita ao gênero, mas que não tem nenhum talento especial, como demonstrou em *Halloween 5 – A Vingança de Michael Myers* (1989). Agora o anticristo é personificado por uma garota, adotada ainda bebê por casal estéril. A baderna começa já no batizado. Os aficionados do gênero poderão curtir uns poucos sustos, mas certamente se decepcionarão com a pouca violência da fita.
Ch.P.

INIMIGO MEU★★★
(Enemy Mine, EUA, 1985) Direção: Wolfgang Petersen. Com Dennis Quaid, Louis Gosset Jr., Richard Marcus. Abril Vídeo.
Curiosa variação de *Inferno no Pacífico*. Só que, em vez de um americano e um japonês isolados numa ilhota durante a Segunda Guerra, vemos um humano e um alienígena (inimigos mortais) tendo de se relacionar para sobreviver no inóspito planeta em que caíram durante uma batalha espacial. O diretor alemão Petersen (de *O Barco* e *História sem Fim*) realizou um filme intenso em emoções e mais ambicioso que a habitual aventura intergalática. Embora Quaid seja o astro, é Gosset Jr. quem tem o melhor papel, apesar de irreconhecível sob a forte maquiagem de réptil alienígena.
R.R.

CONTOS DE TERROR III ★★★★

(Tales From Crypt, EUA, 1990) 1 – *Mortalmente Certa (Dead Right) Direção: Howie Deutch. Com Demi Moore, Jeffrey Tambor.* 2 - *A Troca (The Switch). Direção: Arnold Schwarzenegger. Com Kelly Preston, William Hickey.* 3 - *Pôquer Mortal (Cutting Cards). Direção: Walter Hill. Com Kevin Tighe, Lance Henriksen.* Warner

O achado desta série produzida por Walter Hill, Richard Donner (*Máquina Mortífera*), Robert Zemeckis (*Uma Cilada para Roger Rabitt*) e outros, é o equilíbrio acertado entre horror e humor em anedotas macabras, grotescas e insólitas.

Em *Mortalmente Certa*, uma versão asquerosa de *A Bela e A Fera,* Demi Moore, decidida a provar que é também um corpinho bonito, vive uma gananciosa garçonete que dá o golpe do baú a conselho de uma cigana. Ela se casa com um cara supergordo, seboso, o porco em pessoa. As coisas não acontecem como a vidente previra. Então...

No segundo episódio, *A Troca,* estréia na direção de Schwarzenegger, um senhor muito velho e milionário se submete a uma série de operações plásticas absurdas para conquistar uma jovem esplendorosa (Kelly Preston, mulher de John Travolta). À medida em que ele rejuvenesce, sua riqueza diminui. Em tom de fábula, Schwarzenegger garante o segmento mais leve e bem-humorado do filme.

Pôquer Mortal, do craque Walter Hill, é o mais apavorante. Dois tipos durões não conseguem parar de se desafiar mortalmente. Pôquer, dados, roleta-russa etc. A violência e o sarcasmo são crescentes. Humor mordaz que poderia estar até num filme do Monty Python.

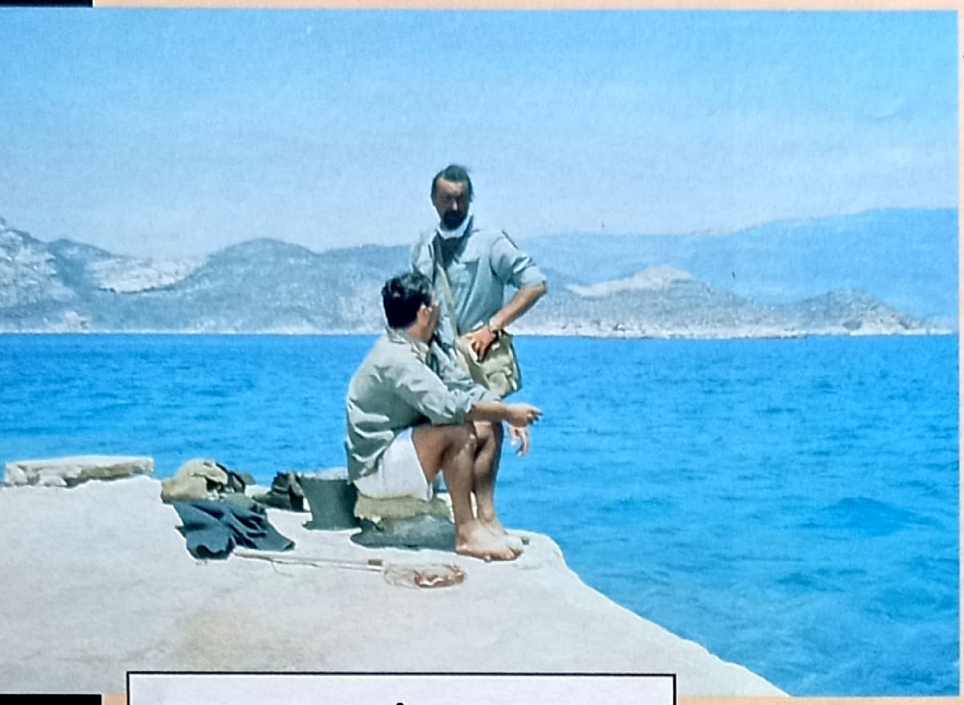
Walter de Silva

Warner

Jeffrey Tambor passa por maus momentos em um dos episódios de *Contos de Terror III*

RENASCIDO DAS TREVAS★★★
(H.P. Lovecraft's The Ressurrected, EUA, 1992) Direção: Dan O'Bannon. Com Chris Sarandon, John Terry, Jane Sibbett. Look.
Não é sempre que se tem a oportunidade de apreciar uma boa e séria história de terror, como neste lançamento simultâneo em cinema e vídeo. Exibido na última Mostra Internacional de São Paulo, o filme desconta as limitações da produção modesta com um bom roteiro sobre um homem em busca da imortalidade. A adaptação do conto *The Case of Charles Dexter Ward*, de H.P. Lovecraft, escritor americano do início do século, feita pelo excelente roteirista e diretor Dan O'Bannon é capaz de fazer gelar a espinha ao dar o tom certo para um clássico do terror. O'Bannon roteirizou *Alien, o 8º Passageiro* e *O Vingador do Futuro* e dirigiu o divertido *A Volta dos Mortos Vivos*. Chris Sarandon, longe da pinta de galã, exibida em *A Hora do Espanto*, confere a Charles Dexter uma progressão assustadora de monstruosidade.
Wagner Almeida Silva

O TERROR DA SERRA ELÉTRICA★★★
(Pieces, EUA, 1983) Direção: J. Simon. Com Christopher George, Paul Smith, Edmund Purdom. Screen Life.
Este perfeito exemplar dos filmes *exploitation* dos anos 70 carrega nas cenas de nudez – sempre mocinhas pós-adolescentes em pleno vigor físico – e capricha nas cenas de sanguinolência, nem tão explícitas como as de hoje mas igualmente radicais. O elenco, encabeçado pelo canastríssimo Christopher George, é aquela cara-de-pau que se pode esperar. Quem melhor atua no filme é a serra elétrica, que faz seu serviço muito bem, transformando competentemente as mocinhas em pedaços de carne que são usados pelo psicopata assassino em seu quebra-cabeças morfético. Do roteiro não se deve esperar nada mais do que o tradicional no gênero (des)temperado com umas pitadas de "Quem Foi?" – aquele truque sem-vergonha que Agatha Christie sempre aplicou. Mas, no todo, o filme funciona à risca e não vai desapontar os maníacos *trash*.
Carlos Eduardo Miranda



Vídeo Arte

Soldados italianos aproveitam o sol da Grécia em *Mediterrâneo*

MEDITERRÂNEO ★★★★

(Mediterraneo, Itália, 1991) Direção: Gabriele Salvatore. Com: Diego Abatantuono, Claudio Bigagli, Giuseppe Cederna. Vídeo Arte.

Mediterrâneo é um filme italiano. E esta não é uma óbvia constatação geográfica. O filme é italiano em sua essência: sentimental e escrachado como um *capo* mafioso que vai se debulhar em lágrimas no velório da vítima. Mas não há nada de máfia no filme, leitor esperto. A ação se passa em 1941, quando uma unidade do exército italiano – uma armada Brancaleone um pouco menos lisérgica – é encarregada de ocupar uma ilha grega de "importância estratégica nula", como afirma o próprio tenente que comanda o pelotão.

O barco que deveria levá-los de volta é posto a pique pela marinha inglesa e a missão que deveria durar quatro meses se estende por quatro anos. Lá, os soldados vão pouco a pouco se integrando à população e aos costumes locais até que a guerra e a Itália tornam-se distantes e irreais. Parece chato como um filminho cabeça de Oliver Stone, né? Mas não é. *Mediterrâneo* salva-se pelo bom humor, pelas imagens da paradisíaca ilha que lhe serve de cenário, pela interpretação precisa de seus atores e pela direção segura – que equilibra drama e comédia com a mesma competência – de Gabriele Salvatore. O filme é pacifista sem ser discursivo; sentimental sem ser piegas. *Mediterrâneo* ganhou o Donatello – espécie de Oscar italiano – e o próprio Oscar, em 92, como Melhor Filme Estrangeiro. A Academia, que nem sempre usa de bom senso em suas escolhas, desta vez acertou em cheio. Comprove.

Aran

Após a vitória no Oscar, *Mediterrâneo* foi relançado nos EUA e arrecadou US$ 3,9 milhões em 22 semanas.

MAMÃEZINHA QUERIDA ★★★

(Mummie Dearest, EUA, 1981) Direção: Frank Perry. Com Faye Dunaway, Diana Scarwid, Howard da Silva. CIC.

Adaptação para cinema da escandalosa (alguns garantem, mentirosa) biografia da estrela Joan Crawford, escrita por sua filha-adotiva Christina. Passada mais de uma década desde o seu lançamento, esta história rancorosa, de uma filha maltratada pela mãe, acabou perdendo a seriedade que pode ter tido no original. Restou apenas um melodrama *trash*, cheio de humor negro (involuntário). Mas isso não impede a diversão, ao contrário, garante. E se deve exclusivamente ao desempenho fascinante de Dunaway como Crawford. Da primeira aparição no início do filme à antológica seqüência com o cabide de arame, Dunaway está deliciosamente exagerada, no melhor estilo *camp*.

R. R.

O RETORNO DE CASANOVA ★★

(Le Retour de Casanova, França, 1992) Direção: Edouard Niermans. Com Alain Delon, Fabrice Luchine. VTI.

Alain Delon acaba de tirar o atraso. Ele passou a carreira bancando o Don Juan, mas nunca viveu o "papa" de todos eles. Aqui tenta mostrar que está em forma, mesmo aos 58 anos. A intenção era fazer um filme sério, mas o saldo é engraçadíssimo. O Casanova da história começa velho, sem grana e garotas. Ele encontra um amigo rico, fica com o dinheiro dele e a mulher. Depois descobre que só vai ser feliz se conquistar a empregada do casal. A menina dá uma de difícil. E o espectador quase cai da poltrona de tanto rir.

H. R. Jr.

UM VISITANTE INESPERADO ★★

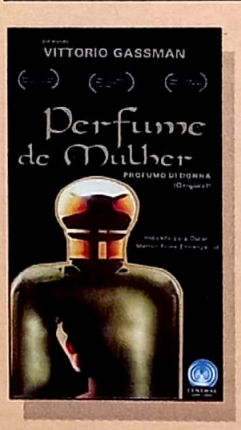
(Spotswood, Austrália, 1991) Direção: Mark Joffe. Com Anthony Hopkins, Ben Mendelsohn. Transvídeo.

De tempos em tempos aparecem diretores convictos de que serão capazes de melhorar o mundo – ao menos um pouquinho – com os seus filmes. Mark Joffe, em *Um Visitante Inesperado*, se revela um desses ingênuos. "Trabalho não é só dinheiro, é também dignidade", diz um de seus personagens, como se estivesse anunciando a descoberta da América. Mais do que perdido em meio à tanta bobagem, sir Anthony Hopkins é o ator principal do drama. Ele faz o frio "interventor" numa velha fábrica de calçados. Recomenda a "modernização" – palavra citada 37 vezes no filme – da fabriqueta, mas acaba, adivinhe, "humanizado" pelo velho proprietário e pelos empregados do buraco. Passa batido, desde que você não seja viciado em autoramas: a conversão de Hopkins de frio interventor em bom homem se dá durante uma sensacional corrida de *slot-cars*.

Mauricio Stycer

O CÍRCULO DO PODER ★★★

(The Inner Circle, EUA, 1992) Direção: Andrei Konchalovsky. Com Tom



PERFUME DE MULHER ★★★★

(Profumo di Donna, Itália, 1975) Direção: Dini Risi. Com Vittorio Gassman, Agostina Belli, Alessandro Momo. Central.

Perfume de Mulher, de Dino Risi, o original, com sotaque italiano, chega às locadoras para ofuscar o Oscar de Melhor Ator que Al Pacino abocanhou com o *remake* norte-americano (*Scent of Woman*). *O Profumo* tem fragrância mais sutil, um roteiro bem diferente e traz, no papel principal, Vittorio Gassman no topo da carreira. O filme recebeu um Globo de Ouro e deu a Gassman o prêmio de Melhor Ator no Festival de Cannes. Ele interpreta o capitão Fausto: um militar cego que não tem braço e vai a Nápoles com um soldado visitar um velho amigo. O capitão leva na bagagem um retrato de mulher, um revólver e um pacto de morte feito com o amigo, também cego. Em suma, tem uma história mais forte que a diluída versão de Martin Brest.

André Tomé

LADRA E SEDUTORA★★★★

(La Petite Voileuse, França, 1988) Direção: Calude Miller. Com Charlotte Gainsbourg, Diddier Bezace, Simon de la Brosse. Abril Vídeo.

Nem só de dramas existencialistas vive o cinema francês. Em *Ladra e Sedutora*, Claude Miller, antigo colaborador de François Truffaut, prova que a narrativa de costumes pode ser muito divertida, passando longe da pretensão. Baseado numa sinopse de Truffaut, Miller realizou uma espécie de *Os Incompreendidos* 2, mostrando a adolescência de uma pilantrinha irrecuperável. Charlotte Gainsbourg é Janine Castang, uma menina de 16 anos, nos anos 50, que desde cedo não resiste à tentação de roubar. Na vida afetiva, ela também tenta ganhar, mas sua vocação de saltimbanca a deixa sozinha. Um filme deliciosamente inspirado, que deve ter feito Truffaut sorrir.

Cesar Garcia Lima

Hulce, Lolita Davidovich, Bob Hoskins. LK-Tel/ Vídeo.

Retorno do diretor Konchalovsky (de *Os Amantes de Maria*) à sua terra natal, nesse que talvez seja seu mais consistente filme. Ambientado na União Soviética durante o período stalinista, conta a história de um projecionista de cinema que tem a sua vida mudada quando, no meio de uma noite, é levado a trabalhar para o próprio ditador. Atuação brilhante de Tom Hulce, provando que é bem mais do que apenas *Amadeus*. Para quem está interessado em densos dramas sobre o poder. Vale também por Bob Hoskins no papel do sombrio Béria.

M.R.

ESTRELA NUA★★★

(Brasil, 1984) Direção: Ícaro Martins e José Antônio Garcia. Com Carla Camurati, Cristina Aché, Ricardo Petraglia. Reserva.

Um raro momento de auto-reflexão do cinema nacional, que hoje luta para recuperar o seu espaço. Glorinha (Carla Camurati) é contratada para dublar a voz de uma atriz que morrera antes de terminar seu último filme. Aos poucos, ela vai se identificando com a morta, reproduzindo inclusive os seus casos amorosos, e acaba entrando numa crise suicida. Falta um pouco de atmosfera ao filme, talvez porque ele não se decida entre contar a história da moça ou falar dos meandros do cinema brasileiro. Mas merece ser visto, com todos os seus defeitos.

Dóris Fleury

CIDADE DA ESPERANÇA★★

(City of Joy, EUA, 1992) Direção: Roland Joffe. Com Patric Swayze, Pauline Collins, Om Puri. Warner.

Patric Swayze em versão mais séria. Baseado no romance de Dominique La Pierre. O filme conta a história de um médico americano na Índia que, ao tomar contato com a realidade do país, acaba descobrindo "a si mesmo" (??). Mais um exemplo do cinema cheio de boas intenções do diretor Roland Joffe – o mesmo do lacrimoso *Os Gritos do Silêncio*. Swayze não convence como ator dramático, apesar de contar com a ajuda de Pauline Collins (*Shirley Valentine*). Para quem está interessado em dramas "edificantes".

M.R.

O MAHABHARATA★★★★

(The Mahabharata, França/Inglaterra/EUA, 1989) Direção: Peter Brook. Com Robert Langdon Lloyd, Bruce Muers. VTI.

Adaptação do *Mahabharata*, o maior épico hindu. O texto foi escrito em 400 a.C. e é composto de 18 livros com mais de cem mil estrofes. O filme é de Peter Brook, um dos grandes mestres do teatro. A fita tem sua origem numa peça criada por Brook e apresentada no Festival de Avignon de 1985. Teve o roteiro adaptado pelo próprio Brook, junto com Jean-Claude Carrière e Marie-Helène Estiènne. Longo, com um texto simbólico feito de lendas e parábolas, não tem nada a ver com o chamado grande cinema, sendo quase teatro filmado. A transposição para o vídeo tende a tornar a coisa mais difícil, mas é uma obra refinada, rara.

M.St.

A PROSTITUTA★★★

(Whore, Inglaterra, 1991) Direção: Ken Russell. Com Theresa Russell, Benjamin Mouton. Europa.

Theresa Russell é a grande atração de *A Prostituta*: roda a bolsa com uma intensidade rara. No melhor estilo Actor's Studio – que cursou –, foi à luta entrevistando donas-de-casa e prostitutas. Mas não procurou deliberadamente ser uma prostituta. Ken Russell também não queria que o filme dramatizasse demais as situações. Há humor e um proposital distanciamento. O diretor trabalha no fio da navalha, procurando evitar o tom de paródia que imprimiu a *Crimes de Paixão*, quando ofereceu a Kathleen Turner a chance de uma bela criação. *A Prostituta* foi considerado pornográfico nos EUA e sofreu uma verdadeira campanha difamatória.

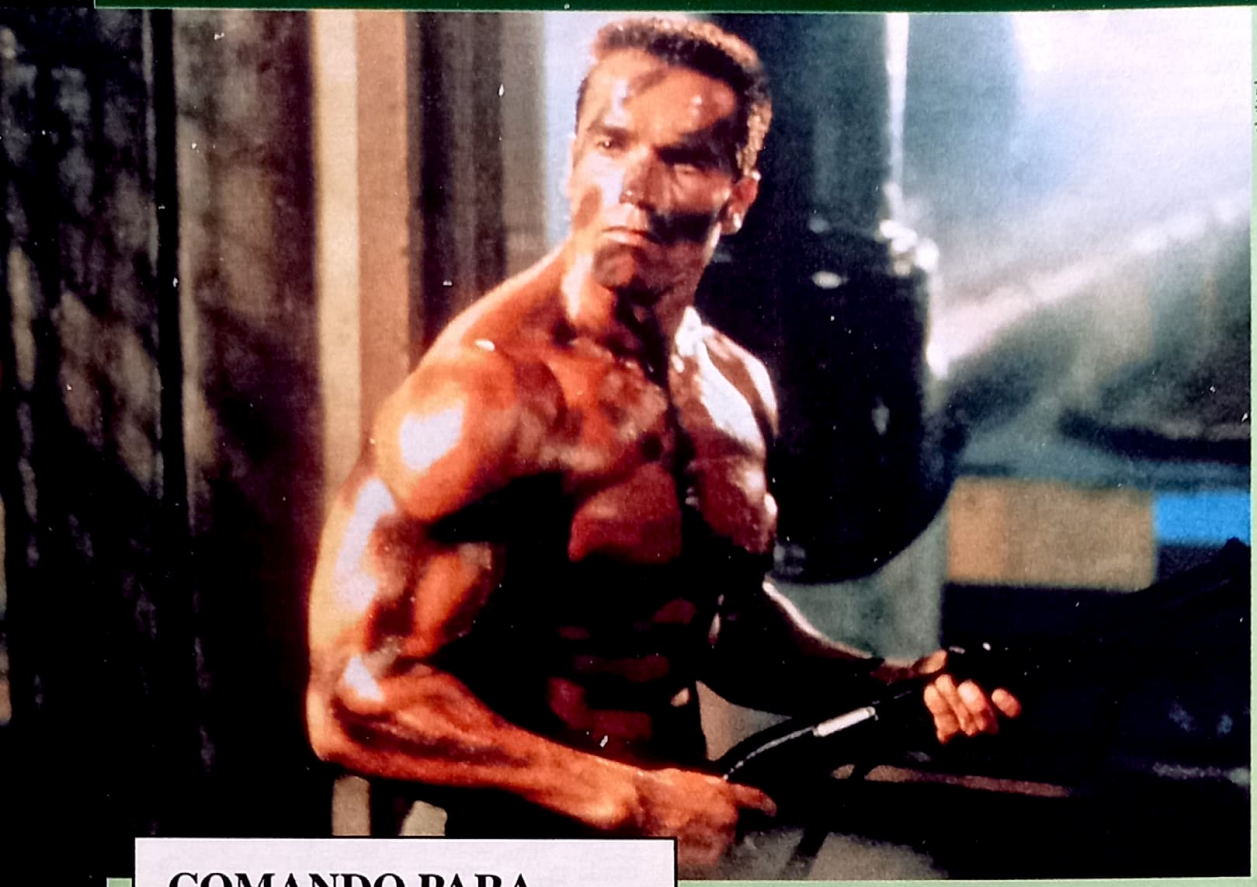
O filme não glamouriza a vida da prostituta. Ao contrário de *Uma Linda Mulher*, não há nenhum Richard Gere no caminho de Theresa. Casada com um alcoólatra e explorada por um cafetão que a cobre de pancadas, a heroína é usada pelos homens, mas chega a um final redentor sem ser melodramático.

Ken Russell fez um filme intencionalmente *fake*. Um falso documento verdade em que a prostituta fala direto com o espectador, expondo os podres e sua profissão. Em vários momentos, *A Prostituta* é mais escatológico do que excitante. Gostar ou não, eis a questão. Já no que se refere a Theresa Russell, a adesão só pode ser incondicional. Está ótima.

Luiz Carlos Merten

A Prostituta arrecadou pouco mais de US$ 330 mil nas duas primeiras semanas em cartaz nos EUA. "O filme tem um ar barato. Exceto por Theresa Russell e Antonio Fargas, como um filósofo de sarjeta, o elenco não está bem", *The New York Times*.

Theresa Russell tem que encarar barras pesadas em *A Prostituta*



Abril Vídeo

Arnold Schwarzenegger na época em que seus papéis tinham mais assassinatos que diálogos

COMANDO PARA MATAR★★★

(Commando, EUA, 1986) Direção: Mark Lester. Com Arnold Schwarzenegger, Rae Dawn Chong, Alyssa Milano. Abril Vídeo.

Você tem que concordar: Arnie é o maior astro do cinema mundial porque só ele não deixa a bola cair. E assistir a esse *Comando para Matar* mostra a razão. Afinal, quando ele faz um superfilme como *Vingador do Futuro* ou *Exterminador do Futuro 2* não tem erro. É filmar e sair para o abraço da galera.

Mas mesmo em filmecos como essa aventura B do picareta Mark Lester, brilha a estrela do gigante austríaco. Mas Lester tem Arnie, o único sujeito que convence o espectador de que pode mesmo arremessar os outros a dez metros de distância. E *Comando* tem até uma vantagem. É daquela fase em que Arnie não estava preocupado em ser um ator sério. Então a matança não pára. Ele interpreta um ex-soldado de elite que é obrigado a abandonar sua pacata aposentadoria quando um grupo de lunáticos rapta sua filha e só a devolve se Arnie cumprir uma missão paramilitar na América Central. Daí até os créditos finais são mais de 80 mortos. Também, quem mandou mexer com o cara? Vale a pena assistir *Comando*. Para ver Arnie e, de quebra, Alyssa Milano, a gracinha que faz sua filha de 12 anos. Sim, a atriz tem 12 anos também, mas cinema é para fantasiar, não?

Thales de Menezes

KUNG FU – A LENDA RENASCE★

(Kung Fu: a Legend Reborns, EUA, 1992) Direção: Jud Taylor. Com David Carradine, Chris Potter. Warner.
O espírito do Oriente que existe em cada ocidental entra em polvorosa quando "ele" surge na tela. Sim, o Gafanhoto da série de TV dos anos 70 está de volta, com suas pílulas de sabedoria de calendário. O monge *shao lin* Chang Caine, neto do legendário Kwai Shang Caine, retorna na pele de um David Carradine já meio gordão, naquela sua inconfundível roupa de bicho-grilo, com direito a sandália de couro e tudo mais. Mas a coisa está uma tristeza, porque o filme decepciona (e muito). Nada faz muito sentido, há um filho de Caine que não se sabe de onde saiu – Peter (Chris Potter), policial às voltas com mafiosos de Chinatown que citam Lênin –, há um roteiro caótico e uma direção de atores deplorável dentro de uma história confusa. Sobram apenas os golpes estilizados em câmera lenta do kung fu de David Carradine. Não é muito, convenhamos.
Francisco Costa

COMPANHIA DE ASSASSINOS★★★

(Company Business, EUA, 1991) Direção: Nicholas Meyer. Com Gene Hackman e Mikhail Baryshnikov. Paris.
Com a derrocada da URSS o que pode sobrar para os espiões? James Bond já dançou. Aqui quem dança é Mikhail Baryshnikov (sem sapatilhas) e Gene Hackman. Em *Companhia de Assassinos*, CIA e KGB usam uma troca de espiões como fachada para movimentar US$ 2 milhões. Hackman e Baryshnikov servem de bodes expiatórios. Mas os sabichões sacam a jogada, ficam com o dinheiro e arrumam a maior correria. O diretor Nicholas Meyer se atreveu a mandar a Guerra Fria para o espaço em *Jornada nas Estrelas* e se deu bem. Desta vez faz o mundo dos espiões ruir igual ao muro de Berlim.
H.R.Jr.

ROGO A DEUS E MANDO BALA★★

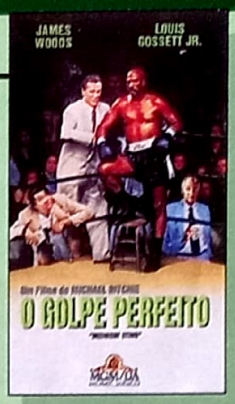
(Brasil, 1972) Direção: O. Oliver (Osvaldo de Oliveira). Com George Karan (Jorge Karan), Mark Wayne (Marcos Miranda), Marlene Kost (Marlene Costa).
Reserva.
Autêntico western brasileiro realizado sob pseudônimos estrangeiros, num tempo em que a astúcia da turma da Boca do Lixo ainda contava para garantir a exibição da produção nacional. Rodado em Salto (SP), o filme narra, a partir de um assalto inacabado, o envolvimento de um menino e sua tutora com cruéis bandoleiros. Muitos tiros e emboscadas que culminam em um sangrento confronto, do qual só os bons sobrevivem. Um dos raros exemplos de western feitos por aqui, com sabor chicano e a câmera nervosa de Antônio Melliande (ou Tony Mel...) alternando movimentos bruscos e tomadas sutis.
Attilio Leone

A INVASÃO DOS CÃES DE GUERRA★

(Who Dares Wins, EUA, 1990) Direção: Ian Sharp. Com Lewis Collins, Judy Davis, Richard Widmarck. VTI.
Filme datado, que não resistiu à queda do muro de Berlim e à desintegração da União Soviética, sofrendo nocaute técnico. Numa Inglaterra dos anos 80, um grupo pacifista e ecológico tenta chamar a

atenção com um atentado terrorista! Para impedir a ação é convocado o oficial da SAS inglesa Peter Skellen (Lewis Collins), que funcionará como o agente infiltrado. Frankie Leith (Judy Davis) é a bailarina ativista e revolucionária alvo do assédio de Skellen. O lado psicológico tenta ser remexido com o fato de que Skellen é um homem casado e Frankie, não. Mas a verdade é que nem o bom e velho Richard Widmark, que faz uma ponta, consegue salvar essa história inverossímil.
F.C.

OPERAÇÃO CARIBE★
(Caribe, EUA, 1987) Direção: Michael Kennedy. Com John Savage, Kara Glover, Stephen McHattie. Sunset.
Espionagem classe B, sem muitos recursos, tanto de produção quanto de execução. Jeff Richardson (John Savage) é um agente da inteligência inglesa que tem como tarefa bloquear um contrabando de armas na ilha de Belize, América Central, para as guerrilhas que operam na região. Ele não sabe, mas vai entrar na história, logo a seguir, uma trambiqueira chamada Helen Williams (Kara Glover). A seqüência é conhecida. Ele se apaixona por Helen (e é correspondido, claro), ela se regenera, e juntos tentam dar cabo do contrabando. Filme com direito a todos os trejeitos do gênero, se permitindo até um ritual de sacrifício humano muito mixuruca e deslocado na história.
F.C.



O GOLPE PERFEITO★★★
(Midnight Sting, EUA, 1992) Direção: Michael Ritchie. Com James Woods, Louis Gosset Jr., Bruce Dern. Warner.
James Woods é o rei da pilantragem. Mal sai da cadeia e já tem um carrão importado e uma gatona esperando com a chave no dedo. Ele leva vantagem em tudo, mas seu maior desafio é roubar a cidade inteira de um caipirão (Bruce Dern). Gosset Jr., um lutador de boxe semi-aposentado, é seu trunfo. Eles apostam com o chefão Dern que Gosset Jr. é capaz de nocautear dez lutadores em 25 assaltos. Dern morde a isca. O filme é legal, mas o chato é ficar contando até dez cada vez que um brucutu cai no chão.
Hamilton Rosa Júnior

CHINA O'BRIEN – UMA KICKBOXER A SERVIÇO DA LEI★★★

(China O'Brien I, EUA, 1988) Direção: Robert Clouse. Com Cynthia Rothrock, Richard Norton, Keith Cocke. CIC.

CHINA O'BRIEN II – QUANTO MAIS QUENTE MELHOR★★

(China O'Brien II, EUA, 1988) Direção: Robert Clouse. Com Cynthia Rothrock, Richard Norton, Keith Cocke. CIC.

Dois dos melhores filmes da mais importante atriz ocidental das artes marciais, Cynthia Rothrock, que num período de sete anos (1985-92) participou de mais de 22 filmes do gênero. Embora a maioria não fosse assistível e a crítica tenha execrado sua atuação, a popularidade da moça tem crescido muito ao longo dos anos, só sendo ameaçada recentemente pela estréia da kickboxer Kathy Long em *Knights*.

A primeira fita traz Cynthia retornando à sua cidade natal após ter abandonado sua carreira como policial por matar acidentalmente um garoto. Mas as coisas mudam quando seu pai, o xerife da cidade, é morto por criminosos, que ficam impunes comprando advogados e juízes. Cynthia se candidata à vaga do pai e forma uma equipe com mais dois lutadores – seu pretendente Matt e um misterioso índio motociclista chamado Dakota. A ação compensa a história bastante inverossímil – especialmente pelos vilões, excessivamente maldosos.

O segundo filme, feito no mesmo ano, é mais comedido no enredo, tendo Cynthia e seus aliados – ainda ocupando a delegacia da cidade – lutando contra um traficante foragido e sua tropa paramilitar. Tem menos lutas fantásticas que o primeiro, mas ainda assim é bastante interessante.
Nikki Nixon

"*China O'Brien* foi feito pela mesma equipe que havia feito *Operação Dragão*, com Bruce Lee, há 17 anos. Só que desta vez eles não capricharam", *Variety*.

CIC

Cynthia Rothrock, a rainha do kickbox, em pose de pode-vir-quente-que-eu-estou-fervendo

O PRÍNCIPE DAS MULHERES ★★

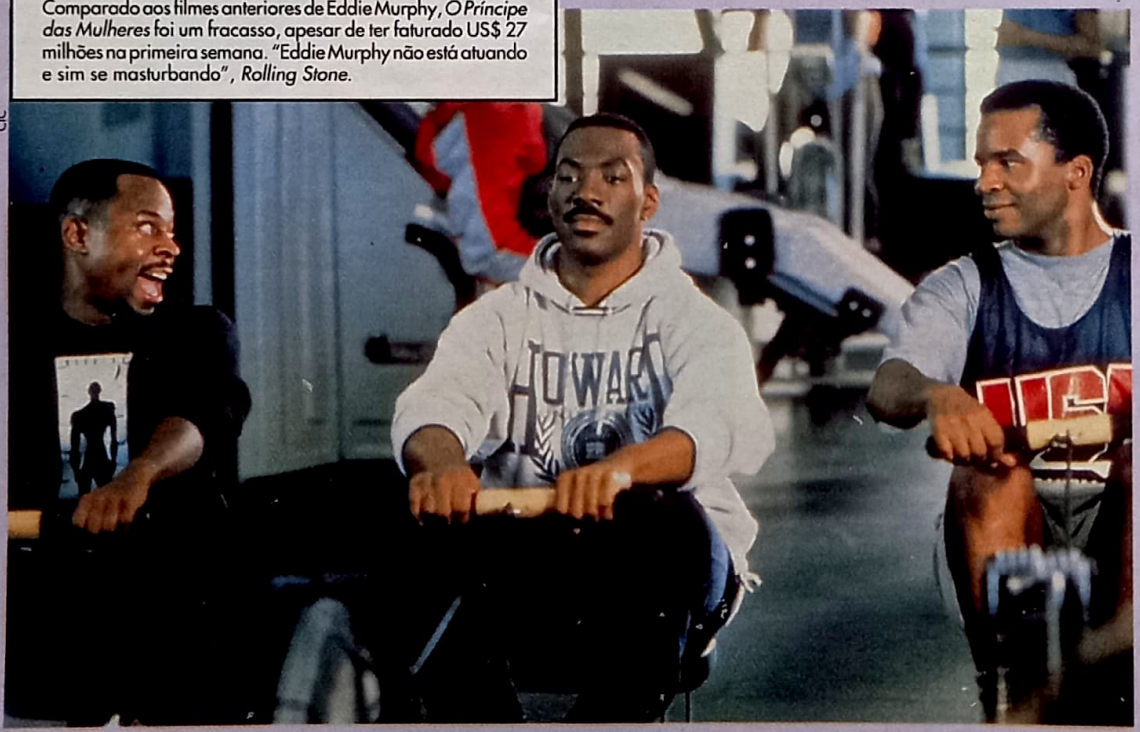
(Boomerang, EUA, 1992) Direção: Reginald Holin. Com Eddie Murphy, Halle Berry, Alan Grier. CIC.

Como parte de um contrato de mais de 50 milhões de dólares com a Paramount, Eddie Murphy preferiu gastar 42 milhões na frustrada tentativa de – acredite – se transformar em um tipo tão refinado quanto Cary Grant. Em *O Príncipe das Mulheres*, Eddie apela para o romantismo, no papel de um conquistador que um dia acaba se apaixonando por sua nova chefe, a belíssima Halle Berry. Apesar de lembrar as típicas comédias românticas dos anos 50, o filme se perde exatamente naquilo que poderia ser seu ponto mais forte: a atuação de Murphy, que, estranhamente, aparece aqui mais contido. Ou seja, com bem menos graça.

Com certeza Murphy tem o tipo de humor que não funciona muito quando quer ser sutil, mas que vai de encontro à sua nova estratégia de marketing: a de um homem "mais sério" e um artista mais engajado, valendo até ser fotografado estrategicamente ao lado de Spike Lee, nas filmagens de *Malcolm X*. Segundo ele, esse é o tipo de coisa que chega com a idade. Uma pena que essa síndrome de bom mocismo não funcione tão bem em seus filmes. É uma decepção para os fãs da série *Um Tira da Pesada*. Em matéria de comédias leves, dá até para sentir saudades de Rock Hudson.

Marcelo Rezende

Comparado aos filmes anteriores de Eddie Murphy, *O Príncipe das Mulheres* foi um fracasso, apesar de ter faturado US$ 27 milhões na primeira semana. "Eddie Murphy não está atuando e sim se masturbando", *Rolling Stone*.



CIC

Eddie Murphy, ao centro, faz muita ginástica para parecer refinado mas não consegue

ESCUTE MINHA CANÇÃO★★★

(Hear my Song, Inglaterra, 1992) Direção: Peter Chelson. Com Adrian Dumbar, Ned Beatty, Shirley Ann Field. Look.

Comédia que traz uma boa mistura de humor e romantismo. O filme conta a história do tenor Josef Locke, que após se retirar da vida artística e viver anos na ilegalidade (por sonegação de impostos), se vê perseguido por uma dupla de empresários que luta para que ele retome sua carreira. Primeiro (e elogiado) longa de Peter Chelson, ator da Royal Shakespeare Company. Além do excelente trabalho dos atores, o filme conta ainda com as belíssimas paisagens da Irlanda.

M.R.

AS AVENTURAS DE FORD FAIRLANE★★

(The Adventures of Ford Fairlane, EUA, 1990) Direção: Renny Harlin. Com Andrew Dice Clay, Wayne Newton, Priscilla Presley, Robert Englund. Abril Vídeo.

A REPOSSUÍDA★★★

(Repossessed, EUA, 1990) Direção: Bob Logan. Com Linda Blair, Leslie Nielsen, Ned Beatty. LK-Tel/Vídeo.

Gozação de *O Exorcista* estrelada pela própria Blair, como uma feliz dona-de-casa que volta a enfrentar o mesmo diabo que a possuiu quando criança. Similar às comédias do trio Zucker-Abrahams-Zucker (de *Apertem os Cintos – O Piloto Sumiu*) e, como elas, repleta de piadas infames, escatologia (lembram-se do vômito de Blair no filme original?) e trocadilhos intraduzíveis. Mas há momentos inegáveis de humor, graças a Nielsen (*Corra que a Polícia Vem Aí*) como um hilariante exorcista e a Blair, que se diverte muito em ridicularizar o papel que a tornou famosa. Última recomendação: assista ao velho *O Exorcista* para entender melhor as referências ao filme.

Roberto Rios

Comédia de muita ação ambientada no mundo do rock'n'roll. Clay, astro da TV americana, é Ford Fairlane, um detetive que resolve casos deste universo cheio de garotas gostosas, carros possantes, sons maravilhosos e muita corrupção. O filme tem ritmo ágil, garantia do diretor Harlin (*Duro de Matar 2*), com explosões e dublês. Há ainda pontas de Englund, o Freddy Kruegger que o próprio Harlin dirigiu em *A Hora do Pesadelo 4* (1988), e dos rappers Tone Loc e Sheila E. Pode ser divertido, se os ouvidos do espectador ficarem imunes ao sexismo e à completa vulgaridade do humor de Clay, responsáveis diretos pela conquista dos Golden Raspberry de Pior Filme e Pior Ator de 1990.

Ch.P.

AS AVENTURAS DE UM ANJO★★

(The Heavenly Kid, EUA, 1985) Direção: Cary Medoway. Com Lewis Smith, Jason Gedrick, Jane Kaczmarek. LK-Tel/Vídeo.

Fantasia cômica para adolescentes que agradará apenas aos que ainda não entraram nesta faixa. O roteiro, sem muitos cuidados, narra como um jovem gostosão morre nos anos 60, durante uma corrida de carros e fica no limbo, sem poder entrar no céu, até ajudar um babacão dos anos 80, que não sabe como conquistar garotas. Além de errar em detalhes de época,

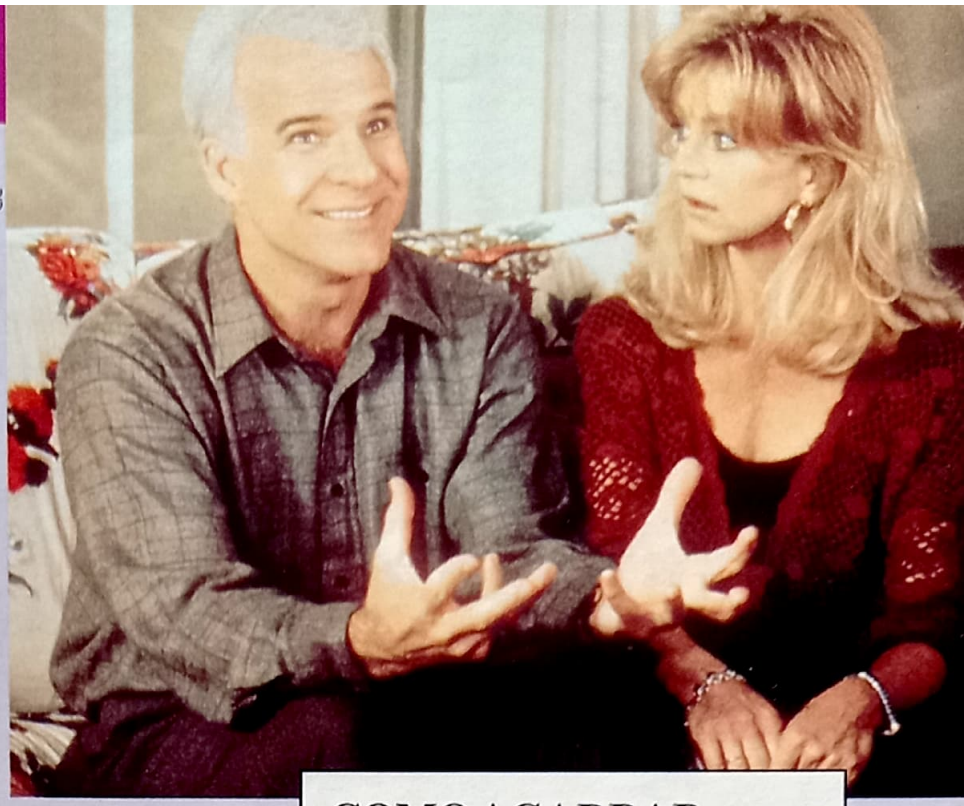
com músicas do final dos anos 50, o filme exige que o espectador acredite num enredo duro de roer. Melhora no final, mas até então os risos são esparsos e para lá de amarelos.
Ch.P.

AS FILHAS DE REBECCA ★★★
(Rebecca's Daughters, Inglaterra, 1991) Direção: Karl Francis. Com Peter O'Toole, Paul Rhys, Joel Richardson. Mundial.
No século 19, depois de retornar para seu povoado no País de Gales, um jovem se vê desprezado por sua noiva e também por seus antigos companheiros, resolvendo então se tornar o "vingador" do local. Espécie de Batman extemporâneo, o filme se revela um daqueles casos em que a história tenta ironizar a si própria e que, aqui, acaba dando bom resultado. Peter O'Toole está perfeito no seu bom e velho papel de "afetado" britânico. O filme foi uma das descobertas da última Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.
M.R.

CADILLAC AZUL ★★★
(Coupe de Ville, EUA, 1990) Direção: Joe Roth. Com Patrick Dempsey, Arye Gross, Daniel Stern. Abril Vídeo.
Comédia dramática de apelo sentimental e nostálgico. Passa-se em 1963, pouco antes da "morte" planejada da era Kennedy. Três irmãos muito diferentes entre si são obrigados a levar um Cadillac 1954 (da cor do título brasileiro e do modelo do título original) de Detroit a Flórida a pedido do pai, que o quer dar de presente pelos 50 anos da esposa. O roteiro é por vezes redondinho demais, e a trilha sonora obviamente recorre a vários *oldies*, mas há tiradas e passagens de grande força e empatia, graças principalmente à química entre os três atores centrais, em especial Stern (*Esqueceram de Mim*). Talvez americano demais, mas merece uma espiada.
Ch.P.

QUE GAROTA, QUE NOITE ★★★
(Mystery Date, EUA, 1991) Direção: Jonathan Wacks. Com Ethan Hawke, Teri Polo, Brian McNamara. LK-Tel/Vídeo.
Comédia adolescente de ação, com trama que não se preocupa em ter QI, mas que também não apela ao clichê imbecilizante. A intenção é entreter. Mesmo alcançando seu intento sem grande esforço ou elaboração, o roteiro oferece várias reviravoltas e trabalha com um inesperado humor-negro. O carismático Hawke (*Sociedade dos Poetas Mortos*) é um jovem tímido que não sabe como paquerar a bela vizinha. Seu irmão mais velho decide dar uma mãozinha e arranja um encontro entre os dois. Empresta até mesmo seu carro. Com um detalhe: um defunto no porta-malas. A noite está apenas começando. Na linha de aventuras labirínticas bem-humoradas que nasceram como geração espontânea após *Depois de Horas*, esta está entre as mais digeríveis.
Ch.P.

ROMANCE POR INTERESSE ★★
(The Linguini Incident, EUA, 1990) Direção: Richard Shepard. Com David Bowie, Rosanna Arquette, Eszter Balint. Globovídeo.
Um barman inglês que precisa desesperadamente casar para conseguir um visto de permanência nos EUA (David Bowie), uma garçonete obcecada em ser tão boa quanto o mágico Houdini (Rosanna Arquette) e uma designer de lingerie que faz soutiens com lâminas retráteis se unem para assaltar um restaurante. Resumindo assim até parece que existe um roteiro, mas o diretor Shepard deve ter pensado que bastava ter nomes de peso no elenco e algumas tiradas bem-humoradas para se fazer um filme. Só que Arquette está bem feinha e Bowie, mais canastrão do que nunca. De qualquer maneira, tudo isso não parece ser o suficiente para abalar a curiosidade de ver Bowie atuando.
Vitor Paolozzi



Steve Martin mostra a Goldie Hawn como gosta de ser agarrado

COMO AGARRAR UM MARIDO ★★★

(Housesitter, EUA, 1992) Direção: Frank Oz. Com Steve Martin, Goldie Hawn. CIC.

Frank Oz sedimenta sua posição como um dos mais interessantes diretores de comédias do atual cinema americano. Ele não é um gênio, não é um artesão, muito menos um criativo inovador. Mas seu estilo sutil, de bom gosto, quase refinado, unido a roteiros razoáveis, consegue extrair boas interpretações do elenco e boas risadas do público.

Em *Os Safados*, Michael Caine e Steve Martin se digladiavam para ver quem dava o melhor golpe do baú. Em *Nosso Querido Bob*, Bill Murray era o tormento de seu irascível analista, Richard Dreyfuss. Desta vez, Oz trabalha novamente com duplas – e também com Martin, que se vê às turras com Goldie Hawn.

Martin é Newton Davis, arquiteto promissor que constrói uma casa de sonhos para a sua amada Becky (Delany). Becky, porém, não ama Newton. A casa fica vazia. Ao desabafar suas dores com uma garçonete, Gwen (a sempre carismática Hawn, quando se trata de comédia), esta, largada na vida, decide se mudar para o pequeno palacete "inútil" e se faz passar por esposa de Newton, inclusive diante de seus pais. O conflito entre ambos não tarda, o ritmo é frenético e o romance, inevitável.

Bom passatempo, sem qualquer compromisso. Curiosidade final: os arranjos da trilha sonora de Miles Goodman foram assinados pelo brasileiro Oscar Castro Neves.

Christian Petermann

Durante 17 semanas *Como Agarrar um Marido* esteve na lista dos 45 filmes mais assistidos nos EUA, alcançando a marca de US$ 58 milhões. "... uma tediosa e sem graça comédia excêntrica. É um passo em falso na carreira de Steve Martin e Goldie Hawn", *Variety*.

PREVIEW

Fox

Em junho chegarão nas locadoras *1492 – Cristóvão Colombo*, dirigido por Ridley Scott e estrelado por Gérard Depardieu (foto), *O Sucesso a Qualquer Preço*, filme produzido no ano passado e que rendeu uma indicação ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante a Al Pacino, e um lote da VTI de dez filmes com a dupla O Gordo e o Magro. As melhores curiosidades ficam por conta de *O Colecionador de Almas*, o segundo filme de Richard Stanley (de *Hardware*), e *O Ano da Fúria*, de John Frankenheimer, um suspense político com Sharon Stone antes da fama.

PARADA

OS MAIS ALUGADOS

MARÇO

BRASIL

1 *O Príncipe das Marés* (LK-Tel/Vídeo)
2 *O Curandeiro da Selva* (Abril Vídeo)
3 *A Mão que Balança o Berço* (Abril Vídeo)
4 *Um Sonho Distante* (CIC)
5 *De Salto Alto* (Top Tape)
6 *Beethoven* (CIC)
7 *Areias Brancas* (Paris)
8 *Horas de Desespero* (Mundial)
9 *Jogo Perverso* (LK-Tel/Vídeo)
10 *Os Donos da Rua* (LK-Tel/Vídeo)

Fontes: Back 1 (PA), Canal do Vídeo (BH), Cine Vídeo (GO), Copa 6 (RJ), Hobby Vídeo (SP), Real Vídeo (SP), Scorpius (GO), Star Vídeo (GO), Vídeo Factory (SP), Vídeo Shack (RJ)

EUA

1 *The Last of the Mohicans* (Fox Video)
2 *A League of their Own* (Columbia TriStar)
3 *Sneakers* (MCA/Universal)
4 *Honeymoon in Vegas* (New Line)
5 *Death Becomes Her* (MCA/Universal)
6 *Single White Female* (Columbia TriStar)
7 *Unlawful Entry* (Fox Video)
8 *Mr. Baseball* (MCA/Universal)
9 *Singles* (Warner)
10 *Cool World* (Paramount)

Fonte: *Entertainment Weekly* de 02/04/93

BOLSA DE VÍDEO

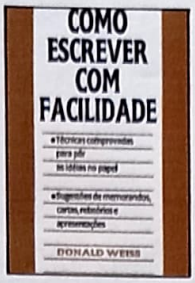
A crítica especializada foi consultada pela primeira vez e elegeu *Mediterrâneo* como o melhor lançamento do mês

	Carlos Heli de Almeida Jornal do Brasil	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Eduardo Souza Lima O Globo	Hamilton Rosa Jr. Folha da Tarde	Lorena Calábria TV Cultura	Marcel Plasse O Estado de S. Paulo	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Roberto Rios TV A Filmes	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Wanderley Sanches Veja SP	Média
Mediterrâneo	9	7	7	9	-	9	8	9	9	10	8.5
O Mahabharata	-	8	9	7	-	7	7	4	7	10	7.3
Instinto Selvagem	8	4	7	8	6	7	8	8	8	8	7.2
Inimigo Meu	7	-	8	7	7	7	7	7	5	-	6.8
Jogos Patrióticos	6	7	8	8	-	8	7	2	5	7	6.4
A Repossuída	-	6	6	-	-	-	-	7	6	-	6.2
O Dono da Noite	6	6	-	6	7	6	7	-	5	6	6.1
Como Agarrar um Marido	6	6	3	6	-	-	7	7	6	-	5.8
O Príncipe das Mulheres	-	4	5	4	-	4	6	3	5	5	4.5
Twin Peaks – Os Últimos Dias de Laura Palmer	6	6	3	-	4	-	6	-	0	5	4.2

LIVROS INCRÍVEIS PARA TODA FAMÍLIA. COMPRE DOIS E RECEBA MAIS UM INTEIRAMENTE GRÁTIS!

AUMENTE O PODER DE SUA MEMÓRIA
Donald H. Weiss
Técnicas que vão ajudar você a: memorizar o que lê e ouve, lembrar de fatos, melhorar sua concentração e organizar seu pensamento.

Código: 884294 **Cr$ 220.000,00**



COMO ESCREVER COM FACILIDADE
Donald H. Weiss
Indicações seguras para você escrever bem: formas para desenvolver idéias e maneiras de criar textos com emoção e conteúdo que transmitam sua mensagem.

Código: 999679 **Cr$ 290.000,00**

TÉCNICAS PARA UMA LEITURA RÁPIDA E EFICAZ
Donald H. Weiss
Este livro vai auxiliá-lo a organizar sua leitura separando, inclusive, o que exige uma concentração maior daquilo que pode ser lido mais superficialmente.

Código: 300195 **Cr$ 275.000,00**

RECEITAS DE MÃE PARA FILHA
Maria L. Q. Ribeiro
Ensina como fazer pratos deliciosos. Com ele na cozinha você não precisará mais se preocupar com o que irá preparar no almoço ou jantar. Já está tudo pensado e organizado. Você vai adorar!

Código: 030159 **Cr$ 405.000,00**

MICROONDAS SEM SEGREDOS
Cinthya Maggi
Este livro mostra como é fácil, simples e gostoso usar e abusar de seu microondas. Com dicas e receitas práticas e saborosas, você vai ver como o forno de microondas vai facilitar ainda mais a sua vida.

Código: 1110578 **Cr$ 520.000,00**

RECEITAS RÁPIDAS E GOSTOSAS
Iná H. Witzel e M. C. Carvalho
Este livro é ideal para você que tem pouco tempo, trabalha fora o dia inteiro... e ainda tem que enfrentar o fogão! Um guia prático com receitas simples e caprichadas.

Código: 021184 **Cr$ 405.000,00**

CÃES PARA INICIANTES
A.C. de Andrade
Mostra os princípios básicos e as melhores dicas para o correto desenvolvimento do cão, para que ele se mantenha forte, bonito e saudável.

Código: 938106 **Cr$ 410.000,00**

ADESTRAMENTO SEM CASTIGO
Bruno Tausz
Baseado em teorias de aprendizagem, este livro apresenta um método de ensino cuja tônica é a compreensão e o carinho. Uma obra muito abrangente, que serve como um verdadeiro manual.

Código: 857920 **Cr$ 425.000,00**

HIDROPONIA
James S. Douglas
Ensina você, de um modo prático e em linguagem simples, a instalar e manter um jardim sem terra em sua casa ou apartamento. Um método simples para você cultivar durante todo o ano utilizando apenas água.

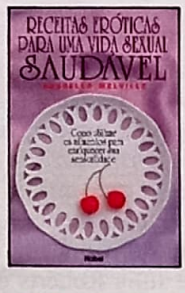
Código: 670537 **Cr$ 325.000,00**

QUANDO TUDO NÃO É BASTANTE
Haroldo Kushner
Este livro é para o leitor que em meio ao "corre-corre" da vida consegue questionar-se: Por que estou correndo? O autor nos encoraja a perguntar o que realmente conta em nossa existência.

Código: 756130 **Cr$ 240.000,00**

QUANDO COISAS RUINS ACONTECEM ÀS PESSOAS BOAS
Harold S. Kushner
É um livro que transmite a paz de espírito, capaz de mudar profundamente a sua vida. Dirige-se àqueles que desejam acreditar na bondade e justiça divina.

Código: 341835 **Cr$ 325.000,00**



RECEITAS ERÓTICAS PARA UMA VIDA SEXUAL SAUDÁVEL
Arabella Melville
Receitas e dicas para estimular ainda mais sua vida sexual. Sugestões de alimentos que intensificam, realçam e sustentam a sensualidade do casal.

Código: 021032 **Cr$ 310.000,00**

S3

GRÁTIS

Na compra de dois ou mais livros você ganha o livro **"MEL E SUAS APLICAÇÕES"** de presente.
Preencha, recorte e envie o cupom ao lado.
Não use selos nem envelope.
Se preferir, faça seu pedido por telefone:

LIGUE
(011) 876-2822
(ramais 35 e 43) Horário comercial

Preços válidos até 25/5/93
Após esta data os livros serão faturados pelos preços vigentes.
Importante: ao valor total de seu pedido serão acrescidos Cr$ 84.900,00 para despesas com manuseio e envio.

RECORTE AQUI

Nobel

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO

SIM, quero receber o(s) livro(s) cujos códigos e quantidade indico abaixo:

Código da obra	Quantidade	Código da obra	Quantidade

S2

Minha opção de pagamento é:

☐ Autorizo o débito do valor total em meu cartão de crédito.
Cartão _____
Val. ___/___ (mês/ano)
Nº _____

☐ Pagarei o valor total na contra-entrega, através de reembolso postal.

Nome _____
Endereço _____
_____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Est ____
Fone ( ) _____ Data __/__/__
Assinatura _____

Preços válidos até 25/5/93. Após esta data os livros serão faturados pelos preços vigentes

ISR-40-2106/83
UP. AG. CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

O selo será pago por:

EDITORA
Nobel

05999-999 - São Paulo - SP

UM DIA DE FÚRIA

Filme de ação empolgante que trata de problemas sérios sem mensagens de pieguice explícita

Michael Douglas está numa *freeway* de Los Angeles, preso em um engarrafamento infernal. O calor é insuportável, os carros buzinam, a paranóia cresce. Ele tem que chegar ao outro lado da cidade, na casa de sua ex-mulher, para entregar o presente de aniversário de sua filha. Ele não resiste à pressão. Abandona o carro ali mesmo, no meio do trânsito, e resolve seguir a pé.

Começa assim um dos filmes mais emocionantes, perturbadores e politicamente incorretos dos últimos tempos, *Um Dia de Fúria* (em inglês, *Falling Down*, "desabando", numa tradução livre).

No seu caminho, Douglas briga com um coreano dono de uma mercearia, se mete num tiroteiro com uma gangue de mexicanos e encontra um grupo neonazista. Tudo em uma só tarde, tudo isso em um só passeio pela cidade de Los Angeles.

Até agora não deu para acreditar que foi realmente Joel Schumacher quem dirigiu esse filme. Como é que pode um cara que fez aquela baba juvenil *O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*, que dirigiu o suspense-yuppie-sem-graça *Linha Mortal,* que usou Kenny G de trilha sonora para as choradeiras de Julia Roberts em *Tudo por Amor*, criar um filmaço como *Um Dia de Fúria*?

Quem for ao cinema esperando encontrar mais uma história açucarada vai ter uma grande surpresa. O filme é um soco no estômago, um thriller empolgante, que consegue lidar com temas tão complicados como racismo e preconceito sem parecer piegas, sem se preocupar em mandar "mensagens" de fraternidade.

Schumacher ataca os problemas da forma mais direta e eficiente: mostrando-os, expondo a face podre de um país, como Oliver Stone fez no subapreciado *Talk Radio*. Pode dormir tranqüilo, Schumacher, que seus pecados cinematográficos estão perdoados.

André Barcinski

Falling Down, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Joel Schumacher ■ ROTEIRO: Ebbe Roe Smith ■ Com Michael Douglas, Robert Duvall, Barbara Hershey, Rachel Ticotin ■ Warner

Warner

Robert De Niro briga com Bill Murray por Uma Thurman

UMA MULHER PARA DOIS

Robert De Niro é a melhor coisa desta produção indecisa entre o humor, o romance e o thriller

Os primeiros 15 minutos de projeção do filme de John MacNaughton (*Retrato de um Assassino*) despertam nos fãs do ator Robert De Niro o mesmo sentimento de decepção que alguns de seus trabalhos anteriores, como em *Tempo de Despertar* e *O Rei da Comédia* , ou a sensação de que estamos vendo "o ator certo no papel errado", transformando o filme em um trabalho medíocre.

Passados os tais minutos, percebe-se que De Niro está ótimo como sempre. O filme é que escorrega numa indefinição de gêneros e em um intenso combate de interesses ambíguos: tem um pouco de comédia, drama, policial e romance; uma receita difícil de ser executada por um diretor pouco genial. Outro problema é que De Niro e Murray às vezes parecem não se entender: um quer fazer um filme sério; o outro, uma comédia.

De Niro é Wayne Dobie, tira-fotógrafo de uma DP em Chicago. Numa das longas jornadas regadas a muito café, ele salva a vida do gângster Frank Millo (Bill Murray), que fica tão agradecido que lhe manda um presente: o corpo de mais de 1,80m de altura da deliciosa Uma Thurman (Glory), garçonete do clube de Frank que faz tudo o que o patrão manda, e que servirá Wayne por uma semana.

O roteiro do escritor Richard Price é inferior ao seu trabalho em *Vítimas de uma Paixão* (1989), em que ele também nos apresentou um policial, só que com características psicológicas muito mais interessantes.

Pelos créditos, deveria ser um filme genial. Mas não se pode confiar muito neles. São todos excelentes jogadores, mas parece não estarem jogando no mesmo time. Nota: a produção é de Martin Scorsese.

Ricardo Lombardi

Mad Dog and Glory, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: John MacNaughton ■ ROTEIRO: Richard Price ■ Com Robert De Niro, Bill Murray, Uma Thurman ■ UIP

MALCOLM X

Spike Lee derrapa na polêmica e cansativa cinebiografia do líder negro americano

Perdão, Spike Lee, mas *Malcolm X* é chato. São 200 (!!!) minutos longos, arrastados de uma biografia interessante, porém cansativa.

Malcolm X foi cafetão e ladrão até se

converter, na prisão, ao islamismo. Tornou-se seguidor de Elijah Mohamad, autoproclamado "último profeta de Alá sobre a terra", e líder da organização político-religiosa Nação do Islã. Num discurso desconexo como uma letra de samba do Olodum, Elijah e seu apóstolo Malcolm pregavam a supremacia do negro sobre o branco e defendiam o *apartheid* em solo americano. Ou seja, uma nação negra independente dentro dos Estados Unidos.

O discurso calou fundo numa América que começava a perder a ingenuidade. A popularidade de Malcolm cresceu tanto que o próprio Elijah Mohamad ordenou seu assassinato com a complacência da CIA, segundo o filme. Uma boa história que, no entanto, nas mãos de um bom editor, poderia ter sido transformada num filme plenamente assistível de duas horas.

Ainda assim, *Malcolm X* merece ser visto. Spike Lee prova que é um dos mais versáteis diretores americanos da atualidade. Passa pelo musical (no início do filme há uma dança infernal ao som de Lionel Hampton), pelo drama político, pelo épico e acaba numa cena de ação de tirar o fôlego. Competentíssimo. Denzel Washington é um ator de primeira linha e faz um Malcolm de presença forte, que evolui a cada cena. Há furos no roteiro, claro. A cinebiografia evita, estrategicamente, mencionar os Panteras Negras, organização paramilitar criada pelo líder negro, bem como seus furiosos discursos anti-semitas (que poderiam deixar Spike Lee em maus lençóis na comunidade cinematográfica).

Enfim, compre muitas pipocas, duas ou três latas de coca-cola e aventure-se nesta longa jornada noite adentro. É chato, mas é imprescindível conhecer *Malcolm X*, umas das personalidades-chaves para se entender os Estados Unidos do século 20.

Edson Arantes

Malcolm X, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Spike Lee ■ ROTEIRO: Arnold Pearl e Spike Lee, baseado em *The Autobiography of Malcolm X*, de Alex Haley ■ Com Denzel Washington, Angela Bassett, Albert Hall, Al Freeman Jr. ■ Fox

Stills

Andie MacDowell ajuda o ranzinza Bill Murray a sair da monotonia do seu dia-a-dia

O FEITIÇO DO TEMPO

Bill Murray numa comédia leve e "legalzinha" que pode ser vista sem medo: não machuca ninguém

O Feitiço do Tempo é a típica comédia "nota seis". Na saída do cinema, todo mundo vai falar: "Até que é legalzinho". É isso mesmo, "legalzinho", "simpaticozinho", todos os adjetivos terminados em "inho".

Acontece que essa "comediazinha" se tornou um sucesso fenomenal. Até a segunda semana de março o filme liderava a bilheteria americana entre as produções lançadas em 93, com mais de 60 milhões de dólares arrecadados.

O filme foi comendo pelas beiradas. É a tal coisa: não tem nada para assistir? Já viu *Questão de Honra*, *Os Imperdoáveis*? "Ah, então vá ver *O Feitiço do Tempo*, que não machuca ninguém".

E realmente não é nenhum desprazer assistir ao filme. Bill Murray, engraçado como sempre, faz um repórter de TV ranzinza que vê seus dias se repetirem como num passe de mágica. Toda manhã ele acorda e vive um dia idêntico ao anterior. Aí ele acaba se descobrindo "enquanto ser humano", se apaixona por sua produtora (Andie MacDowell) e o final... Bom, vai ver que não machuca. É bem bonitinho.

A.B.

Groundhog Day, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Harold Ramis ■ ROTEIRO: Danny Rubin e Harold Ramis ■ Com Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliot ■ Columbia TriStar

Fox

Spike Lee, à esquerda, nada discreto como sempre, não entusiasma com *Malcolm X*

Warner

O Poder de um Jovem

O PODER DE UM JOVEM

Avildsen, diretor de *Rocky* e três *Karatê Kid*, retoma o tema da luta. Desta vez, o boxe ganha nuances anti-racistas na história. Ambientado na África do Sul, o filme conta o processo de tomada de consciência de um branco de origem inglesa criado por zulus e que estudou num colégio elitista.

The Power of One, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: John G. Avildsen ■ Com Stephen Dorff, Armin Mueller-Stahl, Morgan Freeman, John Gielgud ■ Warner

DEPOIS DO AMOR

Isabelle Huppert é Lola, uma escritora bem-sucedida que vive há vinte anos com um arquiteto fanático por seu trabalho (Bernard Girardeau), mas com tempo suficiente para ter uma outra mulher (Lio) e dois filhos. Lola, por sua vez, abandona sua festa de 34º aniversário para se encontrar com o músico Tom (Hippolyte Girardot), que também é casado e com filhos. Todos sabem a respeito dos casos extramaritais dos outros mas convivem com as mentiras. Este é o ponto de partida para um filme tipicamente francês escrito e dirigido por Diane Kurys.

Après L'Amour, França, 1992 ■ DIREÇÃO: Diane Kurys ■ ROTEIRO: Diane Kurys e Antoine Lacomblez ■ Com Isabelle Huppert, Bernard Girardeau, Hippolyte Girardot, Lio ■ Filmes do Estação

MARCADOS PELO SANGUE

Dirigido por Taylor Hackford, produtor de *La Bamba*, *Marcados pelo Sangue* quer mostrar que não são só os negros que enfrentam pobreza e problemas raciais em Los Angeles. A história fala sobre a vida da comunidade hispânica da zona leste da cidade através de três primos. Acompanhando a vida deles num período de 12 anos, desde a infância até a fase adulta, quando cada um deles toma um rumo diferente em função da luta pela sobrevivência.

Blood In, Blood Out, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Taylor Hackford ■ ROTEIRO: Jimmy Santiago Baca, Jeremy Iacone e Floyd Mutrux ■ Com Damian Chapa, Jesse Borrego, Benjamin Bratt ■ Columbia TriStar

A PELE DO DESEJO

Casados na vida real, Greta Scacchi e Vincent D'Onofrio aparecem em *A Pele do Desejo* como dois amantes que

PASSION FISH

Mary McDonnell ganhou uma indicação ao Oscar de Melhor Atriz de 1992 com o papel de May-Alice, uma estrela de novelas da TV americana que fica paralisada da cintura para baixo depois de um acidente de carro. A partir daí, ela entra numa fase destrutiva, com tempo apenas para beber, ver televisão e brigar com enfermeiras. Até que surge Chantelle (Alfie Woodard), uma enfermeira com um passado de vício em drogas, e as duas juntas tentam recompor suas vidas.

Passion Fish, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: John Sayles ■ Com Mary McDonnell, Alfie Woodard, David Strathairn, Vondie Curtis-Hall ■ Paris

BOLSA DE CINEMA

FILME DO MÊS: ***Blade Runner – Nova Versão*** **(Warner)**

A crítica aprovou com honras a nova edição de Ridley Scott para o seu clássico *Blade Runner*.

	Christian Petermann Guia de Vídeo Nova Cultural	Inácio Araújo Folha de S. Paulo	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Leon Cakoff Mostra de Cinema de São Paulo	Marcelo França Mendes Mostra Banco Nacional	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Rubens Ewald Filho TV A Filmes	José Emilio Rondeau SET	Luciano Trigo O Globo	Média
1º ***Blade Runner – Nova Versão*** (Warner)	9	9	10	10	8	-	9	8	8	6	8,55
2º ***Herói por Acidente*** (Columbia TriStar)	6	8	-	9	7	9	8	8	5	6	7,33
3º ***O Boi*** (Play Arte Pictures)	8	-	-	-	4	8	-	7	-	-	6,75
4º ***Não Quero Falar Sobre Isso Agora*** (RioFilmes)	6	6	-	8	5	-	8	8	-	-	6,50
5º ***O Escorpião Escarlate*** (Rio Filmes)	5	-	-	8	-	7	7	5	-	-	6,40
6º ***Indochina*** (Haway)	-	-	-	-	7	-	-	5	7	-	6,33
7º ***Barrela*** (RioFilmes)	5	-	-	7	-	-	6	6	-	-	6,00
8º ***O Óleo de Lorenzo*** (UIP)	-	7	7	-	4	6	-	5	6	-	5,83
9º ***Código de Honra*** (UIP)	-	5	-	7	5	7	-	4	6	-	5,66
10º ***O Último dos Moicanos*** (Warner)	-	6	8	4	6	6	-	6	5	2	5,37

não casam mas nunca chegam a se separar ao longo de quase 30 anos. Greta é George, filha de mãe francesa e pai escocês que estuda em Paris e passa férias na Escócia, onde conhece Gavin (D'Onofrio). Narrado por George aos 40 anos, o filme revive o romance dos dois desde a década de 50, quando Gavin propõe casamento a George, mas esta recusa, entusiasmada com as leituras de obras de Camus, Sartre e Simone de Beauvoir.

Salt on our Skin, Alemanha/França/Canadá, 1993 ■ DIREÇÃO: Andrew Birkin ■ ROTEIRO: Andrew Birkin e Bee Gilbert, baseado no romance *Les Vaisseaux du Coeur* ■ Com Greta Scacchi, Vincent D'Onofrio, Anais Jenneret ■ Warner

The Vanishing

Fox

THE VANISHING

Refilmagem americana que o holandês George Sluizer fez de seu próprio thriller de 1988, *Spoorloos*. Kiefer Sutherland interpreta um homem obcecado em achar a namorada (Sandra Bullock), desaparecida misteriosamente depois que tiveram uma discussão. O suspense do filme fica por conta do personagem de Jeff Bridges, um, à primeira vista, tranqüilo e bem-casado professor.

The Vanishing, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: George Sluizer ■ ROTEIRO: Todd Graff ■ Com Jeff Bridges, Kiefer Sutherland, Nancy Travis, Sandra Bullock ■ Fox

NEM FREUD EXPLICA

Este é mais um filme sobre solidão, amor e violência em Los Angeles. *Nem Freud Explica* é uma comédia bem mais ousada que *L.A. Story*, falando sobre gays (masculinos e femininos). A história se passa em torno do escritor Monkey Zetterland (Steven Antin, também roteirista do filme) e suas relações com a dominadora mãe judia (Katherine Helmond), sua irmã lésbica (Patricia Arquette), que acabou de brigar com a namorada (Sofia Coppola), e mais um grupo grande e variado de amigos que freqüentam sua casa.

Inside Monkey Zetterland, EUA, 1992 ■ DIREÇÃO: Jefery Levy ■ ROTEIRO: Steven Antin ■ Com Steven Antin, Katherine Helmond, Patricia Arquette, Sofia Coppola, Sandra Bernhard ■ PlayArt Pictures

ESCORPIÃO ESCARLATE

Encontro inusitado entre um herói e um vilão que fizeram muito sucesso em radionovelas brasileiras da década de 50. O herói é o Anjo (que também virou personagem de quadrinhos). O vilão é o Escorpião Escarlate. Ivan Cardoso (*O Segredo da Múmia*) é o único diretor tupiniquim que canibaliza com talento a cultura camp americana. O filme é de 89 mas, com a extinção da Embrafilme em 90, não pôde ser exibido anteriormente.

Escorpião Escarlate

Rio Filmes

Escorpião Escarlate, Brasil, 1990 ■ Direção: Ivan Cardoso ■ Com Monique Evans, Andréa Beltrão, Suzana Mattos, Herson Capri ■ Rio Filmes.

Warner

Made in America

ESTRÉIAS EM MAIO NOS EUA

MUCH ADO ABOUT NOTHING

Diretor: Kenneth Branagh
Elenco: Denzel Washington, Keanu Reeves, Emma Thompson e Michel Keaton.
Sinopse: mais uma vez o diretor inglês se atraca com Shakespeare, numa comédia de época.
Distribuição: Samuel Goldwyn.

DAVE

Diretor: Ivan Reitman.
Eelenco: Kevin Kline e Sigourney Weaver.
Sinopse: Kline é um impostor que assume o lugar de seu sósia: o presidente americano! Sigourney é uma primeira-dama muito desconfiada da súbita atração que começa a sentir pelo maridão.
Distribuição: Warner Bros.

MADE IN AMERICA

Diretor: Richard Benjamin
Elenco: Ted Danson e Whoopi Goldberg.
Sinopse: o que acontece quando uma adolescente descobre a verdadeira identidade de seu pai (Ted Danson), na verdade o doador de um punhado de esperma coletado pela mãe da menina, Whoopi Goldberg?
Distribuição: Warner Bros.

LASER DISC

EDIÇÕES SUPERESPECIAIS

THE GRADUATE

O amor de Dustin Hoffman garotão pela mais velha Mrs. Robinson comemora um quarto de século com uma reedição especial, que inclui, além da íntegra do filme no formato *widescreen*, o trailer original de lançamento americano, mais entrevistas atuais, feitas com Hoffman, Anne Bancroft e o diretor Mike Nichols.

THE 400 BLOWS

A estréia do crítico de cinema François Truffaut como diretor de longas, lançada originalmente em 1958, ganha agora uma versão em *widescreen*, com trilha de áudio em separado e comentários sobre o filme.

THE PLAYER

Essa edição especial da Voyager Company – a Rolls Royce dos fabricantes de laser discs – vale os 100 dólares que custa nas lojas. Traz a versão integral do filme, com todas as 65 aparições especiais – e um "mapa" detalhado, especificando onde cada uma aparece no filme –, mais entrevistas com o diretor Robert Altman, o autor-roteirista Michael Tolkin, a atriz Whoopi Goldberg e o diretor de fotografia Jean Lepine, mais (!) uma análise da seqüência de abertura (oito minutos sem cortes), o depoimento de vinte diferentes roteiristas, contando histórias verdadeiras de seu relacionamento profissional com Hollywood, mais (!!!) uma história ilustrada de setenta filmes que falam de Hollywood e uma filmografia de Altman.

EQUIPAMENTO

PROJETOR MULTIMÍDIA

TVT-6000

(FK Equipamentos)

Os problemas de retroprojeção terminaram. Já está disponível no Brasil desde março o videoprojetor TVT-6000 que pode ser acoplado a um videocassete (VHS ou Super VHS), videolaser ou a um computador de padrão IBM ou Macintosh, ligados simultaneamente. Pesando apenas 11kg, o TVT dispensa o canhão de três tubos e tem capacidade de projetar nitidamente 262.144 variações de cores e reproduções de imagens e animações com efeitos especiais, numa velocidade de 30 quadros/s.

Sua projeção varia de 14 a 220 polegadas, tem foco automático e o controle do zoom e da seqüência da imagem é realizado através de controle remoto com teclas luminosas.

Em resumo o TVT-6000 é perfeito para convenções de empresas e eventos artísticos. Só existe um porém: o aparelho custa 20 mil dólares. Para os interessados, a FK Equipamentos fica na rua Manoel Guedes, 460, São Paulo/ fone 011- 829-3721.

TRILHAS SONORAS

DOIS CDs IMPERDÍVEIS

MALCOLM X – MUSIC FROM THE MOTION PICTURE SOUNDTRACK

(Warner)

Filho de um músico de jazz, Spike Lee sempre caprichou nas trilhas de seus filmes. Mas desta vez, com uma bela ajuda de Quincy Jones, ele abusou. Não estamos falando da trilha original composta por Terence Blanchard (sem previsão de lançamento no Brasil) e sim desta verdadeira enciclopédia da música negra americana que chega agora em CD.

O ponto de partida de sua primorosa seleção já deixou para trás o folclore. Estamos no coração da América urbana e industrial. O blues rural já virou rhythm'n'blues, e os verdadeiros pais do rock'n'roll – Louis Jordan e Joe Turner – comparecem respectivamente com as safadas "Roll' Em Pete" e "Beans and Cornbread". O jazz já deixou de ser *dance music* dos puteiros de Nova Orleans e dispara em sofisticação harmônica. É o estilo afro-americano melhor representado na trilha: das orquestrações "texturizadas" de Duke Ellington (a magnífica "Arabesque Cookie") e Lionel Hampton ("Flying Home") à exploração sem limites de John Coltrane (em "Alabama"). Sem esquecer divas como Ella Fitzgerald ("Azure") e Billie Holliday (na rara "Big Stuff", talvez a faixa mais arrepiante do disco). Já a herança gospel explode no doo-wop aveludado dos Ink Spots ("My Prayer") e no soul rasgado de Aretha Franklin ("Someday We'll All Be Free"). Invertendo a cronologia, todas essas

LIVRO

INJUSTIÇADOS PELA ACADEMIA

ALTERNATE OSCARS
(Delta, 1993)

Sidney Poitier em *As Violetas São Azuis*

Cada cinéfilo tem sua opinião sobre o Oscar. Pode ou não concordar com cada uma das premiações. Os mais radicais, como o americano Danny Peary, em vez de ficarem revoltados com os resultados e falando aos quatro ventos sobre isso, escrevem e publicam suas opiniões.

O historiador cinematográfico de 48 anos, reescreveu os 65 anos do Oscar segundo sua preferência em *Alternate Oscars* ("os Oscar alternativos"). Peary tem a coragem de mostrar sua indignação pela premiação a Sidney Poitier em 66 por *As Violetas São Azuis*. A razão: para ele, a melhor performance de Poitier é em *A Raisin in the Sun*, e o melhor ator daquele ano foi Jerry Lewis por *O Professor Aloprado*.

Pode parecer pura maluquice essa atitude de Peary, mas ele faz questão de explicar suas colocações: "Muitas pessoas usam os Oscar como uma medida padrão, o que significa uma visão distorcida dos fatos. É como imaginar a Hall of a Fame do beisebol sem Babe Ruth ou Lou Gehrig. A Academia ignorou algumas grandes estrelas como Greta Garbo, Cary Grant, Edward G. Robinson, Barbara Stanwyck, Boris Karloff e W. C. Fields".

Peary inclusive levanta uma bandeira. "Os melhores filmes são aqueles em que os diretores ou atores fazem um investimento emocional. Os filmes comerciais vencedores normalmente fazem parte de uma linha de montagem." Para ele, outro dado importante que leva às famosas injustiças da Academia é que "muitos filmes são automaticamente descartados porque os membros não assistem a todos. Quantos membros com mais de 60 anos, por exemplo, assistiram *Cães de Aluguel* ou *Bad Lieutenant*?"

Todos devem estar se perguntando se Danny Peary em nenhum momento concorda com as escolhas da Academia. São raros, mas ele confessa que não tem o que discutir a respeito de *Casablanca* ou o Oscar de Robert De Niro por *Touro Indomável*. Convenhamos, Danny Peary não é tão louco assim.

vertentes culminam na primeira faixa do disco, o manifesto radical em forma de rap que é "Revolution" do Arrested Development, o grupo revelação de 1990.

Poderia ter dado uma colcha de retalhos do crioulo doido, mas ouvi-las é uma experiência hipnótica que dispensa até o filme. Na unidade de todos esses estilos está o que Spike Lee realmente persegue: a identidade da cultura negra. Uma identidade nada monolítica, tão erudita quanto pop, que traz a principal contribuição à música terráquea em todo o século vinte. Obter esse efeito deixando de fora monstros como Miles Davis, James Brown e Jimi Hendrix não deixa de ser um milagre. Como DJs, Spike Lee e Quincy Jones pegaram na veia e montaram um discaço, daqueles que a gente imagina poder ouvir a vida inteira, sem cansar nunca.

José Augusto Lemos

DRACULA DE FRANCIS FORD COPOLLA
(Columbia/Sony)

A música não foi o menor dos equívocos do, para muitos, decepcionante filme de Francis Ford Coppola. Não que a trilha composta pelo desconhecido Wojciech Kilar e conduzida por Anton Coppola seja ruim. Há bons momentos, temas bonitos como "The Brides" e "Love Remembered", mas que mal conseguem segurar um conjunto repleto de lugares-comuns.

Mesmo as passagens, digamos assim, mais "experimentais", como a estranha e climática "The Ring of Fire", passam uma impressão de *déjà vu*, fazendo vir à mente, por exemplo, alguns impressionantes efeitos conseguidos por Jerry Goldsmith na trilogia de *A Profecia*.

O resultado, em disco, tem unidade e apuro orquestral e sem dúvida agradará aos fãs mais ardorosos da vertente sinfônica (é nitidamente superior, inclusive, à repetitiva partitura escrita por John Williams para o *Dracula* de John Badham, em 79). Mas nas telas foi pouco para salvar a fita para a qual foi concebida, chegando a ser inconveniente em alguns momentos.

A canção que fecha o disco, "Love Song for a Vampire" é da ex-Eurythmics Annie Lennox e está alguns pontos acima das babas de extração pop que costumam ser enfiadas em trilhas, embora também não seja grande coisa.

Carlos José Ribeiro

A Maior Atriz do Cinema Mudo

Ares de mocinha aborrecida em *O Vento*, de 1927

MGM

Ao lado de D.W. Griffith, Charles Chaplin e Mary Pickford, ela ajudou a construir a história da sétima arte

Ela não era vamp como Theda Bara. Não foi musa como Gloria Swanson. Muito menos insolente como Mae West. E jamais atingiu o status de "deusa" como Garbo ou Dietrich. No entanto, sobreviveu a todas, enfrentou com sucesso a transição do cinema mudo para o falado, fez carreira no teatro e ao morrer este ano, aos 98, o nome Lilian Gish se confundia com a própria história da sétima arte.

Lilian Gish praticamente inventou o atuar diante das câmeras. Tendo como mentor o célebre diretor D.W. Griffith (o inventor da narrativa cinematográfica tal qual conhecemos hoje em dia), ela atuou em uma série de filmes mudos que estabeleceram o ritmo e a estética hollywoodiana e a transformaram em uma das primeiras estrelas – com direito a fã-clube e tilintar da máquina registradora à simples menção de seu nome.

Lilian Diana Gish nasceu em 14 de outubro de 1896. Dois anos depois, viria ao mundo sua irmã Dorothy Gish, igualmente estrela de cinema e, ao contrário de Lilian, especializada em papéis cômicos. As irmãs Gish (como eram conhecidas no auge da popularidade, quando representavam quase uma griffe *made in* Hollywood) receberam educação em arte dramática desde a infância e acabaram no cinema quando tentavam o caminho da Broadway. Isso aconteceu em 1912, quando foram até Nova York visitar uma amiga e aspirante, a atriz "séria" Gladys Smith, que estava naquele momento apenas matando o tempo em uma companhia cinematográfica, a Biograph, enquanto não surgia um emprego legítimo nos palcos da Broadway.

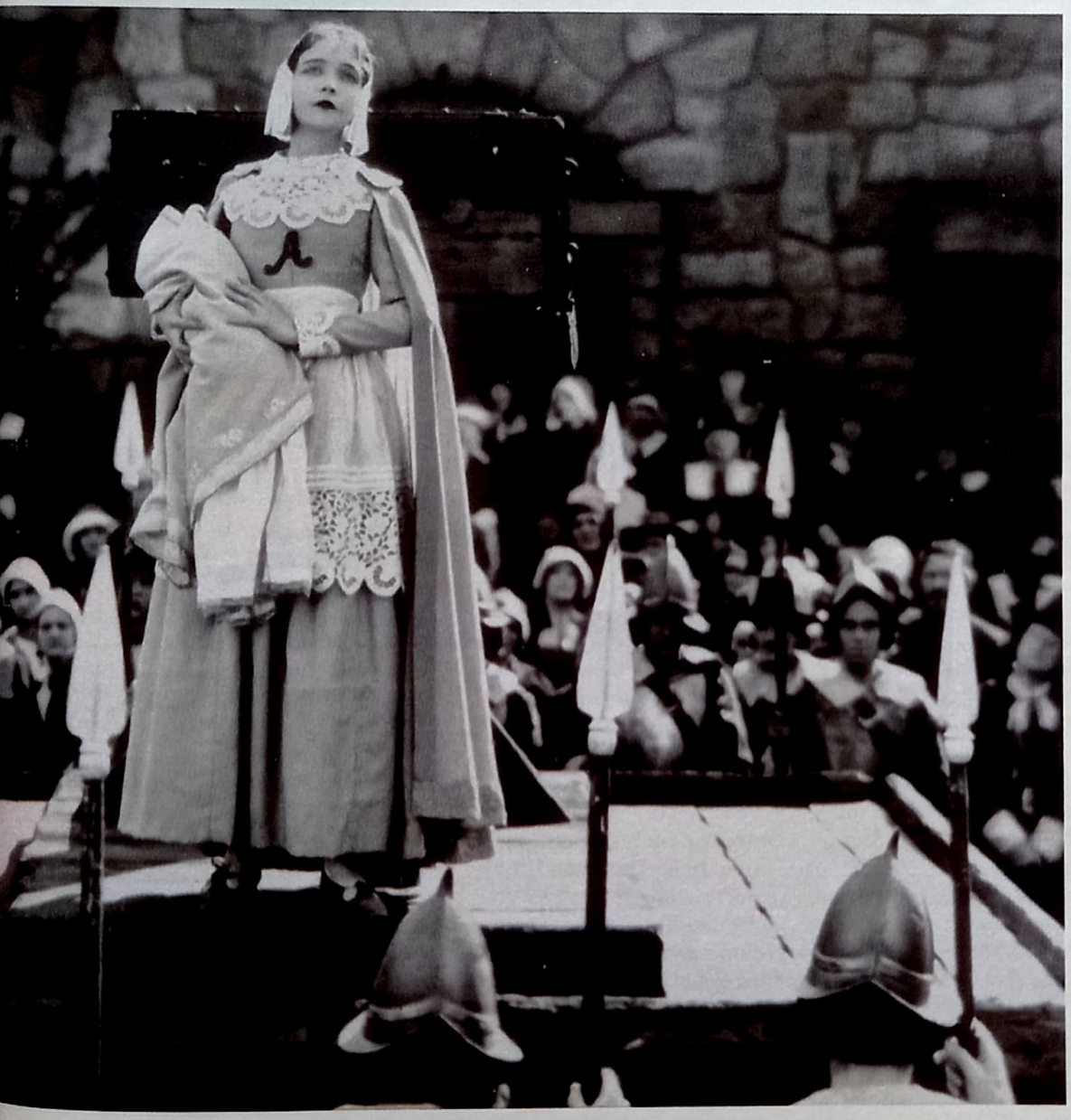
Lilian e Dorothy gostaram da idéia e também foram se divertir. O resto virou história... e que história! Só para ilustrar, a tal amiga Gladys Smith deu tão certo no "bico" que fazia na Biograph que teve de mudar de nome e chegou a ter seu próprio estúdio. Virou Mary Pickford, "a namoradinha da América", e uma das proprietárias da United Artists, com seu marido, Douglas Fairbanks, e um rapaz inglês de nome Charlie Chaplin.

O destino não foi diferente para Lilian, que levou a sério o trabalho considerado na época "menor" e acabou encantando o diretor D.W. Griffith, o chefão da Biograph, com seu charme inocente. Enquanto Dorothy se entregava às comédias ligeiras

Sygma

Sygma

Lilian e Dorothy posam para a posteridade. Abaixo, Miss Gish em *The Scarlett Letter*



e farsas de costume, Lilian era escalada para filmes de época e contundentes dramas de crítica social.

Foi o caso, por exemplo, de *Coração Materno* (*The Mothering Heart*), de 1913, no qual interpreta uma esposa grávida abandonada pelo marido. Quando seu bebê nasce morto, ela se entrega a um frenesi histérico destruindo todos os botões de rosa do jardim prestes a desabrochar. A trama lacrimejante, descabelada mesmo para os padrões da época, foi salva graças à interpretação de Lilian, que começa ali a lançar bases para um tipo de atuação em um veículo "com potencial de expressão artística muito mais abrangente do que o palco" (palavras da própria). Lilian não só acreditava que os atores deveriam dar palpite na construção dessa ou daquela cena como exercitava isso com fervor junto a Griffith e outros cineastas durante toda a sua carreira.

Foi o que ocorreu em 1919 no filme *Broken Blossons*: ela era a filha maltratada de um lutador de rua que, ao descobrir que a jovem mantinha um romance com um oriental, literalmente a põe a nocaute. O desespero da moça é tão grande enquanto tenta fugir dos punhos assassinos que até o próprio Griffith achou que Lilian tinha ido longe demais na interpretação. A ponto de ter deixado toda a equipe sem fôlego. A crítica adorou, o público comprou muitas entradas e encharcou muitos lenços.

A parceria Gish-Griffith (que também aconteceu entre Garbo e Stiller, Dietrich e Stenberg) durou nove anos (entre 1912 e 1920 ela participou de cerca de sessenta filmes) e produziu obras-primas da cena muda como os grandiloqüentes *Nascimento de uma Nação* (*The Birth of a Nation*), de 1916 (no qual ela tem papel de destaque) e *Intolerância* (*Intolerance*), também de 1916 (no qual é apenas a mulher que embala o berço, que abre e encerra o épico). Em *Órfãs da Tempestade* (*Orphans of the*

Sygma

Storm), de 1921, o diretor reuniu as irmãs Gish e criou um campeão de bilheteria que rendeu argumento para mais de um dramalhão de circo.

Depois de encerrar a parceria com Griffith, Lilian Gish havia se tornado não só uma atriz respeitada fora da comunidade cinematográfica como também uma personalidade influente dentro da indústria de ilusões. Era praticamente dona de seu nariz, escolhendo roteiros e ganhando a peso de ouro. Fez filmes para uma produtora independente e finalmente recebeu um convite dourado da toda-poderosa Metro Goldwyn-Mayer. Porque era atriz séria, fez na MGM, a partir de 1925, várias heroínas trágicas de época, como *A Dama das Camélias*, de 1926, e *O Vento* (*The Wind*) de 1928, no qual é violentada por um bandoleiro do Velho Oeste, despacha o crápula desta para melhor e depois enlouquece. Miss Gish era fogo!

De repente, a tela grande e prateada foi tomada por garotas de saias curtas e cabelos *à la* garçonne que fumavam e tinham amantes às dúzias... como rosas. Chamavam-se Greta Garbo, Clara Bow, Louise Brooks e Joan Crawford. Eram modernas, despreocupadas e, mesmo diante da tragédia, não perdiam a pose, borravam o batom ou desmanchavam o penteado. As heroínas sofredoras de Lilian Gish começavam a virar peça de museu. Muito esperta, ela voltou para onde tinha começado, na Broadway. Todos aplaudiram a estrela do cinema mudo que não só possuía um belo registro vocal como sabia se movimentar no palco com invejável desenvoltura.

Mas o cinema era o habitat natural de Lilian, que voltaria, então, como uma simpática anciã em 1947 no clássico *Duelo ao Sol* (*Duel in the Sun*), outra tentativa do produtor David O. Selznick para repetir o campeoníssimo *...E o Vento Levou*. Na trama, ela era mais uma vez uma figura trágica, como a mãe dos cowboys Gregory Peck e Joseph Cotten, que travam briga de foice pelo amor da bela mestiça Jeniffer Jones. Também participou de outros dois westerns: *O Mensageiro do Diabo* (*The Night of the Hunter*), de 1955, e *Unforgiven*,

Stills

À esquerda, Lilian faz a mãe de Burt Lancaster no western *Unforgiven*. Acima, com Bette Davis, seu último trabalho, *As Baleias de Agosto*

de 1960 (não confundir com o filme de Clint Eastwood).

Seu canto do cisne não poderia ser mais glorioso. Em 1987 fez *Baleias de Agosto* (*The Whales of August*), de Lindsay Anderson, dividindo a cena com outros monstros sagrados: Bette Davis, Ann Sothern e Vincent Price. O filme foi saudado como tributo à realeza de Hollywood. Lilian estava com 90 anos e saiu-se muito bem no duelo de metralhadora com Davis. No filme, ela faz a irmã boa-praça de Bette (mais uma vez megera), a quem as perdas, a velhice e a doença não diminuíram a vontade de viver. Cena principal: diante do retrato do marido morto há pelo menos meio século, Lilian se veste com esmero e coloca sobre a mesa um vaso com duas rosas, uma branca e outra vermelha. Branco para o amor, vermelho para a paixão. O *tour de force* lhe valeu uma indicação para o Oscar de atriz coadjuvante. Saída de cena mais digna, impossível. Aplausos!

Mario Mendes

Hardcore

Bem que V.Sas. poderiam parar com essas frescuras de Takes, Outsider, Dark, Noir, Sex-Thriller, Hardcore, Début, Showbiz (esta é demais), Crème de la crème (esta deve ter sido desenterrada da coluna do Imbrahim Sued, da década de sessenta), e outras idiotices semelhantes, totalmente desnecessárias. Que saco! Estamos no Brasil, pombas!
Roberto A, Nogueira
Toledo/ Paraná

Oscar

Há tempos esperava ver nesta revista uma matéria contendo todos os ganhadores do Oscar, desde a sua criação. Parabéns pela matéria e principalmente por terem incluído, ao lado da relação dos ganhadores, curiosidades sobre os bastidores do Oscar. Gostaria de sugerir também que fosse feita uma retrospectiva sobre os ganhadores do Festival de Cannes.
Ainda sobre o Oscar: comparei a lista de vocês com a do Almanaque Abril e surgiram algumas pequenas diferenças. São elas:
1928-1929 - Ator: Warner Baxter por *No Velho Arizona* (SET)
1928-1929 - Ator: Warner Baxter por *No Aúreo Arizona* (Almanaque Abril)
1938 - Ator Coadjuvante: Walter Brennan por *Kentucky* (SET)
1938 - Ator Coadjuvante: Walter Brennan por *Romance do Sul* (Almanaque Abril)
1949 - Atriz: Olivia de Havilland por *Tarde Demais* (SET)
1949 - Atriz: Olivia de Havilland por *A Herdeira* (Almanaque Abril)
Marcelo Y. Fernandes
Cáceres/MT

Sua lista de desacordos é extensa, Marcelo, e por isso não a publicamos na íntegra. Em todos os casos citados,mesmo os não publicados aqui, SET acertou.

Estrelas

Tem uma coisa que sempre me incomodou na seção *Videolançamentos*: duas propostas antagônicas convivem no mesmo espaço da revista e o critério de avaliação dos filmes torna-se, naturalmente, desparatado. Um exemplo caro disso foi o filme *A Mão que Balança o Berço*. Tá certo, eu até concordo com a autora do artigo, e também acho que o filme não é uma obra-prima do suspense. Mas dar uma estrela (ruim) para ele é forçar a barra um pouco, não é? Em uma edição anterior, o filme do John Carpenter, "*Eles Vivem*", ganhou três estrelas, o que, na minha opinião, também é forçar a barra. Tudo bem que estamos vivendo numa época de ovação aos filmes B. Mas vamos com calma, o Carpenter tem filmes B melhores. Eu considero uma injustiça o coitado do *A Mão que Balança o Berço* levar apenas uma estrela, independente dos defeitos que ele possa ter.
Cleido Vasconcelos
Ribeirão Preto/SP

Estrelas (II)

Venho manifestar minha indignação pelo comentário feito na seção *Videolançamentos* do filme *A Mão que Balança o Berço*. A autora da matéria, ao classificá-lo como ruim, mostra que realmente não entende nada do assunto. O filme foi a oitava bilheteria nos EUA e conseguiu absoluto sucesso nos cinemas brasileiros. Um suspense envolvente e realmente muito bom que conta com a atuação de Rebecca de Mornay, revelando-se uma grande atriz.
Marcelo Stifft
São Lourenço do Sul/RS

Mutilação

De que adianta o trabalho de elaborar uma carta para a citada seção se, ao ser publicada, tal carta aparece praticamente mutilada? Estou frustrado, não há palavras. É deprimente.
L.F. Haiml
Taquara/RS

Infelizmente, muitas das cartas que recebemos são extensas e, para que todas possam ser publicadas, temos de resumi-las. Procuramos sempre, no entanto, manter intactas as idéias e argumentos do leitor.

Críticas e sugestões

O leitor: a fronteira final.Ele exige, educadamente ou com falácia, o que quer, não o que sabe fazer. A redação sabe como fazer, mas nem sempre o que o leitor quer. É preciso haver colaboração. Ou muito me engano, ou não houve a observação deste princípio quando elaboraram um novo formato para a SET. Trecho do editorial da edição numero 52: "...Algumas seções desapareceram para se integrar no corpo de matérias mais vivas e outras ganharam mais espaço para informar muito melhor."
1- O espaço destinado a informar melhor tem sido ocupado por fotos de página inteira,bem como boa parcela das matérias da revista.
2- A divisão das seções identificava a matéria e dinamizava a revista.
3- As seções *Tempos Modernos* e *Filmoteca* foram suprimidas,dificultando os leitores que se interessam na história do cinema mundial.
4- Onde estão as selecões de vídeo que seguidamente surgiam com material de consulta?
5- Qual o motivo para o abuso de cores na revista?
6- Excetuando o material sobre Drácula,onde estão os ensaios de filmes antigos e filme-B?
7- Houve um decréscimo de cartas publicadas,isso é por falta de espaço?
8- O que houve com a cobertura dos festivais de cinema dos países latinos e europeus?
O meu aplauso vai para a matéria "Toda a História do Oscar, o Homem e o Mito" e "Como Comprar um Oscar", e para as seções: *Livros,Trailer, Parada, Bolsa de Cinema, Estréia nos EUA, Mito.*
L.C. da Costa
Porto Alegre/RS

X da questão

Gostaria de parabenizar a coragem da revista em divulgar as palavras da filha de Malcon X, Attalah Shabazz, revelando assim de forma clara e objetiva o outro lado (aliás, o mais genuíno) do diretor Spike Lee.
É muito estranha esta gana de Lee em filmar a vida de Malcon X. Afinal, os direitos da biografia deste estavam comprados desde 1967 mas foi só alguém se propor a filmar esta biografica que Lee se mostrou disposto a fazer o mesmo. Para tanto, não mediu esforços, usando até a filosofia de que "um branco não teria o direito de filmar a vida de um ativista negro". Se essa é a linha de raciocíno a ser seguida, por que Lee aceitou dinheiro de um estúdio dirigido por brancos para fazer seu filme? Será que todos os roteiristas, cenógrafos, maquiadores, figurinistas da equipe eram negros?
Lee utiliza sua cor para passar-se por vítima, por discriminado, e assim conseguir as coisas que deseja, ganhar muito dinheiro e fazer pouco ou nada de real para os negros.
Em resumo, a negritude de Spike Lee é como a sexualidade de Madonna ou a violência de Axl Rose: puro marketing.
Fárlley Rodrigues
São Paulo/SP

Elogios

Que presentão a edição 69 de SET! Assinante de SET nestes anos todos, tenho achado que os leitores às vêzes têm críticas justas, outras, injustas. Mas a verdade é que não podemos agradar a gregos e troianos e SET preenche (muito bem, diga-se) a falta que temos de publicacões de cinema e vídeo no país.
Elio S. Nascimento
Nova Iguaçu/ RJ

Malho

SET é uma ótima revista mas discordo das críticas feitas ao filme *Perfume de Mulher* na matéria de José Emilio Rondeau, na seção *Novos Filmes* e no encarte especial sobre o Oscar 93. *Perfume de Mulher* não é um "dramalhão medíocre e sentimentalóide", mas um filme simples, comovente e cativante, que tem na interpretação de Al Pacino não a "única coisa suportável", mas sim uma inesquecível e fascinante atuação.
Ana C. A. Almeida
Porto Alegre/RS

Errata

Na edição 3, ano 7, seção *Takes Especial* – "Ouro para os Eleitos" –, Clint Eastwood e Catherine Deneuve estão acompanhados por James Coburn e não Lee Marvin, como consta na legenda.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Edson Arantes
Editora: Deborah Peleias
Editor-Executivo: Dilson Pedro Gomes
Editor-Contribuinte: André Forastieri
Redator: Walter de Silva
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Colaboradores - Texto: André Hidalgo, André Barcinski, André Tomé, Atilio Leone, Carlos José Ribeiro, César Garcia Lima, Christian Petermann, Dóris Fleury, Fernanda Teixeira, Francisco Costa, Hamilton Rosa Junior, Jefferson de Souza, Luis Carlos Merten, Marcos Strecker, Marcelo Rezende, Mário Mendes, Mauricio Stycer, Niki Nixon, Roberto Rios, Sheila Nassar, Thales de Menezes, Vitor Paolozzi, Wagner Almeida Silva. **Fotografia:** Ivan Cameiro, Rui Mendes. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos. **Ilustração:** Maria Amélia, Kiper. **Arte:** Renata Borges. **Tradução:** Luis Chagas

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rahier
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Tânia Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET 71 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1486. CP 4816. Telegramas: Editabril/Abril Press. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: Circulação desta revista: **maio/93.** **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP ANER - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 **Fotolito:** Fotoline Ltda., Postscript Artes Gráficas e Bureau Azul
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

SET
CINEMA & VÍDEO
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 261-7070
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05066-900 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: _____

VOCÊ NÃO VIU NADA IGUAL!

Entrevistas, lançamentos, charme, bom gosto, mulheres sensualíssimas. O mundo do vídeo erótico mostrado como você nunca viu.

REVISTA *SET* ESPECIAL

VÍDEO EROTICO

O Melhor do vídeo Erótico

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

LILLIAN GISH

Nasceu em 1896, em Springfield, Ohio, EUA. Morreu em 28 de fevereiro de 1993.

Como Atriz: 1912: AN UNSEEN ENEMY (de D.W. Griffith); TWO DAUGHTERS OF EVE (de D.W. Griffith); IN THE AISLES OF THE WILD (de D.W. Griffith); THE ONE SHE LOVED (de D.W. Griffith); THE MUSKETEERS OF PIG ALLEY (de D.W. Griffith); MY BABY (de Frank Powell); GOLD AND GLITTER (de Frank Powell); THE NEW YORK HAT (de D.W. Griffith); THE BURGLAR'S DILEMMA (de D.W. Griffith); A CRY FOR HELP (de D.W. Griffith) ■ 1913: OIL AND WATER (de D.W. Griffith); THE UNWELCOME GUEST (de D.W. Griffith); THE STOLEN BRIDE (de O' Sullivan); A MISUNDERSTOOD BOY (de D.W. Griffith); THE LEFT-HANDED MAN (de D.W. Griffith); THE LADY AND THE MOUSE (de D.W. Grifith); THE HOUSE OF DARKNESS (de D.W. Griffith); JUST GOLD (de D.W. Griffith); A TIMELY INTERCEPTION (de D.W. Griffith); JUST KIDS (de Henderson); THE MOTHERING HEART (de D.W. Griffith); DURING THE ROUND UP (de D.W. Griffith); AN INDIAN'S LOYALTY (de Frank Powell); A WOMAN IN THE ULTIMATE (de D.W. Griffith); A MODEST HERO (de D.W. Griffith); SO RUNS THE WAY (de D.W. Griffith); THE MADONNA OF THE STORM (de D.W. Griffith); THE BLUE OR THE GRAY (de Cabanne); THE CONSCIENCE OF HASSAN BEY (de Cabanne); THE BATTLE AT ELDERBUSH GULCH (de Cabanne) ■ 1914: THE GREEN-EYED DEVIL (de Kirkwood); THE BATTLE OF THE SEXES (de D.W. Griffith); THE HUNCHBACK (de Cabanne); THE QUICKSANDS (de Cabanne); HOME, SWEET HOME (de D. W. Griffith); JUDITH OF BETHULIA (de D.W. Griffith); SILENT SANDY (de Kirkwood); THE ESCAPE (de D.W. Griffith); THE REBELLION OF KITTY BELLE (de Cabanne); LORD CHUMLEY (de Kirkwood); MAN' S ENEMY (de Frank Powell); THE ANGEL OF CONTENTION (de O' Brien); THE WIFE; THE TEAR THAT BURNED (de O' Brien); THE FOLLY OF ANNE (de O' Brien); THE SISTERS (de Cabanne); HIS LESSON ■ 1915: O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO (*The Birth of a Nation*, de D.W. Griffith); THE LOST HOUSE (de Cabanne); ENOCH ARDEN (AS FATE ORDAINED) (de Cabanne); CAPTAIN MACKLIN (de O' Brien); SOULS TRIUMPHANT (de O' Brien); THE LILY AND THE ROSE (de Paul Powell) ■ 1916: DAPHNE AND THE PIRATE (de Cabanne); SOLD FOR MARRIAGE (de Cabanne); AN INNOCENT MAGDALENE (de Dwan); INTOLERÂNCIA* (*Intolerance*, de D.W. Griffith); DIANE OF THE FOLLIES (de Cabanne); PATHWAYS OF LIFE; FLIRTING WITH FATE (de Cabanne); THE CHILDREN PAY (de Ingraham) ■ 1917: THE HOUSE BUILT UPON SAND (de Morrissey) ■ 1918: HEARTS OF THE WORLD (de D.W. Griffith); THE GREAT LOVE (de D. W. Griffith); LIBERTY BOND (de D.W. Griffith); THE GREATEST THING IN LIFE (de D.W. Griffith); THE ROMANCE OF HAPPY VALEY (de D.W. Griffith) ■ 1919: LÍRIO PARTIDO (*Broken Blossoms*, de D.W. Griffith); TRUE HEART SUSIE (de D.W. Griffith); THE GREATEST QUESTION (de D. W. Griffith) ■ 1920: WAY DOWN EAST (de D.W. Griffith) ■ 1921: ORFÃS DA TEMPESTADE (*Orphans of the Storm*, de D.W. Griffith) ■ 1923: THE WHITE SISTER (de King) ■ 1924: ROMOLA (de King) ■ 1926: MIMI EN LA BOHEME (de Vidor); THE SCARLET LETTER (de Seastrom) ■ 1927: ANNIE LAURIE (de Robertson); THE ENEMY (de Niblo) ■ 1928: O VENTO (*The Wind*, de Seastrom) ■ 1930: ONE ROMANTIC NIGHT (de Stein) ■ 1933: HIS DOUBLE LIFE (de Hopkins e Willian de Mille) ■ 1942: OS COMANDOS ATACAM DE MADRUGADA (*Commandos Strike at Dawn*, de Farrow) ■ 1943: TOP MAN (de Lamont) ■ 1946: A VIDA É UMA SÓ (*Miss Susie Slagle's*, de John Berry); DUEL IN THE SUN (de Vidor) ■ 1948: O RETRATO DE JENNIE (*Portrait of Jennie*, de Dieterle) ■ 1955: PAIXÕES SEM FREIOS (*The Cobweb*, de Vincente Minnelli); O MENSAGEIRO DO DIABO* (*The night of the Hunter*, de Charles Laughton); SALUTE TO THE THEATRES ■ 1958: ORDEM PARA MATAR (*Order to Kill*, de Anthony Asquith) ■ 1960: O PASSADO NÃO PERDOA (*The Unforgiven*, de John Huston) ■ 1966: FOLLOW ME, BOYS! (de Tokar); WARNING SHOUT (de Kulik) ■ 1967: THE COMEDIANS (de Glenville) ■ THE COMEDIANS IN AFRICA ■ 1970: HENRI LANGLOIS (de Hershon e Guerra) ■ 1976: TWIN DETECTIVES ■ 1978: CERIMÔNIA DE CASAMENTO (*A Wedding*, de Altman) ■ 1981: THIN ICE ■ 1983: HOBSON'S CHOISE; 1984: HAMBONE AND HILLIE* (de Watts) ■ 1986: DOCE LIBERDADE (*Sweet Liberty*, de Alan Alda) ■ 1987: AS BALEIAS DE AGOSTO* (*The Whales of August*, de Lindsay Anderson).

Como Diretora: 1920: REMODELING HER HUSBAND

* *disponível em vídeo*

NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Nasceu em 22 de outubro de 1928, em São Paulo, capital.

Como Diretor:

Longas-Metragens: 1956: RIO, 40 GRAUS* ■ 1957: RIO, ZONA NORTE* ■ 1961: MANDACARU VERMELHO* ■ 1963: BOCA DE OURO e VIDAS SECAS ■ 1967: EL JUSTICEIRO ■ 1968: FOME DE AMOR* ■ 1971: AZYLLO MUITO LOUCO ■ 1972: COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS* ■ 1973: QUEM É BETA? ■ 1975: O AMULETO DE OGUM* ■ 1977: TENDA DOS MILAGRES ■ 1981: ESTRADA DA VIDA ■ 1984: MEMÓRIAS DO CÁRCERE ■ 1987: JUBIABÁ.

Documentários, curtas e médias-metragens: 1950: JUVENTUDE ■ 1965: UM MOÇO DE 74 ANOS ■ 1965: O RIO DE MACHADO DE ASSIS ■ 1966: FALA BRASÍLIA e CRUZADA ABC ■ 1973: CIDADE LABORATÓRIO DE HUMBOLDT 73 ■ 1978: NOSSO MUNDO ■ UM LADRÃO (INSÔNIA) ■ 1982: MISSA DO GALO e A ARTE FANTÁSTICA DE MARIO GRUBER.

Como assistente de diretor: 1951: O SACI ■ 1952: AGULHA NO PALHEIRO ■ 1953: BALANÇA MAS NÃO CAI.

Como Produtor: 1958: O GRANDE MOMENTO ■ 1965: A OPINIÃO PÚBLICA ■ 1975: AVENTURAS AMOROSAS DE UM PADEIRO ■ 1977: A DAMA DO LOTAÇÃO.

DESESPERO MUDO

Lilian Gish em *O Nascimento de Uma Nação* (*The Birth of a Nation*, 1915), de D. W. Griffith

Sygma

FOTO PB: ROCHELE COSTI/ FOTO COR: MARIO FONTES/LA LALALA LALALA

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

CÂMERA

VHS-C
NV-S500 PN(*)
NV-G200 PN

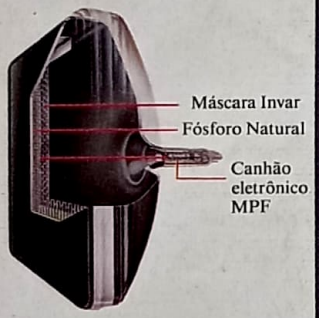
MULTI LASER DISC PLAYER

LX-K700(*)
LX-101

VIDEOCASSETE
NV-J48BR(*)

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.



TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.

OBRA DE RITA QUEIROZ

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo. Conquiste este privilégio.

THE ONE

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

(*) À venda na Zona Franca de Manaus

Produtos Importados